

SOLANGE MENDES OLIVEIRA

**DERIVAÇÃO PREFIXAL: UM ESTUDO SOBRE ALGUNS
PREFIXOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS

2004

SOLANGE MENDES OLIVEIRA

**DERIVAÇÃO PREFIXAL: UM ESTUDO SOBRE ALGUNS
PREFIXOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Dissertação de Mestrado, na área de Teoria e Análise Lingüística, apresentada ao Curso de Pós - Graduação em Lingüística, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Maria Cristina Figueiredo Silva

Florianópolis

2004

A meus pais,

Helio e Nair

A meus filhos,

Ana Heloísa, Luís Gustavo e Luís Roberto

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Maria Cristina Figueiredo Silva pela orientação, dedicação, incentivo e pelas valiosas sugestões.

Agradeço ao professor Carlos Mito pelas valiosas sugestões.

RESUMO

Este trabalho analisa o comportamento dos prefixos *anti-*, *des-*, *in-*, *re-* e *sobre-*, com o intuito de obter informações que auxiliem no estabelecimento de padrões gerais para a formação de palavras por prefixação. Parte do estudo da distinção entre composição e derivação e divide-se em dois capítulos. No primeiro capítulo, abordam-se as posições tradicional, estruturalista e gerativista sobre a composição e a derivação prefixal, com o objetivo de procurar estabelecer a distinção entre esses dois processos de formação de palavras, como, também, esclarecer os problemas levantados por alguns prefixos que atuam tanto como formas presas quanto como formas livres na língua. Discute ainda o conceito de prefixos homófonos. No segundo capítulo, analisa-se o comportamento dos prefixos acima mencionados através das características das bases com que se combinam, a fim de verificar se esses elementos formativos apresentam um comportamento sistemático em seu processo de formação de palavras. Esta segunda parte do trabalho fundamenta-se essencialmente no arcabouço teórico da gramática gerativa desenvolvido por Aronoff (1976). As conclusões das análises efetuadas revelam que há regularidade e sistematicidade subjacentes ao processo de derivação prefixal e que os prefixos, por terem uma carga semântica pré-determinada, selecionam semanticamente as bases a que se unem.

Palavras-chave: prefixos; derivação prefixal; composição; formas livres; formas presas

ABSTRACT

This research analyzes the functions of the prefixes *anti-*, *des-*, *in-* *re-* and *sobre-* in order to get useful information to set general standards for word formation by prefixation. It starts on the study of the difference between composition and derivation and it is divided into two chapters. The first chapter deals with the traditional, structuralist and generativist positions on composition and prefix derivation, trying to establish the difference between these two processes of word formation. Furthermore, it also tries to shed light upon the problems caused by some prefixes which function both as bound and free forms in the language. It also discusses the concept of homophonic prefixes. The second chapter analyzes the functions of the prefixes through the characteristics of the bases they attached to each other, in order to check if those formative elements put forward a systematically manner in the word formation process. This second part of this research is essentially based on the theoretical foundation of generative grammar developed by Aronoff (1976). The analysis conclusions reveal that there actually is underlying regularity and systematization in the prefix derivation process and that, for having a predeterminate semantic charge, the prefixes select semantically the bases they are attached to.

Key-words: prefixes; prefix derivation; composition; free forms; bound forms

SUMÁRIO

RESUMO	5
ABSTRACT	6
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – PROCESSOS DE FORMAÇÃO LEXICAL	17
1. 1 CONSIDERAÇÕES GERAIS	17
1. 2 BASE, RAIZ E RADICAL	18
1. 3 O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS POR COMPOSIÇÃO	22
1. 3. 1 Introdução	22
1. 3. 2 Composição	23
1. 3. 2. 1 Composição com base livre	38
1. 3. 2. 2 Composição com base presa	39
1. 3. 3 Resumo	40
1. 4 O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS POR DERIVAÇÃO PREFIXAL	41
1. 4. 1 Introdução	41
1. 4. 2 Derivação Prefixal	42
1. 4. 3 O Prefixo	49
1. 4. 3. 1 Prefixação com base livre	53
1. 4. 3. 2 Prefixação com base presa	55
1. 4. 4 Prefixos Homófonos	56
1. 4. 5 Resumo	60
1. 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: PREFIXAÇÃO X COMPOSIÇÃO	60

CAPÍTULO II – ESTUDO DE PREFIXOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	65
2. 1 INTRODUÇÃO	65
2. 2 A HIPÓTESE LEXICALISTA	65
2. 3 ESTUDO DE PREFIXOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	74
2. 3. 1 Prefixo ANTI-	76
2. 3. 1. 1 Introdução	76
2. 3. 1. 2 Condições de produtividade	76
2. 3. 1. 3 Condições de produção: restrições	87
2. 3. 1. 4 Considerações finais	88
2. 3. 2 Prefixo DES-	91
2. 3. 2. 1 Introdução	91
2. 3. 2. 2 Condições de produtividade	91
2. 3. 2. 3 Condições de produção: restrições	103
2. 3. 2. 4 Considerações finais	106
2. 3. 3 Prefixo IN-	111
2. 3. 3. 1 Introdução	111
2. 3. 3. 2 <i>In-</i> negativo	112
2. 3. 3. 2.1 Condições de produtividade	112
2. 3. 3. 2. 2 Condições de produção: restrições	124
2. 3. 3. 3 Considerações finais	125
2. 3. 3. 4 <i>In-</i> “movimento para dentro”	127
2. 3. 4 Prefixo RE-	130
2. 3. 4. 1 Introdução	130
2. 3. 4. 2 <i>Re-</i> “repetição”	130
2. 3. 4. 2. 1 Condições de produtividade	130

2. 3. 4. 2. 2	Condições de produção: restrições	140
2. 3. 4. 3	Considerações finais	142
2. 3. 4. 4	<i>Re-</i> “movimento para trás”	144
2. 3. 5	Prefixo SOBRE-	146
2. 3. 5. 1	Introdução	146
2. 3. 5. 2	Condições de produtividade	148
2. 3. 5. 3	Condições de produção: restrições	155
2. 3. 5. 4	Considerações finais	156
2. 4	RESUMO	159
	CONCLUSÃO	163
	BIBLIOGRAFIA	167

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo analisar o comportamento dos elementos prefixais *anti-*, *des-*, *in-*, *re-* e *sobre-* com o intuito de obter informações que auxiliem no estabelecimento de padrões gerais para a formação de palavras derivadas por prefixação em português brasileiro contemporâneo.

Os prefixos são definidos pela tradição gramatical como formas presas, isto é, formas que não ocorrem isoladamente na língua; antepõem-se a um radical; podem unir-se a formas livres ou a radicais presos e têm como função modificar o sentido da palavra a que se unem, adicionando uma nova informação à informação básica da palavra primitiva, como em *ler/reler*, *fazer/desfazer*, formando, assim, palavras derivadas que mantêm uma relação de sentido com o radical derivante. Por corresponderem a advérbios ou a preposições gregas ou latinas, esses afixos têm um sentido mais ou menos preciso; entretanto, esses morfemas derivacionais não são classificados segundo a categoria da base a que se adjungem, como ocorre com os sufixos. Assim, aparentemente, esses elementos se adjungem a palavras pertencentes a todas e qualquer uma das grandes classes de palavras – nomes, verbos, adjetivos.

Quanto ao estudo do processo de formação de palavras por derivação, a tradição gramatical detém-se basicamente em segmentar as formas derivadas em prefixos/sufixos e radicais e em classificar esses afixos segundo a sua origem grega ou latina, com exemplos de formações prefixais e sufixais, agrupadas por certos traços semânticos, sem proceder a um estudo sistemático de outras particularidades de distribuição desses afixos. A gramática tradicional considera a derivação e a

composição como os processos básicos e bem distintivos de formação de palavras na língua; classifica como derivada a palavra formada de um só radical a que se anexam prefixos ou sufixos (ou ambos) e, como composta, a palavra que apresenta dois ou mais radicais que se combinam para formar esta nova palavra. O radical é definido como o morfema lexical que irmana as palavras de uma mesma família e lhes transmite uma base comum de significação, como em *terra*, *terrestre*, *térreo*, *terreiro*, em que se verifica que existe um elemento comum: *terr-*, que é o radical.

Entretanto, embora a distinção entre derivação e composição pareça ser bem clara para a maioria dos gramáticos, um estudo mais acurado revela que, na verdade, não é tão simples, em certos casos, determinar se uma dada palavra é derivada ou composta sob o ponto de vista sincrônico, isto é, sem lançar mão das listas de afixos ou radicais fornecidas pelas gramáticas normativas. Os critérios supostamente semânticos e sintáticos que são dados nas gramáticas colidem e não fornecem resultado claro.

Neste trabalho, discutiremos vários problemas apresentados por esta distinção, partindo do estudo da prefixação no português. O primeiro deles diz respeito à controvérsia quanto à prefixação ser um caso de derivação ou de composição. Formações como *inútil*, *reler*, *desfazer*, *transportar* são consideradas derivadas por apresentarem a estrutura prefixo (forma presa) + radical. Entretanto, há prefixos que correspondem a preposições e têm, portanto, uso autônomo na língua. É o caso de *sobre*, *entre*, *contra*, *com* e *em*, como exemplificado em (1):

- | | |
|---|---|
| (1) (a) <i>Sobrepor</i> , <i>sobrenatural</i> . | (a') João pôs o livro <i>sobre</i> a mesa. |
| (b) <i>Entreabrir</i> , <i>entrelaçar</i> . | (b') A cidade fica <i>entre</i> dois rios. |
| (c) <i>Contrapor</i> , <i>contrabalançar</i> . | (c') Léo posicionou-se <i>contra</i> o amigo. |

(d) *Compor, conter.*

(d') Tomou café *com* leite.

(e) *Enrolar, embolsar.*

(e') Bruno mora *em* Campinas.

Para Camara Jr. (1977, p.92), em tais casos não se deveria falar em derivação, mas, sim, em composição, pois os elementos *sobre, entre, contra, com e em* têm autonomia vocabular na língua e, quando se unem aos radicais, alteram profundamente a significação da palavra primitiva.

Já para Said Ali (2001, p.172), é plausível, à primeira vista, excluir a prefixação do processo de formação de palavras por derivação; entretanto, segundo o gramático, esse raciocínio “tropeça” ao analisar elementos formativos que não são usados isoladamente e funcionam apenas como prefixos, como *in-, re-, pre-, des-* e *ob-*, que somente são usados como formas presas.

O problema então está em estabelecer padrões gerais que nos levem à distinção entre a derivação e a composição, para então resolver a questão de prefixos que atuam tanto como formas presas quanto como formas livres na língua.

Um segundo problema a ser discutido neste trabalho quanto à distinção entre derivação e composição diz respeito à dificuldade em se distinguirem os prefixos de radicais presos ou radicais eruditos gregos e latinos, como *agro-, antro-po-, auto-, eco-* etc, formadores de compostos.

Vimos que o prefixo é definido como um afixo que se antepõe a um radical e tem a função de mudar o sentido da palavra a que se une, formando uma nova palavra; é uma forma presa, e pode unir-se a formas livres ou a radicais presos. Em formações como *desmentir, reler, incapaz*, por exemplo, destacam-se facilmente os prefixos *des-, re-* e *in*, mas a dificuldade está em distinguir o prefixo do radical preso em formações como em (2) e em (3):

- (2) a. antiaéreo, antiamericano, antiestresse
 - b. supermercado, supersensível, superpotência
- (3) a. agroindustrial, agronegócio, agropecuária
 - b. bianual, bisavô, biarticulado

As gramáticas tradicionais classificam as formações em (2a) e (2b) como palavras derivadas por prefixação e, em (3a) e (3b), como palavras compostas, ou seja, no primeiro caso teríamos a presença de um prefixo + radical e, no segundo caso, radical + radical. Mas que critérios são utilizados para caracterizar *anti-* e *super-* como prefixos e *agro-* e *bi-* como radicais? Qual seria o aporte semântico necessário para distingui-los? Ou a distinção não se pode fazer por nenhum critério sincrônico, apenas diacrônico?

O terceiro problema diz respeito a como estabelecer as características das palavras com que os prefixos se combinam. Esses afixos têm como função acrescentar significados específicos às palavras a que se unem; entretanto, esses elementos formativos não se adjungem aleatoriamente a qualquer palavra: temos *infeliz*, mas não **inalegre*; *inútil*, mas não **desútil*; *desdizer*, mas não **desfalar*; *refazer*, mas não **renadar*, por exemplo. A que elementos lexicais esse formativos derivacionais se aplicam? Quais suas restrições morfológicas, semânticas e/ou sintáticas?

O quarto problema quanto à prefixação (na verdade, um problema geral da afixação) está em estabelecer a relação que há entre afixos com identidade de forma, mas que levam a resultados que não permitem identificar unidade de significado, como o prefixo *des-* em *desfazer* “desmanchar” e *desnecessário* “não-necessário”; ou *re-*, em *refazer* “tornar a fazer” e *ressentir* “sentir muito”, por exemplo.

Assim, esta pesquisa tem como principal objetivo descrever e sistematizar, a partir do arcabouço da Gramática Gerativa – que tem entre seus objetivos explicitar e formalizar as regularidades que subjazem ao uso da língua - o processo de formação de palavras por derivação prefixal, buscando respostas para as seguintes questões que nortearão este estudo:

- a) A prefixação é um caso de derivação ou de composição?
- b) Formas como *com*, *contra*, *entre*, *em*, *sobre* são prefixos, formas livres ou são outra coisa qualquer?
- c) Palavras como *agronegócio*, *antiestresse*, *ecossistema*, *contra-produção*, *sobrepôr* são derivadas ou compostas? Que critérios nos levam a essa decisão?
- d) Os prefixos selecionam a base a que se adicionam ou são por elas selecionados?
- e) Existem prefixos homófonos?

Para buscar respostas a essas perguntas, dividiremos o trabalho em dois capítulos.

No primeiro capítulo, dedicar-nos-emos ao estudo do processo de formação de palavras por composição e por derivação, com o intuito de buscar informações para estabelecer as diferenças entre esses dois mecanismos morfológicos.

No segundo capítulo, faremos o estudo sistemático dos cinco prefixos selecionados: *anti-*, *des-*, *in-*, *re-* e *sobre-*, com o objetivo de delinear padrões gerais para a prefixação. Nossa atenção voltar-se-á para o comportamento desses formativos e, através da análise da estrutura das formações prefixadas e da observação das regularidades ou constâncias que se depreendem das unidades lexicais, esperamos chegar aos aspectos comuns ou modelos abstratos que subjazem

a essas formações. A partir do estabelecimento de um quadro comum, será possível especificar a categoria lexical da base a que esses afixos se adjungem e as possíveis restrições que se impõem à criação de novas palavras.

Procuraremos fundamentar a hipótese de que a interpretação semântica desses elementos está relacionada com os traços morfológicos, sintáticos e semânticos de suas bases, ou seja, trabalharemos com a hipótese de que os prefixos, por terem uma carga semântica pré-determinada, selecionam a base a que se unem. Se essa hipótese se comprovar, será possível estabelecer padrões gerais para a prefixação.

O critério adotado para a seleção dos prefixos levou em conta a inclusão de elementos que atuam como formas presas e/ou como formas livres na língua, assim como o grau de produtividade desses formativos, ou seja, foram selecionados elementos que estão presentes em várias palavras da língua.

Para analisar as formações prefixais, tomaremos como base um modelo apresentado por Rocha em *Estruturas Morfológicas do Português* (1999) para o sufixo *-eiro*. Aplicaremos o mesmo procedimento aos prefixos selecionados para estudo, procurando estabelecer as restrições de cunho morfológico, sintático, semântico ou fonológico que se impõem à formação de novas palavras.

Finalmente, uma conclusão apontando as principais questões discutidas em cada capítulo fechará o trabalho.

As palavras analisadas foram extraídas do *Dicionário Novo Aurélio* (1999) e de jornais de grande circulação, como *Folha de São Paulo*, *Gazeta do Povo* e revista *Veja*, referentes ao período de dezembro de 2002 a dezembro de 2003.

Para delimitar o campo de interesse e esclarecer o procedimento metodológico, as palavras serão analisadas sob o ponto de vista sincrônico, ou seja,

tendo em vista a sua produtividade atual. As explicações de caráter histórico serão invocadas somente quando necessário.

CAPÍTULO I – PROCESSOS DE FORMAÇÃO LEXICAL

1. 1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

Há dois motivos para se formarem palavras novas na língua: para se utilizar o sentido de uma palavra já existente em uma outra classe gramatical, e para se preencherem necessidades semânticas de nomeação. Os processos de formação de palavras em português apresentam, assim, duas funções centrais: a função sintática e a função semântica. (BASÍLIO, 1998)

Quando nomeamos invenções ou novos fatos, como em *secretária-eletrônica*, *reunião-churrasco*, *seguro-apagão* ou *hiper-recessão*, temos exemplos do acréscimo semântico. Quando utilizamos a idéia de uma palavra em uma outra classe gramatical, como em *hipotetizar* (v.), que vem de *hipotético* (adj.), temos presente a função sintática.

Destacam-se em português, basicamente, dois processos de formação de palavras: a derivação, em que se acrescentam afixos (prefixos ou sufixos) a um radical, como em *hiper-recessão* (em que temos o prefixo *hiper* anexado à forma livre *recessão*) e *hipotetizar* (verbo formado a partir da adição do sufixo *-izar* ao radical livre *hipotético*); e a composição, resultante da combinação de dois ou mais radicais livres e/ou presos, como em *reunião-churrasco*, *ecoturismo*, *agrovila* etc.

Costuma-se distinguir esses dois processos dizendo que, enquanto na derivação ocorre a anexação de um elemento não independente (o prefixo) a outro independente (forma ou radical livre), na composição combinam-se duas ou mais formas livres ou independentes.

Verifica-se, contudo, que a distinção entre palavras prefixadas e palavras

compostas apresenta uma certa complexidade. Como já mencionamos na introdução deste estudo, que critério usaríamos para estabelecer qual o processo de formação de palavras utilizado em *agronegócio*, *antiestresse*, *ecossistema* e *sobrenatural*? Ademais, certos prefixos, como *com-*, *contra-*, *entre-*, *em-*, *sobre-*, por corresponderem a preposições e terem, então, uso autônomo na língua, levam alguns gramáticos e teóricos da lingüística moderna a classificarem a prefixação com esses elementos como um caso de composição.

Distinguir, portanto, os dois processos de formação de palavras usando como critério a autonomia dos elementos leva a resultados contraditórios; esta é a razão pela qual devemos procurar outro critério para fazer a distinção entre palavras derivadas e compostas.

Para estudar este problema, abordaremos primeiramente neste capítulo os conceitos de base, raiz e radical, noções que consideramos essenciais neste estudo. Em seguida, dedicar-nos-emos ao estudo da distinção entre os dois principais processos de formação lexical na língua portuguesa: a composição e a derivação, com o intuito de responder a questão acima colocada.

1.2 BASE, RAIZ E RADICAL

Antes de iniciarmos especificamente o estudo dos processos de formação lexical, é necessário que coloquemos a definição precisa dos conceitos de base, raiz e radical.

Os conceitos de radical e raiz são tratados de maneira bem uniforme, tanto por gramáticos, como por teóricos estruturalistas e gerativistas.

O radical, segundo Faraco (2000, p.154), é o morfema lexical que se refere

“ao mundo biológico, social ou psicológico”. É a parte da palavra que contém o “significado propriamente dito, que se relaciona com o mundo extralingüístico”; é a parte fixa, invariável da palavra, à qual se anexam prefixos e sufixos, como exemplificado em (1):

(1) a. TERRa	b. BELO
TERRestre	BELeza
enTERRar	emBELezar

Para Camara Jr. (1972, p.91), o morfema lexical, denominado *semantema*, contém “a representação lingüística do mundo dos objetos, entendendo-se por objetos (...) o mundo exterior com as suas coisas e fenômenos e o nosso mundo interior de sensações, volições e idéias”.

Já Cunha (1985) e Bechara (2001) denominam os morfemas lexicais de *morfemas livres*, pois têm significação externa, referente a noções do nosso mundo (*céu, feliz, andar, tristemente*). Estes elementos, que são os substantivos, adjetivos, verbos e os advérbios de modo em *-mente*, pertencem, segundo Macambira (1978), a um sistema aberto, isto é, seu número é em princípio indeterminado, pois é sempre possível acrescentar um novo elemento à série, já que servem para formar novas palavras.

O radical vem a ser uma das formas assumidas pela raiz nas diversas realizações de uma palavra e é, portanto, distinto da raiz, que é a forma ligada à significação histórica da palavra. Assim, a designação *raiz* é vinculada à perspectiva diacrônica, pois nem sempre há coincidência entre os enfoques sincrônico e diacrônico: em *reino* e *reinado*, o radical é *rein-*, ao passo que a raiz é *rex-*; em

estive/esteja, os radicais são, respectivamente, *estiv-* e *estej-* e a raiz é *est-*. Para se encontrar o radical de uma palavra, extraem-se as flexões de gênero e número e a parte comum às variações de flexão será o radical (DUBOIS et alii, 1997, p. 499). Cada palavra tem, portanto, o seu radical específico, que pode coincidir ou não com a raiz. (ROCHA, 1999, p.103)

A designação de um elemento da língua como *forma livre (free form)* foi inicialmente proposta pelo teórico estruturalista Bloomfield (1933, p.160), para indicar a forma que pode aparecer isolada e que por si só pode constituir um enunciado, como é o caso de substantivos, adjetivos, verbos e advérbios. Já a forma presa (*bound form*), segundo o autor, “é uma forma lingüística que nunca é falada sozinha...”¹ ou seja, é a parte que só aparece atrelada a outra, como os afixos (prefixos e sufixos) e as desinências (gênero, número e tempo). A esta classificação dicotômica de vocábulo, Camara Jr. (1972) acrescentou um terceiro conceito, o de forma dependente, entendida como aquela forma que não pode funcionar isoladamente como forma livre, mas também não é uma forma presa, por apresentar certo grau de liberdade, como, por exemplo, os clíticos, as preposições, os artigos etc.

Aos conceitos já estabelecidos de raiz e radical foram acrescentados, portanto, o conceito de *formas livres* como as formas que podem por si só constituir um enunciado, o de *formas presas* como as formas que integram um vocábulo, e o de *formas dependentes* (conceito introduzido por Camara Jr.) como as formas que não são nem livres nem presas.

Já o conceito de base foi estabelecido na morfologia gerativa por Jackendoff (apud BASÍLIO, 1980), que propõe que as entradas lexicais são separadas, mas relacionadas entre si, ou seja, uma entrada lexical é previsível pela existência de um

¹ Do original: “A linguistic form which is never spoken alone is a *bound form*...” (BLOOMFIELD, 1933, p.160.)

item lexical relacionado. Este conceito enfatiza o aspecto sistemático das relações lexicais que se realizam no nível do léxico, e não a partir de uma raiz, como quer a gramática tradicional.

Surgiu, daí, na morfologia gerativa, uma preocupação especial com o conceito de base, ou seja, com o elemento que carrega significado e a partir do qual são formadas outras palavras na língua, visto que novas palavras são formadas sobretudo a partir de palavras pré-existentes, e não a partir de raízes ou radicais.

Para Katamba (1993, p.45), “a base é qualquer unidade à qual os afixos podem se adicionar”². Para Rocha (1999, p.100), a base é “uma seqüência fônica recorrente, a partir da qual se forma uma nova palavra, ou através da qual se constata que uma palavra é morfologicamente complexa”. Por exemplo, a partir da base *jornal* é possível formar *jornalista/jornaleiro* – daí o porquê de a base ser recorrente; e nas palavras *jornalista* ou *descontente*, por exemplo, constatamos que as bases são, respectivamente, *jornal* e *contente*.

Segundo o autor, a base será livre quando constituir uma palavra da língua, como *jornal*, *contente* ou *parafuso*, por exemplo, que são as bases livres que formam *jornalista/jornaleiro*, *descontente* e *parafusar*, respectivamente. Será uma base presa quando for um elemento que não existe como palavra da língua e não tiver, portanto, significação independente, como, por exemplo, *-gredir* de *agredir/regredir/progredir*, ou *agro-*, *eco-*, *auto-*, *aero-*, *antropo-*, *filo-* etc., elementos que a tradição gramatical chama de radicais gregos e latinos ou radicais eruditos. Às bases presas podem ser anexados prefixos, como em *regredir*; sufixos, como em *antrop-óide*; bases livres, como em *agri-cultura*; ou outras bases presas, como em *filo-logia*.

² Do original: “a base is any unit whatsoever to which affixes of any kind can be added”. (KATAMBA,1993, p45)

O conceito de base aplica-se, portanto, a bases livres e presas. As bases presas, segundo Rocha (1999, p.119), por não constituírem palavras da língua, não têm significação própria ou independente, mas podem ser identificadas porque apresentam um “conjunto de traços semânticos bem definidos”, como nas formações *ecologia*, *ecoturismo*, *ecovia*, *ecovila*, nas quais percebemos a seqüência recorrente *eco-*.

Já as bases livres correspondem a categorias léxicas: são os substantivos, adjetivos, verbos e advérbios.

A distinção entre base, raiz e radical pode ser assim exemplificada: em *verdureiro*, a base é *verdura*, o radical é *verdureir-* e a raiz é *verd-*; em *esclarecedor*, a base é *claro*, o radical é *esclarec-* e a raiz é *clar-*.

O termo *radical* é, portanto, “impróprio para definir formas lingüísticas como *eco-*, *antropo-*, *bio-*, *demo-* etc” (ROCHA,1999, p.189). Trata-se de bases presas, pois *radical*, como vimos, é a forma lingüística comum às flexões de uma palavra.

1. 3 O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS POR COMPOSIÇÃO

1. 3. 1 Introdução

Nesta seção, faremos, primeiramente, um sumário do tratamento dado ao processo de composição pela gramática tradicional, tomando como base as gramáticas de Said Ali (2001), Cunha e Cintra (1985), Faraco (2000), Bechara (2001) e Rocha Lima (1998). Abordaremos, a seguir, a posição de teóricos estruturalistas, como Mattoso Camara Jr. (1970,1971,1976,1977), Monteiro (2002) e Macambira

(1978, 2001); e de gerativistas, como Basílio (1989, 1998), Alves (1994), Sandmann (1991, 1996, 1997a) e Rocha (1999).

Em seguida, com base nos autores citados, destacaremos as características principais do processo de formação de palavras por composição, com o intuito de procurar estabelecer as diferenças entre palavras compostas e palavras prefixadas.

1. 3. 2 Composição

Segundo as gramáticas de Said Ali (2001), Cunha e Cintra (1985), Faraco (2000), Bechara (2001) e Rocha Lima (1998), a composição é um processo de formação lexical que consiste em formar uma nova palavra pela união de dois ou mais radicais. A palavra composta representa sempre uma idéia única e autônoma, muitas vezes dissociada das noções expressas pelos seus componentes, como por exemplo, *sempre-viva* (nome de uma flor), ou *criado-mudo* (nome de um móvel).

Cunha e Cintra (1985, p.104) classificam a composição em três diferentes níveis:

a) quanto à forma, os elementos de uma palavra composta podem estar justapostos, conservando cada um a sua integridade, como em *varapau* ou em *sempre-viva*; ou aglutinados, isto é, “intimamente unidos (...)”, caso em que se subordinam a um único acento tônico e sofrem perda de sua integridade fonética”, como em *planalto* ou *aguardente*, por exemplo.

b) quanto ao sentido, distingue-se numa palavra composta o elemento determinado que contém a idéia geral, do elemento determinante, que encerra a noção particular. Assim, em *guarda-florestal*, o termo *guarda* é o determinado e, *florestal*, o determinante.

c) quanto à classe gramatical dos seus elementos, uma palavra composta pode ser constituída das combinações de substantivos com outros substantivos, como também com adjetivos, verbos, numerais, pronomes e advérbios; de adjetivos combinados com outros adjetivos; de verbos combinados com outros verbos; de advérbios combinados com verbos ou com outros advérbios e, ainda, combinações por vezes curiosas, como *maria-vai-com-as-outras* ou *tomara-que-caia*.

Para Bechara (2001), a individualidade das palavras compostas com radicais livres, do tipo *criado-mudo*, se traduz: a) na escrita, pela mera justaposição de um radical a outro, normalmente separados por hífen; b) na pronúncia, pelo fato de ter cada radical seu acento tônico, sendo o último o mais forte e o que nos orienta na classificação da posição do acento nas palavras compostas. Por essa razão, *guarda-sol* é classificada como oxítone e *sempre-viva* como paroxítone. Segundo este autor, não há, em princípio, restrições para a criação de nenhuma palavra composta. Uma nova criação é sempre possível.

Segundo Cunha e Cintra, apesar de a escrita procurar refletir a distinção entre palavras compostas justapostas e aglutinadas, utilizando para isso o hífen, nem sempre os elementos justapostos vêm ligados por esse sinal gráfico, pois há os que se escrevem unidos, como *catavento*, *espaçonave*; há os elementos hifenizados, como *força-tarefa*, *projeto-piloto*; como há outros que conservam a sua autonomia gráfica, como *óculos de sol*, *fim de semana*, *estrada de ferro* ou *Idade Média*, por exemplo.

Segundo o *Manual de Ortografia* (LUFT, 2002), para se utilizar ou não o hífen em palavras compostas devem-se observar três condições: a) usa-se o hífen quando a significação global for distinta da significação individual das palavras componentes,

como em *carta-desabafo*, *cartão-alimentação*; b) não se utiliza este sinal gráfico quando houver diferença na pronúncia de fonemas, como nos contrastes *vara curta/varapau*, em que há pronúncia diferenciada do *a*; c) não se utiliza o hífen quando as palavras componentes não tiverem vida lexical autônoma, isto é, são bases presas, como *agroindustrial* (*agro-*) ou *ecoturismo* (*eco-*).

Para Camara Jr. (1971), o emprego desse sinal gráfico é incoerente e confuso, pois muitas vezes é omitido, mesmo em casos de justaposição, como em *passatempo*; outras vezes, juntam-se, através de um hífen, elementos fonologicamente distintos, isto é, elementos marcados por pausas na corrente da fala, ou por grupos de força diferentes, como em *vale-gás* ou *guarda-copos*.

Cunha e Cintra (1985, p. 111) abordam a questão de alguns radicais latinos e gregos que, modernamente, se comportam como prefixos, pois prestam-se para formações em série, apresentando, assim, um comportamento incomum para uma base presa, como *agro-* em *agroindustrial*, *agrodólar*, *agronegócio*, *agropecuária*; *aero-* em *aeroclube*, *aeromoça*; *auto-* em *autocrítica*, *auto-ajuda*, *auto-estima*. Os autores denominam esses radicais de *pseudoprefixos* ou *prefixóides*, porque além da peculiaridade acima citada, apresentam ainda as seguintes características: a) um acentuado grau de independência; b) uma “significação mais ou menos delimitada e presente na consciência dos falantes, de tal modo que o significado do todo a que pertencem se aproxima de um conceito complexo e, portanto, de um sintagma”; c) por terem, de um modo geral, menor rendimento do que os prefixos propriamente ditos.

Para Camara Jr. (1976, 1977), do ponto de vista formal, o tipo mais comum de composição é a junção de duas palavras independentes, em que cada uma conserva a sua individualidade mórfica: *obra-prima*, *salvo-conduto*. Ocorre então uma associação significativa e formal entre as duas palavras e daí resulta uma palavra

nova, em que se combinam as significações das que a constituem. Do ponto de vista fonológico, o composto pode ser justaposto (*carro-pipa*) ou aglutinado (*aguardente*). Do ponto de vista morfológico, pode ser um sintagma em que há subordinação de um elemento como determinante ao outro como determinado (*carro-pipa*), ou uma seqüência de elementos coordenados (*anglo-americano*).

No vocábulo composto por justaposição, segundo Camara Jr. (1971, p. 37), dois vocábulos fonológicos passam a constituir um só vocábulo formal, como *guarda-chuva*, por exemplo. Já na locução *forte chuva* há dois vocábulos fonológicos e dois vocábulos formais, como exemplificado abaixo. Os exemplos em (2) são do autor, que assim representa os graus de tonicidade: sílabas pretônicas = grau 1; sílabas postônicas = grau 0; sílabas tônicas = grau 3; sílabas subtônicas = grau 2:

(2) a. guarda-chuva

2 0 3 0

b. forte chuva

2 0 3 0

Segundo o autor, o que caracteriza o processo de composição não é apenas a junção de duas formas independentes, ou a existência de pauta acentual, mas a distinção reside sobretudo no campo morfossemântico. Em *guarda-chuva*, há uma unidade significativa em que um dos elementos não pode ser suprimido.

Já na aglutinação, os dois elementos se fundem num todo fonético, com um único acento, como em *aguardente*. A pauta acentual distingue, então, a justaposição da aglutinação, pois nesta haverá um só vocábulo fonológico, enquanto que naquela haverá dois vocábulos fonológicos.

A aglutinação, para este teórico, é um conceito meramente fonológico e diacrônico, pois o que a define é a passagem de dois vocábulos fonológicos a um único vocábulo. A prefixação, que Camara Jr. inclui no processo de formação de palavras por composição, apresenta também casos de aglutinação, como em *extraordinário*, ou de justaposição, com acentuação própria, como em *extra-curricular*. Para o lingüista, todos os vocábulos constituídos de formas presas ou de uma forma livre combinada com formas presas podem representar aglutinação, como em *pedófilo* e *preconceito*, respectivamente.

Em suma, para esse teórico, quando os elementos associados conservam sua individualidade, preservando seu próprio acento, tem-se a composição por justaposição, como em *guarda-chuva*; quando esses elementos se fundem num todo fonético, com um único acento, e o primeiro sofre alterações fonéticas, tem-se a composição por aglutinação, como em *aguardente*. Por isso, na aglutinação, o vocábulo composto corresponde a um só vocábulo fonológico, mas, na justaposição, o vocábulo composto corresponde a dois vocábulos fonológicos.

Já para Monteiro (2002, p. 185), a complexidade para se distinguir um vocábulo composto de uma locução está em se “interpretar a composição como um mecanismo morfológico. Na realidade, na maioria das situações tem-se um processo de natureza sintático-semântica”. A composição, para o autor, baseia-se, portanto, em critérios sintáticos, pois certos compostos têm uma estrutura interna que reflete a estrutura interna das orações e sintagmas. Em *dedo-duro*, por exemplo, há a combinação de um substantivo e um adjetivo no plano sintático, a julgar pela manutenção do processo de concordância nominal.

Para o autor, ao estudar o mecanismo da composição, nossas gramáticas o enquadram na parte referente à morfologia, apresentando exemplos que, devido às

relações de concordância ou regência, não constituem vocábulos morficamente compostos, porém, grupos sintáticos (*bolsa-escola, couve-flor*) ou sintagmas locucionais (*abridor de garrafa, casa de detenção, fim de semana*).

Outro equívoco das gramáticas, segundo o teórico, reside em apresentar a aglutinação e a justaposição como aspectos peculiares ou propriedades da composição, pois, por um lado, a aglutinação e a justaposição são processos fonológicos e não morfológicos e, por outro lado, não apenas na composição se verificam tais processos, mas também na derivação, como exemplificado abaixo. Os exemplos em (3) são do autor (2002, p. 188):

(3) derivação por aglutinação:

forma + oso = formoso; cento + avo = centavo

(4) derivação por justaposição:

alegre + mente = alegremente; sabiá + zinha = sabiazinha

(5) composição por aglutinação:

perna + alta = perna alta; água + ardente = aguardente

(6) composição por justaposição:

beija + flor = beija-flor ; passa + tempo = passatempo

Outra característica dos compostos, segundo Monteiro, é que nem sempre podemos determinar o seu significado a partir das palavras que os constituem, ou seja, o significado de um composto não é sempre a soma dos significados das partes (o que em semântica se chama de *composicionalidade*). Em *pernalta* e *boquiaberto*, por exemplo, o significado de cada composto inclui pelo menos em certa medida os significados das partes. Existem, porém, outros compostos que não parecem estar

nada relacionados com os significados das partes, como *mal-me-quer* ou *bem-te-vi*, por exemplo.

Já na derivação, o sentido das palavras prefixadas é, geralmente, composicional. Em *rever*, *refazer*, *retocar*, *reaparecer* etc., percebemos o sentido de “repetição”, “de novo” adicionado às bases pelo prefixo *re-*. O mesmo acontece com *des-* em *desfeito*, *desmontar*, *desanimado*, em que temos o sentido de “contrário de” adicionado às bases pelo prefixo. Em *antipolvente*, *antifurto*, *antipoluição*, o prefixo *anti-* adiciona o sentido de “prevenção”, “contra” às bases a que se adjunge.

Para os teóricos gerativistas Basílio (1998) e Rocha (1999), a composição configura-se como um processo autônomo de formação de palavras em português com a função explícita de nomear seres, eventos ou ações particulares.

Observa-se que essa característica apontada pelos teóricos acima é própria da composição e a distingue da derivação. Ao observar jornais e revistas, constatamos que várias palavras compostas são criadas com o intuito de nomear inventos, eventos ou ações particulares, como *secretária-eletrônica*, *boneco-espantalho*, *reunião-churrasco*, *carta-desabafo*, *bota-fora*, *força-tarefa*, *seguro-apagão*, *cartão-alimentação*, *bolsa-família* etc.

O processo de composição envolve, ao contrário da derivação, a junção de uma base a outra, livre e/ou presa, como em *guarda-chuva* (*guarda* + *chuva*), *luso-brasileiro* (*luso* + *brasileiro*) ou *agricultura* (*agri* + *cultura*); não há funções predeterminadas no nível dos elementos; não há elementos fixos na composição, pois “o ponto fixo é a estrutura e suas respectivas relações, e não os elementos lexicais que nela possam figurar”. (BASÍLIO, 1989, p.10).

Para Basílio (1989), o que caracteriza e define a função do processo de composição é a sua estrutura, de tal maneira que cada uma das bases que se juntam

para formar uma palavra tem seu papel definido pela estrutura.

A composição, segundo a autora, é um processo de formação de palavras que utiliza estruturas sintáticas para fins de nomeação, ou seja, tem como objetivo preponderante a função de nomeação e/ou caracterização de seres, eventos etc., através das combinações de significados particulares de elementos lexicais. A própria estruturação geral do processo de composição relaciona-se com a natureza de sua função, que é inteiramente diferente do da derivação: enquanto na derivação temos a expressão de noções comuns e gerais, a composição é um processo que vai permitir classificações cada vez mais particulares.

Essa nomeação de seres pode ser descritiva ou metafórica. Será descritiva quando um objeto for denominado a partir de suas características objetivas mais relevantes, como *estação-tubo*, *pára-raio*, *vale-transporte*, *guarda-sol*, *cartão-alimentação*, formações nas quais um elemento corresponde ao núcleo da composição e o outro é o elemento particularizante, correspondente ao especificador. A nomeação será metafórica quando, ao invés de caracterizar os seres ou objetos por critérios objetivos, estabelece para estes uma descrição em termos de propriedades associativas, como *unha-de-fome*, *mão-de-vaca*, *sempre-viva*, *dedo-duro*.

Nas denominações metafóricas por composição, segundo a autora, podemos reconhecer a metáfora, uma vez conhecido o significado do composto. Mas não podemos inferir o significado desta formação através da simples observação das formas. Essa é a diferença fundamental entre compostos descritivos e compostos metafóricos. Portanto, o distanciamento entre o significado do todo e o significado das partes é normal nas formas compostas pela própria função de nomeação; esse distanciamento é especialmente acentuado no caso das formações metafóricas.

Em suma, para Basílio, a composição de palavras utiliza a estruturação

sintática para fins de criação lexical; constitui-se num processo de função semântica, mas sem elementos semânticos em sua estrutura; tem por objetivo fundamental a denominação, na qual se revela nitidamente a importância da função metafórica no mecanismo da criação lexical.

Dessa forma, para Basílio (1998), não é de surpreender o fato de a composição de palavras situar-se muito mais no nível do lexical, do coloquial, do regional e até do esporádico, em oposição à derivação, que é mais freqüente na língua formal e mais estável em suas produções.

Com base nessas características da composição e da derivação apontadas por Basílio, vemos que a função do processo de composição leva a um distanciamento sistemático entre o significado de uma palavra composta e o significado da função e estrutura das partes componentes.

Para Sandmann (1996, p.129), a função nominativa não é suficiente para caracterizar um composto. É necessário ainda o “isolamento semântico”, isto é, o composto passa a constituir uma nova unidade lexical, com uma seqüência fixa e com significado próprio: *dedo-duro*, por exemplo, passa a significar “delator” e não mais “dedo que é duro”.

Já para Alves (1994), uma das características dos compostos é que a palavra composta, que funciona morfológica e semanticamente como um único elemento, não costuma manifestar formas recorrentes – isto é, formas que se aplicam a várias bases sintáticas - o que a distingue da unidade constituída por derivação, em que se constata essa propriedade.

Essa característica da derivação, apontada pela autora, é facilmente observada em (7) abaixo, em que temos alguns exemplos de palavras derivadas, cujos elementos formativos são formas recorrentes, isto é, aplicam-se a várias bases

sintáticas, além de terem uma carga semântica pré-determinada, revelando, portanto, grande produtividade na língua:

- (7) a. antiestresse, antivírus, antiprivatização, antiamericano, antiguerra
b. contra-atacar, contradizer, contragosto, contrabandear, contrapartida
c. combater, contratar, confirmar, comprovar, conviver
d. desfazer, descontente, descontaminar, desclassificar, desordenar
e. entrelaçar, entrever, entrecortar, entrecruzar, entreabrir
f. invencível, infeliz, imbatível, impune, imensurável
g. reaquecer, reaparecer, reescrever, reforçar, retirar, reunir
h. sobreviver, sobrepor, sobrenatural, sobretudo

Com base nessa característica da derivação, pode-se constatar que *com-*, *contra-*, *entre-*, e *sobre-*, elementos que atuam como formas presas e como formas dependentes na língua, como também *anti-*, *in-*, *re-* e *des-*, que sempre atuam como formas presas, formam palavras prefixadas, pois são formas recorrentes, já que se prestam para formar inúmeras palavras que traduzem idéias comuns e gerais.

Assim como Basílio (1989), Alves (1994) também faz referência à estrutura sintática da composição. Para esta autora, uma das características deste mecanismo de formação de palavras é apresentar uma estruturação sintática subordinativa ou coordenativa, diferentemente do que ocorre na derivação.

Exemplos de estruturação sintática subordinativa temos em compostos do tipo substantivo + substantivo, em que o primeiro funciona como elemento determinado ou núcleo da construção; o segundo, como especificador ou determinante: *sofá-cama*, *peixe-espada*, *edifício-sede*, *idéia-chave*, *homem-aranha*. A

base determinada constitui um elemento genérico, ao qual o determinante acrescenta uma especificação, característica da classe adjetival.

A relação de subordinação é também expressa em composições de substantivo + adjetivo, em que o núcleo é o substantivo e o modificador/determinante é o adjetivo, independentemente da ordem de ocorrência: *má-fé*, *curto-circuito*, *obra-prima*, *caixa-alta*, *ipê-roxo*, *curta-metragem*. Em composições de verbo + substantivo, o substantivo tem função análoga à de objeto direto do verbo: *guarda-roupa*, *porta-bandeira*.

Já a função sintática de coordenação é expressa pela justaposição de substantivos, adjetivos ou membros de outras classes gramaticais. Processa-se sempre entre bases que possuem a mesma distribuição: *reunião-churrasco*, *social-democrata*, coleção *primavera-verão*, *corre-corre*, *vai-e-vem*. Nestes compostos por coordenação não há relação de subordinação do tipo determinado/determinante. As bases que compõem a unidade lexical desempenham a mesma função que a do elemento composto, isto é, pertencem à mesma classe de palavras e associam-se a fim de formarem uma nova palavra.

Nesses compostos coordenativos, segundo Sandmann (1996, p.118), há uma soma de ambos os constituintes, como em *bar-restaurante*, por exemplo, que é um estabelecimento que é ao mesmo tempo bar e restaurante.

Enfim, com base nos critérios colocados pelos diversos autores, podemos apontar as características do comportamento morfológico, sintático e semântico dos compostos e verificar quais palavras complexas se enquadram nas características mencionadas:

a) Na composição temos, via de regra, duas bases para formar uma nova

palavra, ocorrendo uma especialização de sentido: *queda-de-braço, dama-de-ferro, curta-metragem, peça-chave, força-tarefa, pisca-pisca* etc.

Verifica-se que palavras complexas como *anticorpo, reler, desfazer, combater, contraproducente, impossível* e *sobrenatural* não se adequam à propriedade acima, pois são formadas por uma base apenas, ou seja, os elementos *anti-, re-, des-, com-, contra-, im-* e *sobre-*, que integram as formações acima, são formas presas, pois apenas acrescentam um novo significado ao significado primitivo dos vocábulos em questão (*corpo, ler, fazer, bater, produtor, possível, natural*), mas não criam uma nova palavra, não ocorrendo, portanto, com essas formações, uma especialização de sentido.

b) Enquanto na derivação temos, normalmente, a expressão de noções comuns e gerais, como *infeliz, deslocar, sobrepor, antiaderente, refazer, propor, contrapor* etc., a composição é um processo que permite classificações cada vez mais particulares: *sapato-bomba, pente-fino, cartão-alimentação, pára-raio, eleitor-fantasma* etc.

c) A palavra composta representa sempre uma idéia única e autônoma, muitas vezes dissociada das noções expressas pelos seus componentes: *criado-mudo, unha-de-fome, vitória-régia, mal-me-quer, maria-vai-com-as-outras, cavalo-de-pau* etc.

O distanciamento entre o significado do todo e o significado das partes deve-se à própria função de nomeação; esse distanciamento é especialmente acentuado no caso das formações metafóricas: *dedo-duro, cabra-cega, pente-fino, linha-dura, força-tarefa* etc.

Já as palavras formadas por derivação mantêm, de um modo geral, uma relação de sentido com a base derivante: *retocar, desfazer, insensato, contraproducente, antiamericano, sobrevoar, antitosse* etc.

d) Quanto ao sentido, geralmente, distingue-se numa palavra composta o elemento determinado (o núcleo), que contém a idéia geral, do elemento determinante, que encerra a noção particular: *escola-modelo, bomba-relógio, palavra-chave*.

e) O processo de composição baseia-se em critérios sintáticos. A estrutura dos compostos reflete a estrutura interna de orações e sintagmas.

Com a utilização de estruturas sintáticas para fins de nomeação, os processos de composição permitem nomear eventos ou caracterizar seres pela junção de dois elementos semânticos, de existência independente no léxico, em apenas um elemento lexical: *navio-escola, tubo-de-ensaio, queda-de-braço*.

f) A combinação de elementos na formação de uma palavra composta é imprevisível, na medida em que depende das necessidades específicas de cada caso, além da alternativa metafórica: *pinga-fogo, célula-tronco, bate-e-volta, pão-duro, bate-chapa, boneco-catavento, sapato-bomba* etc.

g) A composição situa-se muito mais no nível do lexical, do coloquial, do regional e até do esporádico (*bate-boca, mão-de-vaca, tapa-buracos, porta-voz, dedo-duro, cara-de-pau, carta-bomba*), em oposição à derivação, que é mais freqüente na língua formal e mais estável em suas produções: *invencível, desterrar, sobressaltar*,

concorrer, subtrair, contradizer, incompreensível.

h) A palavra composta, que funciona morfológica e semanticamente como um único elemento, não costuma manifestar formas recorrentes, o que a distingue da unidade constituída por derivação.

Verifica-se que esta propriedade da composição, apontada acima por Alves (1994), é a que mais a diferencia da derivação, pois constata-se facilmente que das palavras que fazem parte de um composto, somente algumas se repetem em outras formações compostas: *bolsa-escola, bolsa-família; carta-bomba, homem-bomba, mulher-bomba; pára-brisa, pára-lama; porta-bandeira, porta-copos, porta-trecos*. Observa-se também que as palavras que raramente se repetem para formar outro composto são bases livres e, como tal, têm vida autônoma na língua.

Já as formas *re-, des-, in-, contra-* e *sobre-*, que formam palavras derivadas, são formas recorrentes, pois têm uma identidade semântica pré-determinada e repetem-se em várias palavras da língua: *refazer, reler, reeditar, remontar, revestir; desfazer, desmontar, desmatar; invencível, imbatível, inegável, impedir; contrapartida, contragosto, contraturno, contrapeso; sobretudo, sobrenatural, sobreviver, sobrepor* etc.

i) Nas palavras compostas com bases livres persiste a individualidade de seus componentes, traduzida pelo fato de ter cada palavra o seu acento tônico, como em *risco-país, cessar-fogo, maria-fumaça, longa-metragem, recém-nascido, célula-tronco* etc.

j) O processo de composição caracteriza-se não apenas pela junção de duas

formas independentes, ou a existência de pauta acentual de uma certa natureza, mas a distinção reside no campo morfossemântico. Em *guarda-chuva*, há uma unidade significativa em que um dos elementos não pode ser suprimido, assim como em *couve-flor*, *rádio-amador*, *palavra-chave* etc.

k) Há apenas um tipo de composição que parece apresentar uma função constante: verbo + substantivo (*guarda-chuva*, *guarda-roupa*; *porta-copos*, *portaluvas*; *pára-lama*, *pára-raio*). Podemos ver dois tipos de regularidade. O primeiro tipo seria a estrutura verbo + substantivo, que é usada para a formação de agentes, como *porta-bandeira*, ou instrumentais, como *porta-copos*, *pára-raio*, *sacacrolha* etc. A segunda regularidade é que temos estruturas parcialmente fixas, em que a posição do verbo é preenchida por verbos específicos, como *guarda-*, *porta-*, *saca-* e *pára-*.

l) O processo de composição forma sempre nomes e nunca verbos com bases livres: **cartão-alimentar*, **vale-transportar*, **seguro-desempregar*, **carta-desabafar*, **mal-me-querer*, **correr-correr* etc. Com bases presas, este processo de formação de palavras também não costuma formar verbos: **agronegociar*, **agroindustrializar*, **ecossistamar*, **aerodinamizar*, **geoprocessar* etc.

O comportamento de bases presas como *auto-*, integrando formações verbais, como *auto-avaliar*, *autocorriger*, *autodefender-se* etc.; ou *semi-* em *semilevantar*, *semi-abrir* ou *semi-apagar*, é atípico em se tratando de bases presas formadoras de compostos. O fato de determinadas bases presas atuarem como prefixos levou gramáticos como Cunha e Cintra (1985) e teóricos como Rocha (1999) e Sandmann (1997a) a denominá-las *prefixóides*.

Por outro lado, nas palavras formadas por derivação, temos os verbos *sobreviver, sobrepor, desmanchar, desgarrar, repor, retirar, superaquecer, superestimar, conviver, compor, entrever, entrecortar, incorrer, impor* etc.

O fato de o processo de composição formar verbos só em casos marginais e com bases presas específicas justifica-se por ser este um mecanismo de formação de palavras que tem como função dar nomes aos seres, eventos e fatos. Por esta razão, a palavra composta, independentemente da categoria lexical de suas bases, corresponderá, em quase a totalidade dos casos, a um nome (substantivo ou adjetivo): *sempre-viva* (nome de flor), *mal-me-quer* (nome de flor), *porta-copos* (nome de um objeto), *pára-lama* (nome de um objeto), *corre-corre* (nome de uma ação), *íalo-americano* (adjetivo pátrio) etc.

Passemos agora a algumas observações quanto à composição com base livre.

1. 3. 2. 1 Composição com base livre

Como já vimos, a base será livre quando constituir uma palavra da língua. Na composição com base livre, o primeiro termo é, geralmente, o núcleo e o segundo é o especificador, como em *escola-modelo, homem-bomba, seguro-desemprego, projeto-piloto, eleitor-fantasma* etc.

Para Sandmann (1991, p.66), aparentemente, do ponto de vista sintático ou morfológico, nenhuma formação composta é impossível. Entretanto, há “restrições semânticas que limitam a formação de adjetivos e substantivos compostos copulativos”, já que não se ligam quaisquer substantivos ou adjetivos para formar uma palavra composta. Isto significa que as palavras que compõem um composto

devem ser do mesmo campo semântico, pois formações como *árvore-transporte ou *vale-desabafo seriam incompreensíveis.

A composição com bases livres, como já apontou Camara Jr. (1976), constitui o tipo mais comum de palavra composta, em que cada um dos elementos componentes conserva a sua individualidade mórfica, como em *parede-mestre* ou *pé-de-galinha*.

1. 3. 2. 2 Composição com base presa

A formação de palavras compostas a partir de combinações de bases presas com bases livres é de grande produtividade na língua formal. Nas formas *agricultura* e *sociolingüístico*, *agri-* e *socio-* são consideradas bases presas, pois sozinhas não constituem palavras da língua. O mesmo acontece com a forma *eco-* de *ecossistema*, *ecovila*, *ecovia*, *ecoturismo*.

Nesse tipo de composição, que envolve pelo menos uma base presa, a função de denominação é a mesma. O segundo termo, segundo Basílio (1998), é o núcleo e o primeiro é o especificador, como em *ecossistema*, *ecoturismo*, *autocrítica*, *auto-estima*, *geopolítico*, *biodiversidade*, *socioterapia* etc., ao contrário do que encontramos na composição com bases livres, em que o primeiro termo é o núcleo e o segundo é o especificador, como em *diretor-geral*, *pedra-sabão*, *seguro-apagão* etc.

Já na composição com duas bases presas, característica da língua formal e tendo por objetivo a denominação na linguagem científico-tecnológica, não há espaço para a construção metafórica. Segundo a autora, as formações são sempre descritivas e eventuais distanciamentos entre o significado do todo e o das partes se devem a fatores usuais de evolução semântica, assim como os fatores de

diversificação terminológica: *aqueduto, quiromancia, necromancia, arborícola, etnologia, cefalalgia, telescópio* etc.

As formações compostas de bases presas apresentam possibilidades variadas de combinação. As formações mais freqüentes são limitadas, no entanto, a algumas poucas bases, geralmente listadas nas gramáticas normativas. Para Basílio (1998), algumas dessas bases se tornaram tão comuns que estão em vias de se transformarem em verdadeiros sufixos, como por exemplo, a base *log-*, que figura em palavras como *psicologia, patologia, gramatologia* etc.

Quanto à produtividade de certas bases presas, Sandmann (1997a) argumenta que quando formas como *auto-* (*autocrítica, auto-suficiente, autoestima, autodestrutivo* etc.), *pseudo-* (*pseudo-irmão, pseudo-emprego, pseudopai* etc.), *multi-* (*multinacional, multiangulado, multifacetado* etc.), *macro-* (*macroeconômica, macroestrutura* etc.), *micro-* (*microeconômica, microcrédito* etc.) e *mini-* (*minissaia, mini-reforma*) se prestam a formações em série, esses elementos fazem parte do processo de derivação, pois expressam uma idéia adjetiva geral (“próprio” no caso de *auto-*; “falso” no caso de *pseudo-*; “grande” no caso de *multi-* e *macro-*; e “pequeno” no caso de *micro-* e *mini-*) e não podem mais ser considerados bases presas. Por esse motivo, não há razão, segundo o autor, para o Dicionário Aurélio incluir esses elementos no processo de composição.

1.3.3 Resumo

Após definir os conceitos de base, raiz e radical, fizemos um sumário do tratamento dado ao processo de formação de palavras por composição, abordando a visão da tradição gramatical e de teóricos estruturalistas e gerativistas, com o objetivo de destacar as características principais desse mecanismo de formação de palavras.

Desse estudo extraímos que a composição tem como função a nomeação; é um processo de formação de palavras que permite classificações cada vez mais particulares, pois a palavra composta representa sempre uma idéia única e autônoma e, por esta razão, a palavra composta não costuma manifestar formas recorrentes. A estrutura dos compostos reflete a estrutura interna de orações ou sintagmas, entretanto, a combinação de elementos compostos é imprevisível, pois uma nova combinação é sempre possível. O processo de composição forma nomes e nunca verbos com bases livres ou com bases presas: registra-se na língua apenas um número irrisório de verbos formados com bases presas específicas: *auto-* e *semi-*.

1.4 O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS POR DERIVAÇÃO PREFIXAL

1.4.1 Introdução

Nesta seção, pretendemos destacar as principais características do processo de formação de palavras por derivação prefixal, com o intuito de estabelecer as diferenças entre este processo de formação lexical e a composição.

Primeiramente, abordaremos o processo de derivação visto pela gramática tradicional, tomando como base Said Ali (2001), Cunha e Cintra (1985), Faraco (2000), Bechara (2001) e Rocha Lima (1998). Abordaremos, a seguir, a posição de teóricos estruturalistas, como Mattoso Camara Jr. (1970, 1971, 1976, 1977), Monteiro (2002) e Macambira (1978); e de gerativistas como Basílio (1980, 1989, 1998), Alves (1993a, 1993b, 1994), Sandmann (1997a, 1997b) e Rocha (1999). Recorreremos, fundamentalmente, a esses autores citados; entretanto, faremos referência também a

outros autores.

Em seguida, discutiremos a prefixação com base livre, com base presa, e apresentaremos o conceito de prefixos homófonos. Por fim, faremos um levantamento das características do processo de derivação prefixal, comparando-o com a composição.

1. 4. 2 Derivação Prefixal

O processo de derivação recebe, em geral, um tratamento bem uniforme na tradição gramatical. As gramáticas analisadas definem a derivação como o processo de formação de palavras que consiste basicamente na adição de prefixos ou sufixos a um radical com a função de formar novas palavras, e consideram a prefixação como um processo de derivação, que consiste na formação de novas palavras pela adição de prefixos a um radical. O prefixo é definido como um afixo que se antepõe ao radical para lhe adicionar uma nova informação. Prefixos e sufixos têm como características comuns serem elementos presos e servirem para formar inúmeras palavras; e distinguem-se entre si pelo fato de aqueles serem antepostos à base e estes pospostos.

Said Ali (2001), Bechara (2001), Cunha e Cintra (1985) e Rocha Lima (1998) comentam o caráter mais ou menos independente de alguns prefixos, na medida em que estes se originaram geralmente de advérbios ou preposições (gregas ou latinas) que tiveram ou têm existência independente na língua, como *contra-*, *entre-* e *sobre-*. Entretanto, ressaltam que tal comportamento não se aplica a todos os prefixos, uma vez que há formativos que não apresentam vida autônoma na língua, como *re-*, *des-* e *in-*.

Para Cunha e Cintra, por terem-se originado de advérbios e preposições, os prefixos são mais independentes que os sufixos. Há formações em que entram prefixos que são meras partículas, sem existência independente na língua, como *des-* em *desfazer*, ou *re-* em *repor*, e outras de que participam elementos formativos que costumam atuar também como palavras independentes, como *contra-* em *contrabalançar*, *entre-* em *entrecortar*. Para estes gramáticos, no primeiro caso haveria derivação; no segundo, seria justo falar-se em composição. Entretanto, nem sempre é fácil estabelecer tal diferença, razão pela qual os autores preferem considerar a formação de palavras mediante o emprego de prefixos um tipo de derivação prefixal.

A existência de prefixos que podem atuar como formas livres na língua, como *sobre-*, *contra-* e *entre-*, constitui, segundo os autores acima citados, um argumento para alguns teóricos excluírem a prefixação do processo de derivação e incluí-la no processo de composição. Entretanto, como vimos, os gramáticos citados mantêm a prefixação entre os processos de derivação apoiados no fato de que esta possibilidade de ocorrência independente na língua é restrita a alguns prefixos apenas, além de nem sempre ser fácil estabelecer a separação entre prefixos que são formas livres e os que são formas presas, como em *entrelinha* ou em *contradizer*.

Para Said Ali (2001, p.172), o fato de existirem na língua prefixos com existência independente “equivale a dizer que não está bem demarcada a fronteira entre a derivação e a composição”. O gramático considera plausível, à primeira vista, excluir a prefixação do processo de formação de palavras por derivação, ao considerar que os prefixos são, na maior parte, preposições ou advérbios e, como tal, têm existência independente na língua. Mas como então analisar os elementos formativos que não são usados isoladamente e funcionam apenas como prefixos?

Alguns prefixos, como *des-* e *re-* só figuram como formas presas, isto é, atreladas a um radical, como em *reler*, *desligar*. Dessa forma, para Said Ali, o argumento baseado na independência vocabular de preposições e advérbios não justifica a exclusão da prefixação do âmbito da derivação; ademais, os prefixos não se comportam mais como preposições e estão longe de se igualarem a radicais quanto à sua carga semântica. Para Said Ali, portanto, o critério de independência vocabular para separar a derivação da composição não se justifica.

Para este teórico, a argumentação de alguns gramáticos para incluir a prefixação como uma modalidade de composição, baseando-se no fato de que prefixos que hoje funcionam como formas presas teriam sido preposições ou advérbios, perde sua validade na medida em que pesquisas diacrônicas já demonstraram que o sufixo *-mente*, por exemplo, procede de expressões que originariamente também eram usadas isoladamente, como em *boa mente*, o que implica, então, a exclusão dos sufixos da derivação e, no limite, o desaparecimento mesmo da própria derivação.

Quanto ao sentido que adicionam às palavras, Rocha Lima (1998) argumenta que, por se originarem de advérbios ou preposições, os prefixos têm um sentido mais ou menos preciso, isto é, o sentido de um prefixo repete-se em várias palavras da língua. Em *infeliz*, *inaceitável* ou *insatisfeito*, por exemplo, temos, consistentemente, o sentido negativo de *in-* adicionado à base primitiva. Para Cunha e Cintra (1985), tanto os prefixos como os sufixos formam novas palavras que mantêm em geral uma relação de sentido com a base derivante, o que torna o processo de derivação distinto da composição, que forma palavras não raro dissociadas pelo sentido dos radicais componentes, como as palavras *dedo* e *duro* que, combinadas, formam o composto *dedo-duro*, sem nenhuma ligação de sentido com as palavras originárias.

Por outro lado, os teóricos estruturalistas Camara Jr. (1972, 1986) e Macambira (1978) têm uma posição divergente dos gramáticos citados quanto ao tipo de processo de formação de palavras que se deveria atribuir à prefixação. Camara Jr. inclui os prefixos na categoria da composição, alegando que esses elementos são de natureza lexical e assumem um valor significativo que cria para o semantema (terminologia usada para denominar o morfema lexical) um novo sentido, introduzindo no conjunto uma idéia subsidiária, o que justifica incluir a prefixação no processo de composição. Ademais, segundo o teórico, grande parte dos prefixos da língua portuguesa são herança de preposições gregas e latinas, algumas com autonomia vocabular na língua, como *com*, *sobre*, *em*, *entre*.

Camara Jr. (1971, p. 51) argumenta que o processo derivacional é um caso de composição vocabular, por considerar que os prefixos são preposições com “traços próprios, de natureza morfológica e semântica”. Ao contrário dos sufixos, que assumem valor morfológico, os prefixos têm mais força significativa, podendo, pois, aparecer como formas livres (*sobre*, *contra*, *entre*), isto é, ter existência independente na língua.

Freitas (1979, p. 96) adota posição contrária à de Camara Jr. com respeito a esta discussão, argumentando que “tal relação entre esses prefixos e algumas preposições constitui um ponto de vista diacrônico. Numa descrição sincrônica não há mais que uma coincidência de formas”. O autor cita ainda a posição do gramático Olmar Guterres da Silveira: “... estamos convencidos de que não existe o prefixo como forma livre; mantemos na língua, isto sim, formas livres homônimas de certos prefixos”.

À semelhança de Camara Jr., Macambira (1978, p.69) também inclui a prefixação na categoria da composição e justifica esta posição argumentando que: a)

o prefixo em português não desempenha função gramatical como o sufixo flexional ou desinência; b) o prefixo destaca-se mais facilmente do conjunto da palavra, e este é um dos traços comuns à estrutura das palavras compostas: *desfazer, reler, sobrepor, entrelaçar* etc.; c) vários prefixos funcionam como formas independentes: *contra, mal, extra, além, menos* e outros são suas variantes como formas presas: *contro-, male-, bene-, extro-*.

Já Monteiro (2002) entende que a prefixação é um tipo de derivação, mesmo porque certos prefixos não podem produzir vocábulos compostos por serem em essência formas presas, como *des-, re-, in-* etc. Por outro lado, segundo o autor, costumam ser incluídos no rol dos prefixos elementos que hoje são verdadeiras bases, como *extra* e *contra*. Estes elementos, que são usados freqüentemente como formas livres, formam, segundo Monteiro, palavras compostas. Para o autor, os elementos *sobre, contra* e *perante* são, na verdade, núcleos significativos e por esta razão devem ser considerados bases livres. Outros critérios, como a produtividade e a autonomia morfológica deveriam ser levados em conta para se distinguir a base livre de um simples prefixo; por exemplo, se o morfema tiver significado sozinho num contexto frasal ou situação comunicativa, não constituirá forma presa e, com maior razão ainda, não será classificado como prefixo se ele for capaz de receber morfemas derivacionais, produzindo vocábulos derivados, como *contrariar, contrário, contrariedade*, além de uma série de compostos: *contradizer, contrapartida, contracheque, contrabaixo, contra-argumento* etc.

Em suma, Monteiro entende que a prefixação é um tipo de derivação; entretanto, considera que certos elementos, em geral analisados como prefixos, sejam em última instância verdadeiras raízes, já que potencialmente funcionam como formas livres ou dependentes. Nesse sentido, os itens lexicais que subsistem como

preposições nocionais ou advérbios produzem vocábulos compostos (*menosprezar, sobrevoar, sobrecarregar, maldizer* etc.). Outros, que não são advérbios nem preposições, servem ao mecanismo da derivação: *repor, desfazer* etc. Como possíveis formas livres, *contra, extra e menos* seriam advérbios e poderiam formar palavras compostas, como é o caso de *contradizer, extraordinário, menosprezar*. Como formas dependentes, isto é, como vocábulos conectivos, *com, sobre e entre* passam a ser preposições e também formariam palavras compostas: *combater, sobrevoar, entrecruzar*.

Já Kehdi (1992, p. 53) argumenta que uma das características da derivação é a existência de uma regularidade subjacente nesse processo de formação de palavras, revelada pela análise em constituintes imediatos (C.I.): o vocábulo é sempre constituído de camadas binárias de uma mesma estrutura, ou seja, um elemento nuclear (radical) e um periférico (afixos, desinências), como exemplificado em (8):

(8) [[re- (distribuir)] -ção]
 P V N

A formação em (8) mostra que o prefixo *re-* primeiramente se une a uma base verbal e só depois é que é formado o substantivo através da adição de um sufixo nominal, pois este prefixo impõe restrições a bases nominais (**relivro, *reparede, *retriste* etc) e seleciona apenas bases verbais.

Quanto aos teóricos gerativistas, Basílio (1998) argumenta que ao recorrermos ao mecanismo da prefixação, queremos formar outra palavra semanticamente relacionada com a palavra-base, como em *antipolvente, anticoagulante, antigripal* etc. Em todas estas palavras, o prefixo *anti-* indica “oposição”; similarmente, em *desatenção, descrença, desamor*, o prefixo *des-* indica

“ausência” ou “falta de”. “Em todos os casos, a palavra que se forma mantém uma relação semântica fixa com a palavra-base”.

A derivação, segundo a autora, envolve um afixo, que é um elemento estável, com função sintática ou semântica pré-determinada, o que vem, assim, a delimitar os possíveis usos e significados das palavras a serem formadas pelos diferentes processos de derivação. A produtividade dos afixos deve-se ao caráter geral das noções envolvidas no processo de formação e não à mudança de classe. Isto pode ser observado em certos afixos que apresentam alta produtividade formando palavras a partir de palavras da mesma classe, como o prefixo *re-* (que adiciona a idéia de repetição), o prefixo *in-* (que adiciona a idéia de negação), ou o sufixo *-ista* (que forma agentivos) como exemplificado em (9):

- (9) a. redistribuir, reinventar, reutilizar
- b. inacessível, infreqüente, inviável
- c. estrategista, lojista, banhista, trapezista

Assim, para a autora (1998, p.29), temos na derivação “funções sintático-semânticas mais gerais e comuns, e a produtividade dos processos derivacionais é diretamente relacionada ao caráter geral de sua função”.

O significado de uma palavra derivada, normalmente, é a soma dos significados das partes que a compõem; portanto, é composicional. Palavras formadas por prefixação relacionam-se quanto à forma e quanto ao significado, já que incluem a mesma forma fonológica adicionada ao significado da primeira palavra: *desleal*, *desamor*; *infiel*, *ingrato*; *reaprender*, *reaparecer*; *sobrevoar*, *sobressaltar* etc.

1.4.3 Prefixo

Os elementos prefixais, ainda que considerados pela gramática tradicional como formadores de palavras derivadas, não são classificados nos compêndios gramaticais em termos de seleção categorial, como ocorre com os sufixos. A tradição gramatical limita-se a ordená-los alfabeticamente dentro de dois grandes grupos: prefixos de origem grega e de origem latina.

Esses afixos recebem um tratamento bem uniforme, tanto por gramáticos como por teóricos gerativistas. Nas gramáticas de Said Ali (2001), Cunha e Cintra (1985), Faraco (2000), Bechara (2001) e Rocha Lima (1998), esses formativos são definidos como afixos que se antepõem a um radical para lhe adicionar significados específicos. São caracterizados ainda como formas presas, isto é, não ocorrem livremente na língua, têm como função modificar o sentido da palavra a que se unem, adicionando uma nova informação à informação básica da palavra primitiva, como em *ler/reler*, *feliz/infeliz*, formando, assim, palavras derivadas que mantêm uma relação de sentido com o radical derivante.

Segundo Rocha (1999), esses afixos apresentam, em regra, uma identidade fonológica, uma identidade semântica e uma identidade funcional. Caracterizam-se, principalmente, pelo fato de serem sempre formas presas (isto é, formas que integram um vocábulo) e não bases presas (isto é, formas sem significado próprio ou independente). Podem unir-se a bases livres, como em *re-fazer*, ou a bases presas, como em *in-vadir* e *e-vadir*, não mudam a classe de palavras da base a que se anexam e são usados para formações em série, isto é, as idéias presentes em um prefixo repetem-se em várias palavras da língua: *preaquecer*, *preconceito*, *predefinir* – em todas essas palavras existe a idéia de anterioridade,

expressa pelo formativo *pre-*, que apresenta uma seqüência fônica recorrente.

Constata-se facilmente que os prefixos adicionam noções semânticas específicas às bases a que se adjungem. Por exemplo, observamos que os significados das palavras *inacessível, indesejável, infeliz, infiel* etc., são constituídos pelos significados das palavras *acessível, desejável, feliz, fiel*, mais o significado “não”, representado pelo prefixo *in-*; ou o sentido de “repetição”, representado pelo prefixo *re-*: *escrever/reescrever, fazer/refazer, ler/reler, negociar/renegociar*, ou a idéia de oposição, representada pelo prefixo *contra-*: *dizer/contradizer, pôr/contrapor, gosto/contragosto, partida/contrapartida*.

Para Camara Jr. (1971, p 39), a prefixação é um processo que tem a função de criar novos vocábulos formais. Entretanto, o autor entende que este processo deva ser considerado uma composição, já que os prefixos são elementos vocabulares com valor significativo de preposições, embora vários deles não se usem como preposições (*des-*, *re-* etc), outros sejam alomorfes de preposições (*in-/en-*, *super-/sobre-*), e outros ainda funcionem tanto como prefixos quanto como preposições (*com*, *de*, *em*). Para esse teórico, “o genuíno mecanismo da composição em português, abrangendo a criação de nomes e de verbos é o da prefixação...” (1976, p.214).

Do ponto de vista fonológico, as palavras formadas por prefixação podem ser aglutinadas ou justapostas. Quando em justaposição, o autor (1976, p.228) argumenta que “o prefixo possui um acento secundário e se de mais de uma sílaba apresenta a pauta vocálica de posição átona final na última sílaba”. Por exemplo, em *pré-adolescente* e *além-mar*, verifica-se que um acento secundário (de força 2- subtônico) recai sobre o prefixo. Já em palavras prefixadas por aglutinação, como *previsto* ou *contraproducente*, verifica-se que há somente um vocábulo fonológico. As respectivas

pautas acentuais estão exemplificadas em (10):

(10) a. pré-adolescente	além-mar
2 1 1 1 3 0	1 2 3
b. previsto	contraproducente
1 3 0	1 1 1 1 3 0

Para Basílio (1998, p. 50), os prefixos têm a mesma razão de ser que os adjetivos, no sentido de “permitir a expressão ilimitada de conceitos sem a exigência de uma sobrecarga da memória com rótulos particulares”: *gripal/antigripal, capaz/incapaz, mercado/supermercado* etc. Assim, esse formativo tem uma função nitidamente semântica: a de explicitar o sentido da base a que se adjunge, permitindo, através do uso de elementos fixos, exprimir um número praticamente ilimitado de idéias e conceitos.

Para Sandmann (1997b, p. 37), essa função de expressar sempre idéias gerais é o fator que distingue o prefixo da base presa, como, também, é o responsável por sua maior produtividade e recorrência. Para o autor (1997a), o prefixo é sempre o determinante (DT), o adjunto, o elemento subordinado ou secundário da estrutura vocabular: *insensível, extrajudicial, anticorrupção, pró-genérico, reajustar, subprocurador*. Do ponto de vista sintático, identifica-se com os adjetivos (atua como qualificativo): *super-sensível*; com os advérbios (adiciona o sentido “modo”, “maneira”): *hiper-calórica, rebatizar, malcriado, desfazer*, e com as preposições (acrescenta a idéia de oposição ou de locativo): *anti-racista, além-mar*.

Já para Alves (1993a, p.101), é considerado prefixo “o morfema que o falante depreende como um elemento que atribui à base uma idéia acessória e que,

recorrentemente, pode atribuir a mesma idéia a outras bases”.

A partir desta definição de prefixo, verifica-se que os elementos *extra-*, *sobre-* e *contra-*, que nem sempre são reconhecidos como elementos prefixais por alguns gramáticos e por teóricos estruturalistas como Camara Jr. e Macambira, são prefixos, pois são formas recorrentes, já que podemos adicioná-los a outras bases e atribuem a mesma idéia acessória às bases: *extrajudicial*, *extramercantil*, *extraditar*; *sobrepor*, *sobretaxa*, *sobreexaltar*; *contrapartida*, *contradizer*, *contrabando* etc.

Por esse critério apontado por Alves, vemos que as formas *agro-*, *eco-*, *bi-*, *auto-* e *aero-*, listadas nas gramáticas como radicais presos, atuam, na verdade, como verdadeiros prefixos, pois atribuem às bases uma idéia acessória e, recorrentemente, acrescentam a mesma idéia às outras bases, como exemplificado em (11):

- (11) a. agroindustrial, agrotóxico, agrovila, agropecuária, agrodólares, agronegócio, agrishow, agroecológico
- b. ecoesporte, ecovila, ecovia, ecossistema
- c. bianual, bisavô, bipartido, bimestre,
- d. auto-exame, autocrítica, auto-atendimento, autocaixa, auto-estima, auto-ajuda, autoflagelo, autodefesa, autodidata, autobiográfico
- e. aerodinâmica, aeroclube, aeroplano, aeromoça, aeroespacial

Em suma, com base no estudo de diversos autores, podemos apontar as seguintes características da derivação prefixal e dos prefixos:

- a) O processo de derivação prefixal forma novas palavras que mantêm uma relação de sentido com a base derivante. O significado de uma palavra derivada é, geralmente, a soma dos significados das partes que a compõem. Palavras formadas

por prefixação relacionam-se quanto à forma e quanto ao significado, já que incluem a mesma forma fonológica adicionada ao significado da primeira palavra;

b) Os prefixos são formas presas, isto é, são partes integrantes de palavras. Apresentam uma identidade fonológica, uma identidade semântica e uma identidade funcional;

c) Não mudam a classe gramatical das palavras a que se adjungem;

d) Têm como função atribuir às bases uma idéia acessória e, recorrentemente, atribuem a mesma idéia às outras bases;

e) São sempre o determinante (DT), o elemento subordinado ou secundário da estrutura vocabular;

f) Servem para formações em série, isto é, servem para formar inúmeras palavras porque se referem a noções de caráter geral.

g) Têm função semântica pré-determinada, o que vem a delimitar os possíveis usos e significados das palavras a serem formadas, pois esses formativos não se adjungem aleatoriamente a qualquer base.

A discussão sobre as possibilidades de combinação dos prefixos, juntamente com as análises das restrições que impõem às bases a que se adjungem, terão lugar no segundo capítulo deste estudo.

1. 4. 3. 1 Prefixação com base livre

Já vimos que *base livre* é aquela forma que funciona como uma palavra na língua, ou seja, é a forma que pode por si só constituir um enunciado, como acontece com verbos, substantivos e adjetivos. As bases livres são, portanto, categorias

léxicas.

O processo de derivação prefixal obedece às necessidades de expressão de caráter comum e geral, como em *antiinvasão*, *infeliz*, *repor*, *desfazer*. Em (12) temos alguns exemplos de palavras prefixadas com base livre (entre parênteses indicamos a base):

- (12) a. antiterremoto (terremoto)
- b. interlocutor (locutor)
- c. reinaugurar (inaugurar)
- d. desligar (ligar)
- e. inconsistente (consistente)
- f. indesejável (desejável)

Na derivação prefixal, a combinação dos elementos está sujeita à seleção semântica ou categorial e a formação de palavras por prefixação com base livre permite que se perceba claramente esta seleção categorial, pois, afinal, só a palavra tem categoria sintática, o morfema não.

Por exemplo, o prefixo *re-* não se adiciona a substantivos e a adjetivos primitivos e só se une a verbos; o prefixo *anti-* não se combina com verbos e só se une a substantivos e a adjetivos. Estes prefixos fazem, portanto, seleção categorial. Entretanto, o prefixo *re-* subcategoriza apenas verbos que permitam a retomada da ação verbal, como *fazer*, *ler*, *implantar* etc – impõe, portanto, igualmente restrições sintáticas e semânticas, assim como o prefixo *anti-*, que só se une a substantivos ou a adjetivos que admitam ser prevenidos ou evitados.

Outros tipos de seleção semântica ou categorial fazem os prefixos *des-*, *in-* e

sobre-, que serão, assim como *re-* e *anti-*, objeto de nosso estudo no segundo capítulo deste trabalho. O comportamento desses prefixos, enfim, vem demonstrar que esses formativos não se adjungem aleatoriamente a qualquer base, pois a combinação desses elementos com as bases está sujeita à seleção categorial e semântica.

1.4.3.2 Prefixação com base presa

Algumas palavras formadas por derivação apresentam bases presas com forma fonológica constante, mas os seus significados são determinados apenas pelas palavras em que ocorrem. É o caso de *insistir*, *persistir*, *resistir*, *desistir*, *subsistir* ou ainda *receber*, *conceber*, *perceber* etc. Estas bases presas não são significativas quando isoladas, já que é impossível atribuir-lhes algum sentido; entretanto, adquirem significado quando associadas a prefixos formando palavras. Observa-se que essas bases presas, embora não apresentem autonomia vocabular, podem combinar-se com mais de um prefixo, como exemplificado em (13):

- (13) a. *acordar*, *concordar*, *discordar*, *recordar*
b. *aferir*, *conferir*, *diferir*, *inferir*, *preferir*, *proferir*, *referir*
c. *atender*, *entender*, *estender*, *pretender*
d. *atribuir*, *contribuir*, *distribuir*, *retribuir*
e. *compelir*, *impelir*, *repelir*
f. *congresso*, *ingresso*, *progresso*, *regresso*
g. *escrever*, *descrever*, *inscrever*, *subscriver*

Freitas (1981, p.100) não considera que vocábulos como *receber*, *perceber*,

conceber etc., ou induzir, reduzir, aduzir possam ser considerados palavras derivadas por prefixação, pois as formas *-ceber* e *-duzir* são desprovidas de significado para o falante no estágio atual da língua; portanto, o segmento *re-* não representa um prefixo nesses exemplos. Dessa forma, segundo o autor, em uma descrição sincrônica da língua, os vocábulos formados por bases não-autônomas só podem ser considerados primitivos.

Para Basílio (1980:70), formações novas baseadas em bases presas são raras na morfologia derivacional, já que só podem surgir em casos em que se observem relações lexicais com alto grau de sistematicidade. Entretanto, embora seja um processo de pouca produtividade, não se pode afastar a possibilidade de a competência do falante dar conta da produção de formações novas criadas a partir de bases presas.

Apesar de termos casos de derivação a partir de bases presas, como em *-ceber, -duzir, -crever* etc, a base de uma forma derivada é, segundo a autora, geralmente, uma forma que possa por si só constituir um enunciado, como acontece com verbos, substantivos, adjetivos e advérbios.

1.4. 4 Prefixos homófonos

Um dos problemas que o processo de derivação levanta, como já vimos, refere-se à dificuldade em estabelecer a relação que há entre afixos com identidade de forma, mas que levam a resultados que não permitem identificar uma certa unidade de significado, como, por exemplo, o prefixo *re-* em *reescrever* “tornar a escrever” e *ressentir* “sentir muito”; *desfazer* “desmanchar” e *desfavorável* “não-favorável” ; ou *inativo* “não-ativo” e *inodoro* “sem cheiro”.

A esse respeito, Camara Jr. (1971, p.45) argumenta que a significação de um vocábulo não é necessariamente a soma exata das significações dos seus constituintes, pois do todo resulta uma significação geral, que não se decompõe nas significações particulares dos elementos que o constituem. Não há, portanto, segundo o lingüista, “motivo de perplexidade se em *impor* o prefixo *in-* não tem a nítida indicação de ‘movimento para dentro’ que apresenta em *induzir* e *imigrar* (...) ou que em *repor*, *reagir* e *reter* o mesmo prefixo varie na sua fluidez significativa”.

Para esse teórico (1972, p.95), as línguas apresentam ainda casos de homonímia. Um caso de homonímia total ocorre em vocábulos como *canto* “ângulo” e *canto* “ato de cantar”. Em um caso assim, é o contexto ou a situação que identifica a forma e a função do vocábulo, como em: “a cadeira estava num canto” e “aprecio o canto de Gigli”. Outro caso de homonímia, segundo o autor, ocorre com as formas mínimas *-s*, que são, evidentemente, distintas em *pedras*, na qual assinala a categoria de número, e em *cantas*, em que *-s* marca a categoria de 2ª pessoa singular. Não há problemas, segundo o lingüista, para se distinguirem essas duas formas mínimas quando presas a vocábulos: como forma nominal, significando mais de um ser, em *pedras*; como elemento verbal, em *cantas*.

Já para Rocha (1999, p.164), assim como há na língua sufixos homófonos, que apresentam a mesma seqüência fonética, mas sentidos ou funções diferentes, como o caso dos sufixos *-al* de *laranja* e *-al* de *semanal*, há igualmente prefixos homófonos. Para o autor, os sufixos *-al* de *laranja* e *-al* de *semanal* são formativos distintos, com duas entradas lexicais independentes, do mesmo modo que vocábulos homófonos como *manga* (fruta) e *manga* (de camisa), ou *cabo* (soldado) e *cabo* (acidente geográfico).

O autor cita como exemplos de prefixos homófonos os formativos *re-*, *des-*,

in- e *a-*. Repetimos aqui alguns dos exemplos dados: *re*¹- “idéia de repetição”: *reler*, *rever*, *reinventar* etc.; *re*²-: “idéia de movimento para trás”: *regredir*, *recuar*, *recolher*, *regressar*, *retrair* etc; *re*³-: “sentido de movimento contrário”: *reagir*, *revidar*, *rebater*, *repelir*, *rechaçar* etc.

Dessa forma, haveria então em *reescrever* “tornar a escrever”, *ressentir* “sentir muito”, e *retrair* “puxar para trás”, não um único prefixo com vários sentidos, mas vários prefixos que apresentam identidade fonológica, porém significações diferentes. Esse mesmo fenômeno ocorreria, também, em *descrever* “expor”, *desfazer* “desmanchar” e *desnecessário* “não-necessário”; ou em *incessante* “que não cessa”, *inútil* “não-útil” e *inodoro* “sem cheiro”.

Ainda quanto aos sufixos homófonos, Rio-Torto (apud MONTEIRO, 2002, p.166) postula que existem vários sufixos homônimos em *-ão* e não apenas um, já que são diversos os significados que esta forma apresenta: a) formador de aumentativos: *casarão*; b) superlativos : *valentão*; e c) agentivos : *brigão*.

Pode-se observar também que os elementos *com-* e *com* em (14) e *sobre-* e *sobre* em (15) são itens lexicais distintos, pois apresentam funções diferentes:

(14) João gosta de *compor* músicas *com* temas de amor.

(15) O avião *sobrevoou* o lago que se formou *sobre* aquela planície após as fortes chuvas.

Como podemos observar em (14) e (15), as formas *com-* e *sobre-*, que formam *compor* e *sobrevoar*, são formas presas e têm como função adicionar um novo sentido às bases primitivas *pôr* e *voar*, respectivamente. Já as formas *com* e *sobre* de “com temas de amor” e “sobre aquela planície” têm outra função; não são

formas presas, mas dependentes, pois trata-se de preposições.

Para Cabral (1974, p.113), tanto o prefixo *sobre-* como o prefixo *de-* não devem ser considerados como preposições (formas livres), pois não obedecem às mesmas regras de distribuição e nem têm a mesma função que as preposições.

As preposições, segundo Almeida (1998, p.335), são conectivos que têm como função ligar o complemento à palavra completada; "não têm significação intrínseca, própria, mas relativa, dependente do verbo com que são empregadas".

Por não terem um sentido próprio, mas relativo, para darmos o significado das preposições em português, temos que exemplificar o emprego, pois seu significado, segundo o gramático citado, depende do contexto em que são empregadas. Assim, a preposição *sobre*, por exemplo, significa "em cima de " em (16), mas este mesmo significado não se verifica em (17):

(16) Pedro deixou a encomenda *sobre* a mesa.

(17) Não quero falar *sobre* isso agora!

Observa-se que as formas *contra-* e *contra*, *entre-* e *entre*, e *en-* e *em*, são igualmente formas distintas, como exemplificado em (18), (19) e (20), respectivamente:

(18) Mesmo a *contragosto*, João teve que se posicionar *contra* o amigo.

(19) A cidade é *entrecortada* por um rio que nasce *entre* duas montanhas.

(20) Quando ia *embarcar*, tropeçou *em* uma pedra e caiu no mar.

Verifica-se, portanto, que os elementos formativos *sobre-*, *entre-*, *con-*, *contra-* e *en-*, que têm como função adicionar um novo sentido às bases a que se adjungem, e as preposições *sobre*, *entre*, *com*, *contra* e *em* são elementos homônimos, isto é, são formas lingüísticas de mesma estrutura fonológica, porém distintas quanto à função e à significação. Por já considerar esses elementos como formas distintas, o Dicionário Aurélio (1999) os registra em verbetes separados.

1. 4. 5 Resumo

Nesta seção, com base em gramáticos e em teóricos estruturalistas e gerativistas, discutimos as características da derivação prefixal, a prefixação com base livre, com base presa, e colocamos o conceito de prefixos homófonos.

Após o estudo da derivação, apontamos como características dos prefixos: a) são formas presas, isto é, são partes integrantes de palavras; b) não mudam a classe gramatical das palavras a que se unem; c) apresentam uma identidade fonológica, uma identidade semântica e uma identidade funcional; d) têm como função atribuir recorrentemente a mesma idéia às bases; e) servem para formações em série, pois adicionam noções de caráter comum e geral; e) são sempre o determinante (DT) ou o elemento subordinado da estrutura vocabular; f) não se adjungem aleatoriamente a qualquer base.

1. 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: PREFIXAÇÃO X COMPOSIÇÃO

Após essa abordagem dos dois principais mecanismos de formação de palavras em português, conclui-se que a derivação e a composição são processos

distintos de formação de palavras porque:

a) Na derivação temos um afixo e uma base, cabendo ao afixo expressar uma idéia geral e à base uma idéia particular ou menos geral: *desnivelar, recompor, sobrevoar, contraproducente, anti-invasão, infiel* etc.

Na composição, temos, via de regra, duas bases, ou seja, duas idéias particulares: *quebra-nozes, lança-perfume, queda-de-braço, estação-tubo, seguro-desemprego, testemunha-chave* etc. O fato de expressar idéias particulares justifica o porquê de não se formarem muitas palavras complexas na língua. A composição situa-se muito mais no nível do lexical, do coloquial e do regional, em oposição à derivação, que é mais freqüente na língua formal e mais estável em suas produções.

Dessa forma, a prefixação é um caso de derivação.

b) O que caracteriza os afixos, justamente por veicularem idéias gerais, é constituírem um elenco fixo, não muito numeroso e praticamente fechado de determinado código lingüístico. Por exemplo, o prefixo *ex-* com o sentido de “o que era, o que foi” pode-se unir a toda base livre que indique estado, profissão ou emprego, como em *ex-marido, ex-presidente, ex-diretor* e, com este sentido, é de produtividade praticamente ilimitada na língua.

Já a composição, que faz a utilização de estruturas sintáticas para fins lexicais, permite a nomeação ou caracterização de seres pela junção de quaisquer elementos semânticos, de existência independente no léxico, em apenas um elemento lexical: *mal-me-quer, cidade-satélite, salário-família, edifício-sede, carta-desabafo*.

c) As palavras derivadas mantêm uma relação de sentido com a base derivante: *poluente/antipoluenente; sustentável/insustentável; aparecer/reaparecer, ligar/desligar; voar/sobrevoar etc.*

Já nas formas compostas o distanciamento entre o significado do todo e o significado das partes é normal pela própria função da nomeação; esse distanciamento é especialmente acentuado no caso das formações metafóricas: *olho-de-sogra, arranha-céu, cavalo-de-pau, braço-direito, pé-de-galinha etc.*

d) A estruturação geral do processo de composição se relaciona com a natureza de sua função – nomear seres, eventos, fatos ou ações - que é inteiramente diferente do da derivação. Não é por acaso que as formas compostas são freqüentemente desligadas do significado estrito de seus componentes: *dedo-duro, mão-de-vaca, pé-de-galinha, criado-mudo, louva-a-deus, olho-de-sogra etc.*

e) Na derivação, a combinação dos elementos está sujeita à seleção semântica ou categorial. Por exemplo, o prefixo *re-* não se adiciona a substantivos e a adjetivos primitivos e só se une a verbos; faz, portanto, seleção categorial. Entretanto, este prefixo subcategoriza apenas verbos que permitam a retomada da ação verbal, como *fazer, ler, implantar etc* – impõe, portanto, restrições sintáticas e semânticas.

Já a combinação de elementos na formação de uma palavra composta é imprevisível, na medida em que depende das necessidades específicas de cada caso, além da alternativa metafórica. Os elementos formativos de um composto não são selecionados categorialmente.

f) Há somente um tipo de composição que parece apresentar uma função

constante, em que a estrutura verbo + substantivo é usada para a formação de agentes ou instrumentais: *porta-bandeira*, *guarda-chuva*; *guarda-roupa*; *porta-copos*, *porta-luvas*; *pára-lama*, *pára-raios*. Esta regularidade explica a facilidade de interpretação das formas citadas acima, além do fato de a posição do verbo ser preenchida por verbos específicos, como *guarda-*, *porta-* e *pára-*.

g) Uma outra diferença entre derivação e composição está na estrutura sintático-semântica destas formações. Os compostos apresentam geralmente a estrutura determinado (DM) – determinante (DT), como *em cidade-satélite*, *vale-transporte*. Já a prefixação apresenta sempre a estrutura determinante (DT) – determinado (DM), como em *pós-graduação*, *refazer*.

h) Outra característica dos compostos é que nem sempre podemos determinar o seu significado a partir das palavras que os constituem, ou seja, o significado de um composto não é sempre a soma dos significados das partes, ou não é composicional.

Já na derivação, o sentido das palavras prefixadas é, geralmente, composicional. Em *rever*, *refazer*, *retocar*, *reaparecer* etc., percebemos o sentido de “repetição”, “de novo” adicionado às bases pelo prefixo *re-*.

i) O processo de composição forma nomes, e nunca verbos, a partir de bases livres. As raras formações verbais compostas acontecem com bases presas específicas: *auto-* e *semi-*. Entretanto, após o estudo da derivação e do levantamento das características dos elementos prefixais, consideramos que formas como *auto-*, *agro-*, *eco-*, *aero-*, *bi-* e *semi-* atuam, na verdade, como verdadeiros prefixos, pois servem para produções em série e adicionam recorrentemente a mesma idéia às

formações de que fazem parte.

CAPÍTULO II – ESTUDO DE PREFIXOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

2.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo, apresentaremos primeiramente os pressupostos teóricos do modelo adotado para o estudo dos prefixos selecionados: a Hipótese Lexicalista e a Teoria Lexical.

Em seguida, iniciaremos o estudo dos prefixos *anti-*, *des-*, *in-*, *re-* e *sobre-*. Apresentaremos, para cada prefixo, um sumário do tratamento tradicional e, a seguir, uma análise e descrição de sua situação atual na língua feita com base em nossos pressupostos teóricos.

O estudo do comportamento dos elementos formativos acima mencionados objetiva fundamentar a hipótese de que os prefixos, por terem uma carga semântica pré-determinada, selecionam semanticamente as bases com que se combinam.

A análise e a descrição desses prefixos fundamentam-se essencialmente no arcabouço teórico apresentado por Aronoff (1976) em *Word Formation in Generative Grammar* e desenvolvido por Rocha (1999), em *Estruturas Morfológicas do Português*.

2.2 A HIPÓTESE LEXICALISTA

O léxico, no modelo proposto por Chomsky em *Aspectos da Teoria da Sintaxe* (1978), era descrito como uma série de entradas lexicais desordenadas, ou conjuntos de traços fonológicos, sintáticos e semânticos que definiam cada item lexical. Levava-se em conta, neste modelo, cada palavra como um todo, e não se levava em consideração a interação entre a lista de itens lexicais e o sistema de regras com restrições quanto a seu uso, que são do conhecimento do falante nativo, pois o falante

pode analisar a estrutura das palavras existentes e relacioná-las a formas diferentes e também formar novas palavras. Cabe assinalar que prevalecia o entendimento de que substantivos, adjetivos e verbos cognatos, como *percepção*, *perceptível*, *perceber*; *transbordamento*, *transbordante*, *transbordar*, por exemplo, estariam relacionados por processos de derivação transformacional. A explicação para a geração dessas palavras cognatas era dada através de regras sintáticas.

Já na abordagem lexicalista proposta por Chomsky em “Remarks on Nominalization” (apud BASÍLIO, 1980), nominais derivados de verbos são inseridos diretamente nas estruturas profundas sob nódulos de sintagmas nominais, e não são mais estruturas derivadas por transformação, ou seja, as estruturas nominais são geradas por regras de base e a relação entre substantivos, adjetivos e verbos é feita dentro do próprio léxico, em termos de propriedades que esses elementos têm em comum. Assim, o falante pode dar conta, dentro do léxico, de relações entre pares como *construir/construção*, *abastecer/abastecimento*.

“Remarks on Nominalization” estabelece distinções sintáticas, semânticas e de estruturação interna entre os nominais derivados, enfatizando a possibilidade de se dar conta de (pelo menos certas) nominalizações dentro do léxico, e não mais através de estruturas derivadas por regras de transformação. Chomsky conclui que, do ponto de vista da sintaxe, as estruturas produzidas no léxico são essencialmente opacas e chama a atenção para a possibilidade de independência da morfologia face à sintaxe (ROCHA, 1999, p. 32). Sandmann (1991, p. 19) igualmente afirma: “...o léxico de uma língua não pode ser tratado como parte da sintaxe (...) (pois) palavras complexas não são geradas como sentenças, devendo, pois, ser localizadas (...) como unidades prontas, na estrutura profunda”.

As correspondências entre as formas verbais e nominalizadas, segundo

Chomsky, poderiam ser expressas adequadamente se pudessemos estabelecer entradas lexicais, marcadas em relação a traços contextuais, mas livres em relação a traços referentes às categorias lexicais. De acordo com essa proposta, existe uma entrada lexical única, correspondendo a pares N / V; e regras morfológicas são responsáveis pelas diferentes formas fonológicas que uma determinada base pode assumir quando ocorre como nome. Por exemplo, em *conversador*, de *conversar*, e *conversacional*, de *conversação*, teríamos uma entrada lexical única (*conversa*), sendo que traços relacionados à escolha de categoria remeteriam a regras morfológicas responsáveis pela forma fonológica do derivado nominal *conversação*. (BASÍLIO, 1980, p.30)

Em “Morphological and Semantic Irregularities in the Lexicon” (apud BASÍLIO, 1980), Jackendoff complementa a teoria lexicalista propondo que as palavras apresentam entradas plenamente especificadas no léxico, relacionadas por regras de redundância, que expressam as regularidades fonológicas, sintáticas e semânticas entre os itens lexicais. Para dar conta da relação entre pares N / V, de acordo com este autor, verbos e formas nominalizadas como, por exemplo, *carregar/carregamento* ou *admitir/admissão* constituem entradas lexicais separadas (duas entradas), mas relacionadas por regras de redundância que designam como redundante a informação de que uma entrada lexical é previsível pela existência de um item lexical relacionado. Por exemplo, com base em formações como *infiel*, *insensível*, *insustentável*, *inadmissível*, criaram-se na língua formações como *imperdível*, *indizível* e *imexível*, este último um termo ainda não-dicionarizado.

Uma entrada lexical é, portanto, uma forma lingüística que o falante conhece ou utiliza e a relação de entradas lexicais constitui o léxico de uma língua. O léxico consiste em uma lista de entradas lexicais plenamente especificadas, que

corresponde exatamente às palavras que existem na língua, como, também, em um conjunto de regras de redundância, que, como já vimos, estabelecem relações entre estas entradas lexicais e são adquiridas pelo falante a partir de generalizações observadas em itens lexicais conhecidos e podem ser usadas para produzir uma classe de entradas lexicais possíveis. (BASÍLIO, 1980)

Aronoff, em *Word Formation in Generative Grammar* (1976), também apresenta uma proposta para uma morfologia baseada em palavras, que estabelece:

a) as condições morfológicas na operação de regras produtivas, em que o grau de produtividade depende em parte do tipo de base. Por exemplo, o prefixo *re-* é altamente produtivo quando se combina com bases verbais que admitam ou sejam compatíveis com a possibilidade de repetir ou refazer a ação realizada, como em *refazer*, *reler*, *reescrever* etc.; b) a relação entre coerência semântica e produtividade, ou seja, a coerência semântica entre a base e o produto da aplicação da regra como sendo um fator decisivo na produtividade lexical. Em *paranaense*, *catarinense*, *amazonense*, por exemplo, o sufixo *-ense*, formador de adjetivos a partir de base substantiva, indica “procedência”, “origem”; já em *feirante*, *comerciante*, *estudante*, *tratante* etc., o sufixo *-ante*, formador de agentes adjetivos a partir de bases substantivas e verbais, não significa igualmente “aquele que exerce tal atividade”, pois *tratante* significa “aquele que não cumpre o trato”, e *estudante* não significa exatamente “aquele que estuda”; c) a explicitação do fenômeno de bloqueio, ou seja, a não-ocorrência de uma forma teoricamente possível devido à existência prévia de outra forma que preenche seu papel no léxico. A forma **aceitamento*, por exemplo, é bloqueada porque *aceitação* é a forma nominalizada de *aceitar* e não porque haja restrições morfológicas específicas quanto à forma **aceitamento*.

No modelo de Aronoff, regras de formação de palavras (RFP's) são definidas

como regras que podem criar novos itens lexicais dentro da língua e que operam exclusivamente em palavras já existentes no léxico. Por regras entendem-se os processos regulares de formação de palavras, ou seja, os conjuntos de regularidades ou constâncias que se depreendem das unidades que compõem o léxico. Uma regra especifica, portanto, um conjunto de palavras sobre o qual ela pode operar, sendo a base sempre especificada sintaticamente. Por exemplo, a regra de formação de palavras com o sufixo *-vel* opera apenas com verbos: *louvar/louvável*, *sustentar/sustentável*; e nunca com substantivos: *carro / *carrável*, *prédio / *prediável*; ou com adjetivos: *lindo / *lindável*, *branco / *brancável etc.*

Assim, segundo Aronoff, para especificar a produtividade de uma regra de formação de palavras é necessário que estabeleçamos as características morfológicas e sintáticas da base, além de outras distinções, como a subcategorização dessa base e as restrições (isto é, as limitações a que uma regra está sujeita) que se impõem à criação potencial de palavras.

Toda RFP ainda especifica e subcategoriza a palavra resultante da aplicação da regra (o produto): a adição de *-vel* a uma base verbal, por exemplo, tem como produto um adjetivo que significa “que se deve, que se pode” + o sentido da base verbal (*sustentável*: “que se pode sustentar”; *louvável*: “que se deve louvar”).

Basílio (1980) desenvolve o quadro teórico apresentado por Aronoff e propõe um modelo para a morfologia derivacional em que as regras de formação de palavras são distintas das regras que analisam a estrutura interna das palavras. Esta distinção, segundo a autora, permite tratar tanto de criações novas quanto de formações já existentes no léxico. As regras de formação de palavras (RFP's) referem-se a “regras que formam palavras novas na língua”, e as regras de análise estrutural (RAE's) a “regras que analisam a estrutura de palavras morfológicamente complexas”. Segundo

a lingüista, para explicar formações como *indeferir* e *inutilizar*, por exemplo, teríamos que recorrer a regras de análise estrutural, pois estes verbos não fazem parte da regra de produtividade do prefixo *in-*, já que este afixo raramente se une a bases verbais.

O modelo proposto, segundo esta autora, permite captar generalizações entre entradas lexicais e analisar a estrutura de palavras cujas bases não sejam itens lexicais que ocorrem como formas livres dentro da língua. Permite, ainda, explicar por que regras de formação de palavras podem operar em bases presas e especificar as condições sob as quais este fenômeno pode operar. Este modelo enfatiza, assim, o papel de diferentes tipos de relações paradigmáticas no léxico que influem na aplicação de regras de análise estrutural a bases específicas, na produtividade de alguns afixos e nas condições de operação de regras de formação de palavras sobre bases presas.

No modelo de Basílio, as regras de formação de palavras podem ser usadas pelos falantes como regras de análise estrutural, ou seja, se o falante reconhece redundâncias a ponto de formar novos nomes em *-vel*, usando a regra produtiva de adição deste sufixo a verbos, como, por exemplo, em *seqüestrável*, também pode analisar os nomes já estruturados em *-vel*, como em *sustentável*, *admissível*, *computável* etc. Portanto, segundo Basílio (1980, p.50) a existência da RFP em (1):

$$(1a) \begin{array}{c} [x] \\ V \end{array} \rightarrow \begin{array}{c} [x] \\ V \end{array} \begin{array}{c} -vel \\ Adj \end{array} \quad (1b) \begin{array}{c} [sustentar] \\ V \end{array} \rightarrow \begin{array}{c} [[sustentar] \\ V \end{array} \begin{array}{c} -vel \\ Adj \end{array}$$

implica a existência da RAE em (2):

$$(2a) \begin{array}{c} [x] \\ V \end{array} \begin{array}{c} -vel \\ Adj \end{array} \quad (2b) \begin{array}{c} [[seqüestrar] \\ V \end{array} \begin{array}{c} -vel \\ Adj \end{array}$$

A regra em (1) diz que em português formam-se adjetivos através da adição do sufixo *-vel* a uma base verbal. A regra em (2) diz que pela mesma razão podemos analisar adjetivos como sendo formados de verbos por meio da adição do sufixo *-vel*. Assim, pelo fato de saber que *sustentável* vem de *sustentar*, *admissível* de *admitir*, *computável* de *computar*, conclui-se que o usuário da língua seja capaz de analisar a estrutura das palavras derivadas. Ao fazer isso, o falante estará fazendo uso de uma regra de análise estrutural.

As regras que analisam a estrutura das palavras atuam não apenas em formações com bases livres, mas também em formações cujas bases são presas, como as palavras formadas com os sufixos *-ico* e *-ia*, que só se unem a bases presas (os exemplos são de Basílio, 1980, p.67) : *psicólogo / psicológico / psicologia; geógrafo / geográfico / geografia* etc.

Assim, se o falante reconhece uma palavra nova como sendo formada pela adição de *-vel* a uma base verbal (*Xvel*), como em *seqüestrável*, ele também pode reconhecer formas *Xico* e *Xia*, como baseadas, em sua grande maioria, em substantivos agentivos. Entretanto, para Basílio (1980, p. 70), “formações novas baseadas em bases presas são raras na morfologia derivacional, já que estas só podem surgir em casos em que se obtêm relações lexicais com alto grau de sistematicidade”.

Em suma, o modelo teórico de Basílio propõe que: a) todas as RFP's têm contrapartes de análise estrutural (mas não o contrário); b) há ainda regras de análise estrutural que analisam a estrutura de palavras morfologicamente complexas dentro da língua; c) a aplicabilidade de qualquer regra de análise estrutural a uma dada palavra depende das condições de isolabilidade dos elementos envolvidos na construção; d) novas palavras são formadas sobretudo de palavras já existentes, mas

também podem ser formadas de bases presas; e) a formação de novas palavras a partir de bases presas está relacionada à transparência das regras e dos paradigmas envolvidos; f) as regras flexionais são produtivas e as regras derivacionais são semiproductivas. (BASÍLIO, 1980, p. 71)

A definição, pela autora, de “regras de redundância” como “quaisquer regras que expressem relações sistemáticas entre palavras e conjuntos de palavras no léxico” (1980, p. 21) revela-se a mais adequada para o estudo da formação de palavras por derivação.

Rocha (1999) adota o arcabouço teórico proposto por Basílio (1980) para uma teoria da morfologia derivacional e apresenta uma análise do processo de formação de palavras por derivação sufixal em *-eiro* agentivo. O autor mostra nesta sua pesquisa alguns procedimentos para se estabelecerem as características morfológicas da base a que este sufixo se adiciona, como, também, as restrições impostas pelo formativo à criação de novas palavras.

Nesse estudo, o autor separa as condições de produtividade (que se referem às possibilidades de aplicação de uma regra de formação de palavras para produzir novas palavras) das condições de produção (que se referem às restrições relacionadas com a produção de itens lexicais).

Para analisar as condições de produtividade, Rocha lista cento e cinquenta bases substantivas tomadas aleatoriamente, com o intuito de verificar se todo e qualquer substantivo pode servir de base à regra em questão. O autor conclui que a categorização da base – no caso, substantiva – não é suficiente para determinar o tipo de base específica da regra, já que o sufixo em questão não se adjunge a qualquer base substantiva. É necessário então delimitar o tipo de substantivo através de suas subcategorias, que podem ser fonéticas, morfológicas, sintáticas, semânticas etc.

Após analisar a base substantiva através de sua sub-categorização, o autor conclui que a RFP de *-eiro* agentivo tem como base um substantivo com os seguintes traços (o sinal - lê-se *menos*): [-abstrato], [-composto]. A caracterização do produto, ou seja, a caracterização da palavra derivada resultante da aplicação dessa regra a uma base substantiva com os traços acima mencionados, resulta em um substantivo concreto com o sentido de [+agente/indivíduo], como, por exemplo, *leite/leiteiro*, *usina/usineiro*, *dólar/doleiro*.

Quanto às condições de produção, o autor conclui que alguns produtos em *-eiro*, embora teoricamente possíveis, não são produzidos na língua devido a restrições fonológicas (*cruzeiro/*cruzeireiro*), a restrições paradigmáticas (**sambeiro* é bloqueado por *sambista*), e ao bloqueio heterônimo (**aviãozeiro* é bloqueado por *piloto*).

Em resumo, nessa análise, Rocha estabelece as bases morfológicas a que o sufixo em questão se adjuge através da observação das condições de produtividade e, através da observação das condições de produção, estabelece os tipos de bloqueio e as restrições que se impõem às novas formações com *-eiro*. Este procedimento, que procura descrever a gramática subjacente do falante da língua, possibilitou ao autor estabelecer padrões gerais para a produção de palavras com esse sufixo.

Assim, para fazer o estudo dos prefixos selecionados (*anti-*, *des-*, *in-*, *re-* e *sobre-*), recorreremos ao modelo teórico apresentado por Aronoff (1976) e desenvolvido por Rocha (1999). Em seu estudo sobre a sufixação do inglês, Aronoff constatou a existência dos sufixos homófonos *-able*: um deles se liga a verbos e o outro a nomes. A partir desta observação, o teórico (p.48) defende então a Hipótese da Base Única ("Unitary Base Hypothesis"), na qual argumenta que não há bases de categorias diferentes para uma mesma regra de formação de palavras.

Buscaremos apoio também no estudo de Figueiredo Silva e Miotto (2003) sobre a prefixação, no qual os autores hipotetizam que os prefixos, assim como os sufixos, fazem a seleção categorial das bases a que se unem.

Através do estabelecimento de regras que orientam a produção das formações com os prefixos acima mencionados e das restrições que esses formativos impõem às novas formações, estaremos procurando descrever a competência lexical do usuário da língua portuguesa brasileira.

Este trabalho inspirou-se em parte no estudo de Guillén (1989) sobre os prefixos *hiper-* e *ultra-*, no qual a autora hipotetiza que a produtividade das formações derivadas se deve às características das bases morfológicas.

2.3 ESTUDO DE PREFIXOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Nesta seção, procederemos à descrição e análise da situação de cinco prefixos do português brasileiro: *anti-*, *des-*, *in-*, *re-* e *sobre-*. Para a seleção destes formativos, levamos em conta os seguintes critérios: a sua produtividade na língua e o fato de serem elementos que atuam como formas presas (*anti-*, *des-*, *in-* e *re-*) e/ou como formas livres (*sobre-*).

Na análise dos prefixos selecionados para estudo, procuraremos estabelecer as características morfológicas, sintáticas e semânticas das bases a que os formativos selecionados se adjungem, a fim de verificar se esses elementos apresentam um comportamento sistemático em seu processo de formação de palavras. Por fim, será examinada a possibilidade de delinear padrões gerais que dêem conta das construções com esses prefixos. Na descrição e classificação das palavras formadas

por prefixação serão considerados os aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos.

As condições de produtividade de uma regra de formação de palavras, como vimos, referem-se às possibilidades de aplicação de uma regra de formação de palavras para formar novas palavras. As condições de produção referem-se às restrições relacionadas com a produção de itens lexicais.

A análise das bases a que os prefixos se adicionam visa também a fundamentar a hipótese de que os prefixos, por terem uma carga semântica pré-determinada, selecionam semanticamente a base a que se adjungem. Se essa hipótese se comprovar, será possível estabelecer padrões gerais para a prefixação.

O critério estabelecido para listar as bases foi o de incluir palavras que cubram vários campos semânticos e de vários tipos morfológicos, sintáticos e fonológicos.

Por último, apresentaremos as conclusões a que chegamos a partir do procedimento adotado.

2.3.1 PREFIXO ANTI-

2.3.1.1 Introdução

As gramáticas de Coutinho (1976), Bechara (2001), Cunha e Cintra (1985) e Faraco (2000) incluem *anti-* em suas listagens de prefixos gregos, atribuindo-lhe os seguintes sentidos: “oposição”, “ação/posição contrária”. Os exemplos dados nestas gramáticas são: *antídoto*, *antártico*, *antiaéreo*, *antípoda*.

Consultando o *Dicionário Aurélio* (1999), encontramos: *anti-* prefixo grego, com os significados de “ação contrária”, “oposição”, “contrariedade”, “contra”. Os exemplos fornecidos são: *antiácido*, *antidemocrático*, *anticlerical*.

Iniciaremos o estudo do prefixo *anti-* examinando primeiramente as condições de produtividade deste formativo através do estudo da base com que se combina. Para isso, analisaremos as características dessa base através da categorização, subcategorização, constituição morfológica e traços semânticos, tanto da base quanto do produto. Após este levantamento, examinaremos as regularidades que se depreendem das palavras prefixadas selecionadas para estudo. Finalmente, observaremos as condições de produção, isto é, as possíveis restrições impostas por esse prefixo à formação efetiva de novas palavras.

2.3.1.2 Condições de produtividade

2.3.1.2.1 Categorização da base

Para estabelecer a categoria lexical das bases a que o prefixo *anti-* se adjunge, listamos cinquenta bases substantivas, cinquenta bases adjetivas e vinte

bases verbais, todas existentes no léxico, e coletadas tanto no *Dicionário Novo Aurélio* (1999), como em jornais e revistas. Este procedimento visa a verificar se o formativo em questão se adiciona a quaisquer bases. O sinal de interrogação (?) colocado após as formações prefixadas significa que estes itens não são palavras dicionarizadas; entretanto, a sua agramaticalidade será discutida aqui em seguida.

Passemos então à análise do formativo *anti-*:

(1) *Anti-* com base substantiva

A	B
abastecimento	antiabastecimento ¹
ácido	antiácido
acoplamento	antiacoplamento
aéreo	antiaéreo
agrotóxico	*antiagrotóxico (?)
arte	antiarte
árvore	*antiárvore (?)
cachorro	*anticachorro (?)
casa	*anticasa (?)
caspa	anticaspa
comunismo	anticomunismo
corpo	anticorpo
cortina	*anticortina (?)

¹ A utilização do hífen obedece às normas apresentadas em LUFT, C.P. *Grande manual de ortografia Globo*. São Paulo: Globo, 2002. *Anti-* é separado por hífen das bases iniciadas por *h*, *r* ou *s*.

corrupção	anticorrupção
crime	anticrime
curto-circuito	anticurto-circuito(?)
drogas	antidrogas
estacionamento	antiestacionamento (?)
estresse	antiestresse
EUA	anti-EUA
ferimento	antiferimento
fogo	antifogo
força-tarefa	*antiforça-tarefa (?)
fumo	antifumo
furto	antifurto
gato	*antigato (?)
governo	antigoverno
globalização	antiglobalização
guerra	antiguerra
heroína	anti-heroína
invasão	antiinvasão
Iraque	anti-Iraque
moto	*antimoto (?)
narcotráfico	antinarcotráfico
privatização	antiprivatização
pó	antipó
radar	anti-radar
reforma	anti-reforma

roubo	anti-roubo
ruga	anti-ruga
ruído	anti-ruído
satélite	anti-satélite
seqüestro	anti-seqüestro
tabaco	antitabaco
terremoto	antiterremoto
terror	antiterror
terrorismo	antiterrorismo
tortura	antitortura
tosse	antitosse
violência	antiviolença
vírus	antivírus

Primeira generalização: categoria da base → base substantiva

Verifica-se que *anti-* é bem produtivo quando combinado com bases substantivas, pois se une a substantivos primitivos, deverbiais, derivados de adjetivos, concretos, abstratos, próprios e comuns. *Anti-* adiciona-se a bases substantivas relativas a idéias ou conceitos que admitam uma posição contrária, ou a ações e processos que admitam ser prevenidos, evitados ou protegidos. Os substantivos têm como função nomear os seres, eventos, invenções, idéias, doutrinas, seitas etc., o que explica a perfeita harmonia entre o prefixo *anti-* “oposição”, “contrário a” “ou prevenção” + base substantiva (nome).

Quando se une às bases substantivas, o prefixo *anti-* adiciona os sentidos de:

a) “Oposição”, “contrário a” a substantivos concretos: *anti-heroína*,

anti-EUA, antigoverno, antiguerra, antiacoplamento, antiinvasão, anti-Iraque, antitabaco etc.

b) “Ação contrária”, “prevenção” a bases substantivas relativas a ações e processos que sejam compatíveis com o sentido acrescentado: *antiácido, anticrime, antidrogas, antiestresse, anti-sequestro, antiterremoto, antiterrorismo, antiviolença* etc. Em seu estudo sobre o prefixo *anti-*, Bastos (1989, p.25) argumenta que neste prefixo está presente a noção de “evitar”, “proteger” antes da realização da ação.

As restrições que *anti-* poderia impor na sua combinação com bases substantivas seriam semânticas. Entretanto, consideramos que as formações que, em princípio, poderiam ser consideradas agramaticais, como *anticachorro* (?), *antiestacionamento* (?), *antiárvore* (?), *antigato* (?), *antimoto* (?) etc., tornam-se perfeitamente aceitáveis quando inseridas em um contexto, como se pode observar nos exemplos em (2):

- (2) a. Devido aos inúmeros dejetos que os cachorros dos moradores depositavam todos os dias no gramado do prédio, o condomínio do Edifício Porto Real tomou medidas anticachorros: cercou o gramado.
- b. A prefeitura de Lins estuda medidas antiestacionamento de motos nas calçadas da cidade.
- c. João sofre tanto com sua bronquite alérgica e asmática, que se tornou um antiárvores, um antigatos, um anticortinas e um anticarpetes.

Nessas formações em (2), *anti-* acrescenta o sentido de “oposição”, “contrário a”. Se formações nunca ouvidas, prefixadas com *anti-*, como *anticachorro*,

antiestacionamento etc., tornam-se perfeitamente aceitáveis quando contextualizadas, consideramos que *anti-* não imponha restrições semânticas a nenhuma base substantiva.

Por outro lado, observa-se que as bases substantivas *furto, radar, roubo, ruga, ruído, satélite e seqüestro*, quando prefixadas com *anti-* formando *anti-furto, anti-radar, anti-roubo, anti-rugas, anti-ruído, anti-satélite, anti-seqüestro*, mudam de classe gramatical, como já apontado por Sandmann (1996, p.16) e Alves (1993a, p.103), e passam a funcionar como adjetivos, o que é uma função incomum nos prefixos, como se pode observar em (3):

- (3) a. medidas antifurto; medidas anti-roubo; medidas anti-seqüestro
- b. creme anti-rugas
- c. sistema anti-radar, sistema anti-satélite
- d. forração anti-ruído

Tais observações nos levam a formular a RFP de *anti-* com base substantiva como exemplificada em (4), na qual o produto da aplicação da regra de formação de palavras pode ser um substantivo ou um adjetivo, portanto, um nome:

$$(4) \begin{array}{c} [X] \\ S \end{array} \rightarrow \begin{array}{c} \text{anti-} \\ P \end{array} \begin{array}{c} [X] \\ S \end{array} \begin{array}{c}] \\ N \end{array}$$

A aplicação da RFP de *anti-* a uma base substantiva tem como produto:

- a) um nome derivado que denota “oposição, contrário a X”, em que X representa o substantivo concreto;
- b) um nome derivado que denota “ação contrária, prevenção contra X”, em que X é o

substantivo relativo a ações ou processos.

Passemos agora a analisar o comportamento de *anti-* quando adicionado a uma base adjetiva:

(5) *Anti-* com base adjetiva

A	B
abortivo	antiabortivo
aderente	antiaderente
afrodisíaco	antiafrodisíaco
alérgico	antialérgico
alto	*antialto
americano	antiamericano
aristocrata	antiaristocrata
asmático	antiasmático
azul	*antiazul
belicista	antibelicista
bonito	*antibonito
coagulado	*anticoagulado
coagulante	anticoagulante
comercial	anticomercial
comunista	anticomunista
congestionado	*anticongestionado
congestionante	anticongestionante
constitucional	anticonstitucional

curto	*anticurto
derrapante	antiderrapante
derrapado	*antiderrapado
desgastante	antidesgastante
diarréico	antidiarréico
dócil	*antidócil
durável	*antidurável
duro	*antiduro
estimulante	antiestimulante
fascista	antifascista
febril	antifebril
franco-italiano	*antifranco-italiano
global	antiglobal
grande	*antigrande
gripal	antigripal
ladroagem	antiladroagem
louvável	*antilouvável
marginalizado	*antimarginalizado
morto	*antimorto
neurótico	antineurótico
nobre	antinobre
patriota	antipatriota
pequeno	*antipequeno
poluente	antipoluente
poluído	*antipoluído

popular	antipopular
racista	anti-racista
reumático	anti-reumático
semítico	anti-semítico
séptico	anti-séptico
terrorista	antiterrorista
terrificante	antiterrificante

Segunda generalização: *anti-* une-se a bases adjetivas; entretanto, não se adiciona a qualquer adjetivo, o que requer que se delimite o tipo de base através da subcategorização da base adjetiva.

2. 3. 1. 2. 2 Sub-categorização morfológica e semântica da base adjetiva

a) Com o sentido de “oposição”, “contrário a”, *anti-* une-se a adjetivos deverbais sufixados em *-nte*, que indicam processos, como *antiaderente*, *anticoagulante*, *anticongestionante*, *antiderrapante*, *antidesgastante*, *antiestimulante*, *antipolvente* etc., que admitam ser prevenidos ou evitados.

b) Com o sentido de “prevenção”, *anti-* adjunge-se a bases adjetivas denominais, relativas a processos: *antiasmático*, *antigripal*, *antifebril*, *antidiarréico*, *anti-reumático* etc.

c) *Anti-* une-se ainda a nomes que indicam maneiras de pensar, nomes de doutrinas ou seitas, acrescentando o sentido de “oposição”, “contrário a”: *anticlassicista*, *antitabagista*, *antibelicista*, *anticomunista*, *antifascista*, *antiterrorista*, *anti - racista* etc.

Anti- pode unir-se ainda a advérbios em *-mente*, como nos exemplos tomados de Bastos (1989, p.25) : *antidemocraticamente*, *anticientificamente* etc.

O resultado da aplicação da RFP de *anti-* a uma base adjetiva tem como produto:

- a) um adjetivo derivado que denota “oposição, contrário a X”, em que X representa o adjetivo deverbal sufixado em *-nte*;
- b) um adjetivo derivado que denota “prevenção a/contra X”, em que X representa o substantivo que serviu de base para formar o adjetivo denominal;
- c) um adjetivo derivado que denota “oposição, contrário a X”, em que X é o adjetivo referente a doutrinas, seitas, modos de pensar.

A RFP de *anti-* com uma base adjetiva está formalizada em (6):

$$(6) \begin{matrix} [X] & \rightarrow & [anti-] & [X] &] \\ A & & P & A & N \end{matrix}$$

Passemos agora à análise de *anti-* com base verbal:

(7) *Anti-* com base verbal

A	B
abastecer	*antiabastecer
abrir	*antiabrir
andar	*antiandar
chover	*antichover

comer	*anticomer
correr	*anticorrer
deitar	*antideitar
desmaiar	*antidesmaiar
dizer	*antidizer
escrever	*antiescrever
estar	*antiestar
falar	*antifalar
falecer	*antifalecer
ler	*antiler
mastigar	*antimastigar
nadar	*antinadar
pensar	*antipensar
pintar	*antipintar
trabalhar	*antitrabalhar
valorizar	*antivalorizar

Terceira generalização: o prefixo *anti-* adiciona-se a bases substantivas e adjetivas e não se combina com nenhuma base verbal

Observa-se em (7) que o formativo *anti-* não se combina com nenhum tipo semântico de base verbal: a formação é impossível seja com verbos que indicam estado (*ser, pensar*, e ainda poderíamos acrescentar *conhecer, saber, merecer, poder* etc), seja com os que indicam processo (*andar, correr*, ou ainda: *caminhar, desenvolver* etc.), seja com verbos télicos (*deitar, desmaiar, falecer*, ou ainda: *morrer, nascer* etc.), ou com verbos de ação (*abastecer, escrever, pintar, trabalhar* etc), ou

com verbos atélicos (*chover, comer, mastigar, nadar*, ou ainda: *sorrir, nevar, trovejar* etc.), ou ainda com verbos *dicendi* (*dizer, falar*).

2. 3. 1. 3 Condições de produção: restrições

Nesta seção, analisaremos as restrições impostas pelo prefixo *anti-* à formação de novas palavras.

2. 3. 1. 3. 1 Restrições morfológicas e sintáticas

O prefixo *anti-* não se combina com bases verbais e com bases adjetivas primitivas.

2. 3. 1. 3. 2 Restrições semânticas

a) *Anti-* não se combina com bases adjetivas deverbais sufixadas em *-ado*, como *coagulado, congestionado, derrapado, marginalizado, morto* ou *poluído*, pois este sufixo imprime às bases a noção de um processo acabado, portanto, incompatível com a carga semântica de “prevenção”.

b) A adjetivos deverbais sufixados em *-vel*, como *louvável* ou *durável*, *anti-* não se une, pois este sufixo imprime o sentido de “possibilidade de praticar ou sofrer a ação” às bases verbais, o que as torna incompatíveis com a noção de prevenção.

2. 3. 1. 3. 3 Bloqueio heterônimo

Com o sentido “contrário a/de”, *anti-* não se combina com bases adjetivas primitivas que já tenham o seu par antônimo no léxico (*alto, bonito, curto, duro, grande, pequeno*). O sentido “contrário” é expresso pelos pares antônimos já consagrados: *alto/baixo, bonito/feio, curto/comprido, duro/mole, grande/pequeno*, que

bloqueiam as formações com *anti-*. **Antidócil* é bloqueada por *indócil*.

2.3.1.4 Considerações finais

As palavras derivadas formadas pela adição do prefixo *anti-* às bases nominais substantivas e adjetivas mantêm o sentido de “oposição”, “contrário a”: *antiglobalização*, *anti-semítico*, *anti-social*, *antifascista* etc.; ou de “prevenção”: *antivírus*, *antiinvasão*, *antiterremoto*, *antifebril*, *antidiarréico* etc., acrescentado pelo prefixo. *Anti-* é, portanto, um prefixo eminentemente nominal.

A RFP de *anti-* com bases nominais fica então formalizada como em (8):

$$(8) \begin{matrix} [X] \\ N \end{matrix} \rightarrow \begin{matrix} [\text{anti-}] \\ P \end{matrix} \begin{matrix} [X] \\ N \end{matrix} \begin{matrix}] \\ N \end{matrix}$$

Ao unir-se a determinadas bases, *anti-* passa a ter uma função adjetiva, como em “medidas antifurto”, “creme anti-rugas” etc., um comportamento incomum para um prefixo; entretanto, consideramos este formativo um prefixo e não uma base presa porque tem todas as características relacionadas abaixo para ser um elemento prefixal:

- a) serve para formações em série e é altamente produtivo, principalmente com bases substantivas;
- b) adiciona recorrentemente às bases a que se une a idéia de “oposição”, “contrário a”, “prevenção”;
- c) adiciona às bases idéias comuns e gerais;
- d) seleciona as bases a que se une: impõe restrições morfológicas, sintáticas e semânticas.

A RFP de *anti-*, quanto às condições de produtividade, aplica-se a bases substantivas e adjetivas sufixadas em *-nte*, cujo significado seja compatível com “oposição” ou “contrário a”. Aplica-se também a bases adjetivas denominais com o sentido de “prevenção” e a bases adjetivas que se refiram às ciências, artes, doutrinas, sistemas políticos ou religiosos, com o sentido de “oposição”, “contrário a”.

Encontramos exemplos de *anti-* também com bases presas: *antípoda*, *antídoto* e *antipatia*. Se recorrermos às regras de análise estrutural (RAE's), podemos perceber os prefixos e a base presa em *antipatia/simpatia/apatia/empatia*. Já em *antípoda* e *antídoto* precisaríamos recorrer à diacronia para explicar estas construções.

Em (9a) abaixo, explicitamos as condições de produtividade da RFP de *anti-* “oposição, contrário a” com base nominal e em (9b) são colocadas as restrições impostas por esse prefixo às novas formações:

A. *Anti-* “oposição, contrário a”

(9a) Condições de produtividade:

Base morfo-sintática: + substantivo concreto

+ adjetivo deverbal sufixado em *-nte*

+ adjetivo denominal sufixado em *-ista*

Base semântica: + nomes relativos a idéias, doutrinas ou processos

Produto: nome derivado que denota: “oposição, contrário a X”

(9b) Condições de produção: restrições quanto à base:

1. Restrições morfológicas e sintáticas (o sinal – dever ser lido *menos*):

- bases verbais
- bases adjetivas primitivas

2. Restrições semânticas:

- bases adjetivas deverbais sufixadas em *-ado* ou *-vel*

3. Bloqueio heterônimo:

- bases adjetivas primitivas que já tiverem seus pares antônimos

Em (10a) abaixo, explicitamos as características da RFP de *anti-* “ação contrária, prevenção” com base nominal e em (10b) são colocadas as restrições impostas por esse prefixo às novas formações:

B. *Anti-* “ação contrária, prevenção”

(10a) Condições de produtividade:

Base morfo-sintática: + substantivo

+ adjetivo denominal sufixado em *-ico* ou *-il/-al*

Base semântica: + nomes relativos a ações e processos

Produto: nome derivado que denota “ação contrária, prevenção contra”

(10b) Condições de produção: restrições

1. Restrições morfológicas e sintáticas

- bases verbais
- bases adjetivas primitivas

2. Restrições semânticas:

- bases adjetivas deverbais sufixadas em *-ado* ou *-vel*

2.3.2 PREFIXO *DES-*

2.3.2.1 Introdução

Cunha (1985) e Rocha Lima (1998) classificam *des-* como um prefixo latino, que indica “negação”, “separação”, “ação contrária” e citam os seguintes exemplos: *desventura, desleal, desonesto, desfolhar, desfazer, desmudar, desmascarar*. Para Faraco (2000), *des-* significa sobretudo “ausência de” ou “falta de”, pois este prefixo nega o valor da palavra-base à qual se antepõe: *descaracterizar, desconhecer, descansar*.

O *Dicionário Aurélio* (1999) define *des-* como “junção das preposições latinas *de* e *ex*, ou romanização do prefixo latino *dis-*, indicando “separação”, “transformação”, “intensidade”, “ação contrária”, “negação”, “privação”. Os exemplos apresentados são: *despedaçar, desfazer, desumano, desacordo*.

Iniciaremos o estudo do comportamento do prefixo *des-* examinando as suas condições de produtividade através da categorização e sub-categorização da base a que se adjunge. Observaremos também se existe alguma correlação entre um ou outro dos significados e a classe morfológica da base à qual o prefixo se adjunge.

2.3.2.2 Condições de produtividade

2.3.2.2.1 Categorização da base

Para analisar, descrever e sistematizar o comportamento do prefixo *des-* e estabelecer as bases a que se adiciona, listamos cinquenta e cinco bases substantivas, cinquenta e cinco bases adjetivas e setenta bases verbais, todas

existentes no léxico e coletadas em jornais, revistas e no *Dicionário Novo Aurélio* (1999).

Passemos à análise do comportamento de *des-* com bases substantivas:

(1) *Des-* com base substantiva:

A	B
ágio	deságio
aceleração	desaceleração
acerto	desacerto
acolhimento	desacolhimento
acordo	desacordo
afeto	desafeto
alimento	*desalimento
amigo	*desamigo
amor	desamor
amor-perfeito	*desamor-perfeito
aparição	desaparição
apreço	desapreço
apropriação	desapropriação
atenção	desatenção
beleza	*desbeleza
bloqueio	desbloqueio
bondade	*desbondade
capacidade	*descapacidade

capoeira	*descapoeira
carga	descarga
cardume	*descardume
compasso	descompasso
complementaridade	descomplementaridade
constelação	*desconstelação
crença	descrença
delicadeza	*desdelicadeza
encanto	desencanto
favelização	desfavelização
folha-de-santana	*desfolha-de-santana
fortuna	desfortuna
freqüência	*desfreqüência
governo	desgoverno
inveja	*desinveja
ira	*desira
lavagem	*deslavagem
ligamento	desligamento
luz	*desluz
ódio	*desódio
miragem	*desmiragem
paragem	*desparagem
passatempo	*despassatempo
povo	*despovo
proporção	desproporção

pudor	despudor
rancor	*desrancor
riqueza	*desriqueza
semelhança	dessemelhança
sensatez	*dessensatez
sensibilidade	*dessensibilidade
serviço	desserviço
temor	destemor
união	desunião
valorização	desvalorização
vantagem	desvantagem
vôo	*desvôo

2. 3. 2. 2. 2 Sub-categorização da base substantiva

O prefixo *des-* une-se:

a) a substantivos primitivos abstratos adicionando o sentido de “ausência de” ou “falta de”: *ágio/deságio, amor/desamor, crença/descrença, apreço/desapreço, atenção/desatenção, encanto/desencanto, fortuna/desfortuna, serviço/desserviço, pudor/despudor, afeto/desafeto, temor/destemor, vantagem/desvantagem.*

b) a substantivos deverbais derivados por sufixação em *-idade, -mento, -ão, ção* ou *-ança*: *descomplementaridade, desligamento, desapareição, desfavelização, desproporção, desapropriação, desvalorização, dessemelhança, desunião, desaceleração.* A essas construções o prefixo adiciona o sentido “contrário de”:

c) a substantivos deverbais formados por derivação sufixal zero, adicionando o sentido de “contrário de”: *desacordo, desbloqueio, descompasso,*

descarga, desgoverno, desacerto.

Como vimos em b) e c), o prefixo *des-* acrescenta o sentido de “contrário de” às nominalizações de verbos e, como veremos em 2.3.2.2.4, será o mesmo sentido que este prefixo adiciona às bases verbais que dão origem às formações nominais mencionadas acima.

A RFP de *des-* a uma base substantiva tem como produto:

- a) um substantivo derivado que significa “ausência ou falta de X” , em que X é o substantivo primitivo;
- b) um substantivo derivado com o sentido de “que é o contrário de X”, em que X é o substantivo deverbal.

A RFP de *des-* a uma base substantiva está formalizada em (2):

$$(2) \begin{matrix} [X] \\ S \end{matrix} \rightarrow \begin{matrix} [des- & [X] \\ P & S \end{matrix} \begin{matrix}] \\ S \end{matrix}$$

As restrições impostas por *des-* serão analisadas em 2.3.2.3. A seguir, observaremos o comportamento de *des-* com base adjetiva:

(3) *Des-* com base adjetiva:

A	B
afável	desafável
acostumado	desacostumado
afortunado	desafortunado
agradável	desagradável

ajeitado	desajeitado
amassado	desamassado
amável	desamável
amoroso	desamoroso
animado	desanimado
árido	*desárido
atencioso	desatencioso
bonito	*desbonito
coagulante	descoagulante
cansado	descansado
casado	descasado
compreensível	*descompreensível
comum	*descomum
confiado	desconfiado
conhecido	desconhecido
conjugal	*desconjugal
contente	descontente
cortês	descortês
dantesco	*desdantesco
duro	*desduro
elegante	deselegante
empregado	desempregado
encaminhado	desencaminhado
enterrado	desenterrado
estatizante	desestatizante

estimulante	desestimulante
favorável	desfavorável
feito	desfeito
gigantesco	*desgigantesco
gordo	*desgordo
humano	desumano
importante	desimportante
impedido	desimpedido
industrial-militar	*desindustrial-militar
infeliz	desinfeliz
inquietante	desinquietante
justificável	*desjustificável
leal	desleal
militarizado	desmilitarizado
pitoresco	*despitoresco
pobre	*despobre
preocupado	despreocupado
quente	*desquente
racional	*desracional
ruim	*desruim
silencioso	*dessilencioso
social-democrata	*dessocial-democrata
suficiente	*dessuficiente
terrestre	*desterrestre
vantajoso	desvantajoso

vazio

*desvazio

2. 3. 2. 2. 3 Sub-categorização da base adjetiva

O prefixo *des-* adiciona-se:

a) a bases adjetivas primitivas, em que nega a qualidade da base, ou seja, adiciona o sentido de “negação”: *afável/desafável, amável / desamável, leal / desleal, favorável/desfavorável, contente/descontente, elegante/deselegante, agradável/desagradável, humano/desumano, importante / desimportante, cortês/descortês.*

b) a bases adjetivas nominais participiais em *-ado* e deverbais em *-nte*, nas quais adiciona o sentido “contrário de”: *desamassado, desacostumado, descansado, descasado, desempregado, desfeito, desenterrado, desanimado, desconfiado, desconhecido, desimpedido, desmilitarizado, despreocupado; descoagulante, desestimulante, desinquietação, desestatizante.*

c) a bases adjetivas deverbais denominais (oriundas de substantivos abstratos), adicionando o sentido de “negação” ou “contrário de”: *desafortunado, desajeitado, desencaminhado.*

d) a bases adjetivas denominais (oriundas de substantivos abstratos), nas quais acrescenta o sentido de “negação” ou “contrário de”: *desatencioso, desamoroso, desvantajoso.*

Na listagem examinada, os adjetivos prefixados com *des-*, em sua grande maioria, são itens deverbais formados com a adição dos sufixos nominalizadores *-ado* ou *-nte* às bases verbais que lhes deram origem, ou seja, *des-* une-se a esses itens porque são sufixados com formativos que se unem a verbos. A essas formações, que têm como base um verbo primitivo, *des-* acrescenta o mesmo sentido que vai

adicionar às bases verbais: o de “contrário de”.

Cabe ressaltar que em *desinfeliz*, *des-* assume função reforçativa, pois a negação já está marcada pelo prefixo *in-*. Os prefixos *des-* e *in-* não são comutáveis entre si, mas podem vir um à frente do outro, como em *desinfeliz* ou *desinquietante*, que constituem casos esporádicos na língua.

A aplicação da RFP de *des-* a uma base adjetiva pode ter como produto:

- a) um adjetivo derivado com o sentido de “que não é X”, em que X representa um adjetivo primitivo;
- b) um adjetivo derivado com o sentido de “que é o contrário de X”, em que X é um adjetivo deverbal sufixado em *-ado* ou *-nte*;
- c) um adjetivo derivado com o sentido de “que não é X” ou “que é o contrário de X”, em que X é o adjetivo deverbal denominal ou um adjetivo denominal.

A RFP de *des-* a uma base adjetiva está formalizada em (4):

$$(4) \begin{array}{c} [X] \\ A \end{array} \rightarrow \begin{array}{c} [des- \\ P \end{array} \begin{array}{c} [X] \\ A \end{array} \begin{array}{c}] \\ A \end{array}$$

As restrições impostas pelo prefixo *des-* às novas formações serão analisadas em 2.3.2.3. Observemos agora o comportamento de *des-* quando adicionado a uma base verbal.

(5) *Des-* com base verbal

A	B
abrir	*desabrir

acabar	*desacabar
acatar	desacatar
acelerar	desacelerar
adoecer	*desadoecer
aparecer	desaparecer
apropriar	desapropriar
aprovar	desaprovar
armar	desarmar
articular	desarticular
atar	desatar
ativar	desativar
autorizar	desautorizar
cansar	descansar
caracterizar	descaracterizar
carregar	descarregar
centralizar	descentralizar
chover	*deschover
classificar	desclassificar
colar	descolar
comer	*descomer
conhecer	desconhecer
construir	desconstruir
contaminar	descontaminar
contar	descontar
contrair	descontrair

controlar	descontrolar
cuidar	descuidar
cumplir	descumplir
dever	*desdever
dizer	desdizer
dobrar	desdobrar
embarcar	desembarcar
educar	deseducar
encantar	desencantar
encorajar	desencorajar
enterrar	desenterrar
equilibrar	desequilibrar
estabilizar	desestabilizar
estar	*destar
estatizar	desestatizar
estimular	desestimular
ficar	*desficar
gostar	desgostar
honrar	desonrar
integrar	desintegrar
interessar	desinteressar
ler	*desler
marcar	desmarcar
mascarar	desmascarar
mastigar	*desmastigar

mentir	desmentir
montar	desmontar
moralizar	desmoralizar
morrer	*desmorrer
nascer	*desnascer
onerar	desonerar
ordenar	desordenar
organizar	desorganizar
parar	disparar
parecer	*desparecer
poder	*despoder
respeitar	desrespeitar
sorrir	*dessorrir
sossegar	desassossegar
torcer	destorcer
unir	desunir
valorizar	desvalorizar
virar	desvirar
viver	*desviver

2. 3. 2. 2. 4 Sub-categorização da base verbal

Des- é altamente produtivo quando se adiciona a bases verbais que permitam que a ação ou estado seja desfeito, como em *desenterrar, desacelerar, desfazer, descarregar, desorganizar, desacatar, descasar, descansar* etc. A essas bases,

portanto, *des-* adiciona o sentido de “ação contrária”. Segundo Longo (1980), há o pressuposto de que uma ação foi praticada ou uma situação foi estabelecida para então ser levada a efeito uma ação/situação contrária.

O produto da aplicação da RFP com *des-* a uma base verbal é um verbo derivado com o sentido de “ação/situação contrária de X”, em que X é a base verbal. Esta regra está formalizada em (6):

$$(6) \begin{matrix} [X] \\ V \end{matrix} \rightarrow \begin{matrix} \text{des-} \\ P \end{matrix} \begin{matrix} [X] \\ V \end{matrix} \begin{matrix}] \\ V \end{matrix}$$

2. 3. 2. 3 Condições de produção: restrições

Observa-se que as restrições impostas pelo prefixo *des-* à formação de novas palavras são morfológicas e semânticas.

2. 3. 2. 3. 1 Restrições morfo-semânticas:

Des- não se adiciona a substantivos concretos: **descapoeira*, **desluz*, **desalimento*, **desamigo*, **desvão*, **deslavagem*, **desparagem*, **desmiragem*; a substantivos coletivos: **desconstelação*, **descardume*, **despovo*; a compostos: **desamor-perfeito*, **despassatempo*, **desfolha-de-santana*, **dessocial-democrata*, **desindustrial-militar*.

2. 3. 2. 3. 2 Restrições morfológicas:

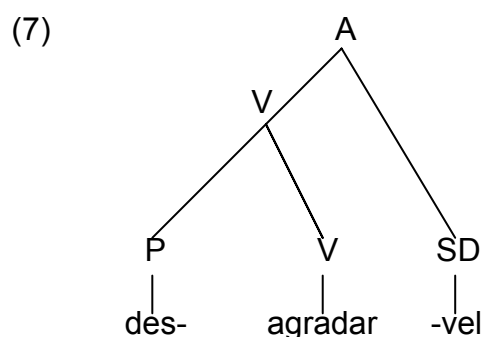
a) *Des-* não se combina com adjetivos primitivos terminados em *-esco* ou *-al*: **despitoresco*, **desdantesco*, **desgigantesco*; **desconjugal*, **desracional*.

b) *Des-* não se une a substantivos deadjetivais: **desbeleza*, **desbondade*,

**desdelicadeza, *dessensatez, *descapacidade, *dessensibilidade, *desriqueza.*

c) A adjetivos deverbais derivados em *-vel, des-* não se adiciona:
**desjustificável, *descompreensível, *despalpável etc.*

A formação em *desagradável*, portanto, parte primeiramente do verbo *agradar*, ao qual é adicionado *des-*, formando *desagradar* e, por último, é adicionado o sufixo *-vel* formando *desagradável*, como exemplificado em (7), em SD = sufixo derivacional:



2. 3. 2. 3. 2 Restrições semânticas:

a) *Des-* não se adjunge a verbos estativos: **desdever, *desestar, *desfizar, desporecer, despoder etc.* Outros exemplos: **desser, *dessaber, *desmorar, *destornar-se etc.*

b) O prefixo *des-* não se combina com verbos perfectivos télicos: **desacabar, *desmorrer, *desnascir, *desabrir*, pois estas bases verbais trazem no seu conteúdo semântico a noção de acontecimento pontual e permansivo, isto é, a ação que expressam denota um processo conclusivo e permanente em seus efeitos, portanto, incompatível com a idéia de “desmanchar” acrescentada pelo prefixo às formações verbais. Outros exemplos de bases verbais com as quais *des-* não se combinaria: **desdeitar, *desdesmaiar, *desiniciar, *deslevantar, *desmatar, *dessuicidar-se etc.*

c) *Des-* não se combina com verbos atélicos como **deschover*, **descomer*, **desler*, **desmastigar*, **dessorrir* etc., pois estas bases verbais indicam situações que não tendem a um fim necessário, o que justifica a não-aceitação da idéia de “ação contrária” emprestada pelo prefixo quando em formações verbais. Outros exemplos de verbos atélicos aos quais o formativo em questão não se combinaria: **desberrar*, **deschorar*, **desgritar*, **desnadar*, **desolhar*, **desnevar*, **destrovejar* etc.

d) A verbos incoativos o prefixo *des-* não se adjuge, pois estes verbos indicam início de um estado: **desadoecer*. Outros exemplos: **desengordar*, **desendurecer* etc.

2. 3. 2. 3. 3 Bloqueio heterônimo

O formativo *des-* não se combina com adjetivos que já tenham seus pares antônimos consagrados no léxico: *bonito/feio* (**desbonito*), *fácil/difícil* (**desfácil*), *gordo/magro* (**desgordo*), *quente/frio* (**desquente*), *vazio/cheio* (**desvazio*). Esses pares antônimos bloqueiam então possíveis formações novas com o mesmo sentido.

Esse mesmo tipo de bloqueio ocorre também com a palavra *comum*, que tem a forma *incomum* como antônima, como, também, as formas *suficiente* e *freqüente*, que têm como antônimas as palavras *insuficiente* e *infreqüente*, respectivamente. O bloqueio a novas formações aparece ainda em outros pares antônimos, como podemos observar em (8):

(8) alto / baixo (**desalto* / *desbaixo*)

comprido / curto (**descomprido*/**descurto*)

doce/salgado (**desdoce*/**dessalgado*)

entrar/sair (*desentrar/*dessair)

gordo/magro (*desgordo/*desmagro)

seco/molhado (*desseco/*desmolhado)

subir/descer (*dessubir/*desdescer)

A palavra *desamor* aparentemente é uma exceção ao fenômeno de bloqueio, já que existe no léxico o par antônimo *amor/ódio*. Entretanto, a convivência da palavra *desamor* ao lado da palavra *ódio* é possível porque elas têm sentidos diferentes, não se configurando, portanto, num verdadeiro caso de heteronímia (e, assim, escapando do escopo desta regra de bloqueio). Consultando o *Dicionário Aurélio* (1999), constatamos que *desamor* significa “falta de amor, desapego, desdém”; enquanto que *ódio* significa “rancor, raiva, ira, aversão, repugnância, antipatia, desprezo”. Como podemos perceber, *desamor* e *ódio* não são palavras sinônimas.

2.3.2.4 Considerações finais

O prefixo *des-* é altamente produtivo na formação de verbos, que é a categoria lexical básica com que este formativo se combina e que serve de base para a grande maioria das formações substantivas e adjetivas. Esse formativo empresta à base verbal a que se associa o sentido de “ação contrária”, ou seja, determina a ação/situação reversa do verbo da base e tem como produto um verbo derivado que significa “ação/situação contrária de X”.

Des- une-se a substantivos primitivos abstratos e tem como produto um substantivo derivado, que significa “ausência ou falta de X”, em que X é o substantivo abstrato. Une-se também a substantivos deverbiais formados por derivação sufixal zero, ou derivados em *-idade*, *-mento*, *-ão*, *-ção* e *-nte* e tem como produto um

substantivo derivado com o sentido de “contrário de X”, em que X é o substantivo deverbal.

Des- une-se a adjetivos primitivos acrescentando o sentido de “negação” e tem como produto um adjetivo derivado, que tem o sentido de “que não é X”, em que X é o adjetivo primitivo. Adiciona-se ainda a adjetivos deverbais sufixados em *-ado* e *-nte*, adicionando o sentido de “contrário de” e tem como produto um adjetivo derivado com o sentido de “que é o contrário de X”, em que X é o adjetivo deverbal. Une-se ainda a adjetivos deverbais denominais e a adjetivos denominais (oriundos de substantivos abstratos), acrescentando o significado de “negação” ou “contrário de” e tem como produto um adjetivo derivado com o significado de “que não é X” ou “que é o contrário de X”, em que X é o adjetivo denominal.

Ao unir-se a substantivos e adjetivos deverbais, o prefixo *des-* adiciona, como vimos, o significado de “contrário de”, que está relacionado ao mesmo sentido acrescentado à forma verbal que deu origem a essas formações nominalizadas substantivas e adjetivas.

O estudo do comportamento de *des-* leva-nos a concluir que este morfema é um prefixo produtivo, apresenta um comportamento previsível e regular; serve para produzir palavras em série, desde que respeitadas as restrições morfológicas e semânticas impostas por esse formativo. Verificamos também que o prefixo negativo *des-* acrescenta, dependendo da base, os sentidos de “contrário de”, “ausência, falta de” e de “negação”.

As características da RFP de *des-* “contrário de” com base nominal e verbal estão resumidas abaixo: em (9a) explicitamos as suas condições de produtividade e em (9b) são colocadas as restrições impostas por esse prefixo às novas formações.

A. *Des-* “contrário de, ação contrária”

(9a) Condições de produtividade:

Base morfo-sintática: + verbo

+ substantivo deverbal

+ adjetivo denominal em *-oso* ou deverbal em
-ado ou *-nte*

+ adjetivo deverbal denominal

Base semântica: + verbo que admita a reversibilidade da ação/situação

+ nome que admita a adição do sentido “contrário de” à
base

Produto: a) verbo derivado que denota ação ou situação contrária ao
significado expresso pela base

b) nome derivado que denota “que é o contrário de X”

(9b) Condições de produção: restrições quanto à base:

1. Restrições morfológicas:

- substantivos concretos ou abstratos
- substantivos de adjetivais
- adjetivos deverbais sufixados em *-vel*
- adjetivos terminados em *-esco* e *-al*

2. Restrições semânticas:

- verbos que não permitam a reversibilidade da ação/situação (verbos
estativos, perfectivos télicos, atélicos, incoativos)

3. Bloqueio heterônimo:

- adjetivos que já tenham sua forma antônima no léxico

As características da RFP de *des-* “ausência, falta de” com base nominal estão resumidas abaixo: em (10a) explicitamos as suas condições de produtividade e em (10b) são colocadas as restrições impostas por esse prefixo às novas formações.

B. *Des-* “ausência, falta de”

(10a) Condições de produtividade:

Base morfo-sintática: + substantivo primitivo abstrato

Base semântica: + substantivo que admita o sentido “ausência, falta de”
adicionado à base

Produto: substantivo derivado que denota: “ausência ou falta de X”;

(10b) Condições de produção: restrições quanto à base:

1. Restrições morfológicas e sintáticas:

- substantivos concretos, deadjetivais ou deverbais
- adjetivos primitivos, denominais, deverbais ou deverbais denominais
- verbos

As características da RFP de *des-* “negação” com base nominal estão resumidas abaixo: em (11a) explicitamos as suas condições de produtividade e em (11b) são colocadas as restrições impostas por esse prefixo às novas formações.

C. *Des-* “negação”

(11a) Condições de produtividade:

Base morfo-sintática: + adjetivo primitivo

+ adjetivo denominal ou deverbais denominal

Base semântica: + adjetivo que admita a adição do sentido “negação”

à base

Produto: adjetivo derivado que denota “negação de X”

(11b) Condições de produção: restrições quanto à base:

1. Restrições morfológicas e sintáticas:

- substantivos abstratos, concretos, deadjetivais e deverbais
- adjetivos deverbais sufixados em *-vel*
- adjetivos terminados em *-esco* e *-al*
- verbos

2.3.3 PREFIXO *IN-*

2.3.3.1 Introdução

Em sua gramática, Bechara (2001, p. 367) define *in-* como um prefixo latino, que significa “negação”, “privação”, “sentido contrário” e cita os seguintes exemplos: *ilegal, incorrigível, impenitente*. Para Cunha e Cintra (1985, p. 85), *in-* significa “movimento para dentro”: *ingerir, impedir, imigrar, irromper, enterrar*, e “negação”, “privação”: *inativo, impermeável, ilegal, irrestrito*.

Já Rocha Lima (1998, p.203) argumenta que “há dois prefixos *in-*, de origens diversas”. Em *incorrer, importar*, por exemplo, há um prefixo *in-* que indica “movimento para dentro” e com este sentido pode assumir a forma *en-*, como em *enterrar, enraizar*. O outro prefixo *in-* expressa “negação”, “privação”, como em *incapaz, incômodo, indecente, inútil*.

O *Dicionário Aurélio* (1999) define *in-* como um prefixo latino que significa “negação”, “privação”: *inigualável*. Tem como equivalentes as formas *im-*, *i-* e *ir-*: *impalpável, ilimitável e irredutível*.

As formas *in-* e *i-*, segundo Costa (1993, p.138), manifestam-se em distribuição complementar. Quando este formativo se une a bases iniciadas por consoantes líquidas, como /l/ e /r/ ou nasais como /m/ e /n/, ocorre o apagamento da consoante líquida ou nasal do prefixo, como em *ilegal, irreal, imaturo*. Quando se une a bases iniciadas por vogal ou outras consoantes, tem-se a ocorrência de *in-*: *indiscutível, ineficiente*.

Iniciaremos o estudo do prefixo negativo *in-* examinando primeiramente as bases com que se combina e os sentidos que adiciona a essas bases: se de

“negação”, ou “privação ou falta”. Posteriormente, abordaremos o prefixo homófono *in-* “movimento para trás”.

2. 3. 3. 2 *In-* negativo

2. 3. 3. 2. 1 Condições de produtividade

2. 3. 3. 2. 1. 1 Categorização da base

Para analisar as bases a que *in-* se adiciona, coletamos cinqüenta e cinco bases substantivas, cinqüenta e cinco bases adjetivas e trinta bases verbais em jornais, revistas e no *Dicionário Aurélio* (1999).

(1) *In-* com base substantiva

A	B
ação	inação
advertência	inadvertência
amor	*inamor
apropriação	*inapropriação
atenção	inatenção
beleza	*imbeleza
cardume	*incardume
capacidade	incapacidade
casa	*incasa
certeza	incerteza

ciúme	*inciúme
clemência	inclemência
coerção	incoerção
coerência	incoerência
decência	indecência
dependência	independência
determinação	indeterminação
disciplina	indisciplina
disposição	indisposição
docilidade	indocilidade (?)
esperança	*inesperança
feiúra	*infeiúra
felicidade	infelicidade
fidelidade	infidelidade
folclore	*infolclore
ganância	*inganância
gratidão	ingratidão
habilidade	inabilidade
homem	*inmem
legalidade	ilegalidade
maldade	*imaldade
mobilização	imobilização
mortalidade	imortalidade
ódio	*inódio
paciência	impaciência

permeabilidade	impermeabilidade
popularidade	impopularidade
produto	*improduto
prudência	imprudência
pureza	impureza
raiva	*irraiva
riqueza	*irriqueza
risco-país	*irrisco-país
ruindade	*irruindade
sabedoria	*insabedoria
seguro-desemprego	*inseguro-desemprego
semelhança	*insemelhança
sensatez	insensatez
solvência	insolvência
terror	*interror
utilidade	inutilidade
vale-transporte	*invale-transporte
validez	invalidez
verdura	*inverdura
viabilidade	inviabilidade

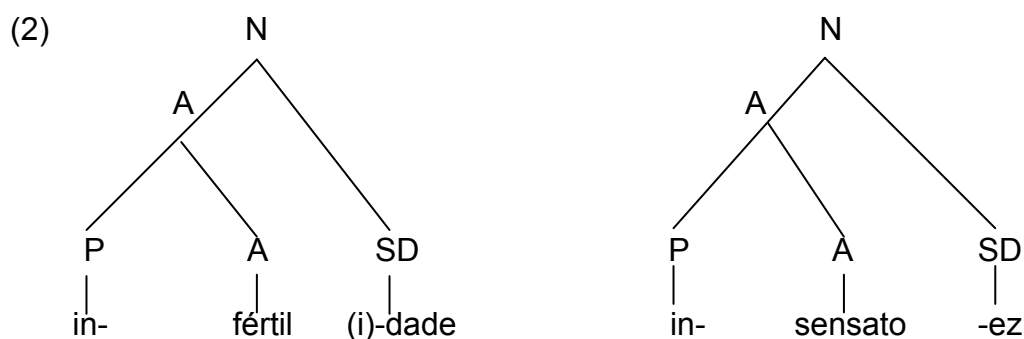
2. 3. 3. 2. 1. 2 Sub-categorização da base substantiva

Observa-se que o prefixo *in-* se adiciona a substantivos abstratos formados de adjetivos: *incapacidade, infelicidade, ilegalidade, insensatez, independência, insolvência, inviabilidade* etc., imprimindo às bases o sentido de “privação”, “falta de”.

Consultando o *Dicionário Aurélio* (1999), encontramos registradas apenas quatro formações com *in-* adicionado a substantivos primitivos: *inação*, *inatenção*, *indisciplina*, *incoerção*. Como construções deste tipo, por serem em número irrisório, não fazem parte do comportamento habitual do prefixo em questão, consideramos que podemos afirmar que a produtividade de *in-* “privação”, “falta de” só se revela quando combinado com substantivos abstratos derivados de adjetivos.

As construções substantivas às quais *in-* se adiciona têm como base adjetivos primitivos. A esses adjetivos são anexados o prefixo *in-*, formando adjetivos derivados e depois são acrescentados sufixos nominalizadores (*ilegal* + (i) *-dade*, *insensato* + *-ez*, *impuro* + *-eza*, *impaciente* + *-ência*, *imaterial* + *-ista* etc.), resultando em substantivos abstratos que mantêm os traços dos adjetivos que lhes serviram de base. As formas substantivas com *in-* são, portanto, nominalizações de adjetivos (à parte as quatro exceções listadas acima).

As construções substantivas prefixadas com *in-* partem, portanto, de bases adjetivas, às quais é adicionado o prefixo *in-* e, por último, são adicionados os sufixos nominalizadores:



O produto da aplicação da RFP de *in-* a uma base substantiva é um substantivo derivado que denota “privação, falta de X”, em que X é o substantivo

deadjetival.

A RFP de *in-* com base substantiva está formalizada em (3), que expressa o processo de adição do prefixo derivacional a uma base adjetiva e o posterior acréscimo do sufixo nominalizador:

$$(3) \begin{matrix} [X] \\ S \end{matrix} \rightarrow \begin{matrix} [in- \\ P \end{matrix} \begin{matrix} [X] \\ A \end{matrix} \begin{matrix}] \\ A \end{matrix} + \begin{matrix} SD \\ S \end{matrix}$$

Pode-se constatar que as formas substantivas com *in-* vêm sobretudo de adjetivos quando observamos que às bases adjetivas podemos acrescentar sufixos nominalizadores, e teremos como resultado as seguintes formações substantivas, exemplificadas em (4):

(4) inacessível / inacessibilidade	impermeável / impermeabilidade
inativo / inatividade	improdutivo / improdutividade
incapaz / incapacidade	irracional / irracionalidade
incrédulo / incredulidade	irreal / irrealidade
ineficaz / ineficácia	irresponsável / irresponsabilidade
infeliz / infelicidade	insensato / insensatez
informal / informalidade	inútil / inutilidade
ilegal / ilegalidade	inviável / inviabilidade

As restrições impostas pelo prefixo *in-* às novas formações serão tratadas em 2.3.3.1.3. Passemos agora à análise de *in-* com base adjetiva.

(5) *In-* com base adjetiva

A	B
acabado	inacabado
acessível	inacessível
alegre	*inalegre
alto	*inalto
anêmico	*inanêmico
aproveitado	inaproveitado
apto	inapto
articulado	inarticulado
astuto	*inastuto
ativo	inativo
azul	*inazul
capaz	incapaz
classificável	inclassificável
compreendido	incompreendido
consistente	inconsistente
controlável	incontrolável
crédulo	incrédulo
curto	*incurto
desculpável	indesculpável
desejável	indesejável
difícil	*indifícil
dócil	indócil

eficaz	ineficaz
estável	*inestável
feio	*infeio
feliz	infeliz
formal	informal
freqüente	infreqüente
habilidoso	inabilidoso
imaginável	inimaginável
legal	ilegal
material	imaterial
militar-industrial	*imilitar-industrial
modesto	imodesto
móvel	imóvel
paciente	impaciente
paranóico	*imparanóico
preciso	impreciso
produtivo	improdutivo
psicológico	*impsicológico
racional	irracional
rápido	*irrápido
real	irreal
responsável	irresponsável
rítmico	*irrítmico
sábio	*insábio
severo	*insevero

social-democrata	*insocial-democrata
suficiente	insuficiente
tolerante	intolerante
transitável	intransitável
veloz	*inveloz
viável	inviável
violento	*inviolento
útil	inútil

2. 3. 3. 2.1. 3 Sub-categorização da base adjetiva

Verifica-se que o prefixo *in-* se combina com bases adjetivas qualitativas para negar-lhes o significado, ou seja, imprime o sentido de negação propriamente dito com respeito ao significado das bases, pois *inacabado* significa “não-acabado”, *incapaz* é “não-capaz”, *inviável* é “não-viável” etc. Para Alves (1993a, p.104), além de *in-* atribuir o valor semântico “não”, junta-se ainda uma função expressiva a este sentido: *indiscutível* “não discutível”; *indispensável* “não dispensável”.

In- antecede adjetivos deverbais participiais (*inacabado, inarticulado, inaproveitado, incompreendido, improdutivo*), denominais (*informal, imaterial, irracional, inabilidoso*), deverbais (*inacessível, inclassificável, incontrolável, indesculpável, indesejável, irresponsável, intransitável*) e primitivos (*infeliz, incapaz, incrédulo, ineficaz, indócil, instável, ilegal, insensato* etc.).

As bases às quais esse formativo se une pode ter os seguintes aspectos: a) estativo: *apto, capaz, crédulo, dócil, eficaz, feliz, legal, desejável, responsável, acessível, habilidoso*; b) imperfectivo: *consistente, tolerante, freqüente*; c) conclusivo: *acabado, articulado, compreendido, produtivo*.

O produto da aplicação da RFP de *in-* a uma base adjetiva primitiva resulta em um adjetivo derivado que denota “que não é X”, em que X representa o adjetivo, como formalizada em (6):

$$(6) \begin{matrix} [X] \\ A \end{matrix} \rightarrow \begin{matrix} [in- \\ P \end{matrix} \begin{matrix} [X] \\ A \end{matrix} \begin{matrix}] \\ A \end{matrix}$$

As restrições impostas pelo prefixo *in-* às novas formações serão observadas em 2.3.3.1.3. Analisaremos em seguida o comportamento de *in-* com base verbal.

(7) *In-* com base verbal:

A	B
avançar	*inavançar
atacar	*inatacar
capacitar	incapacitar
carregar	*incarregar
comprar	*incomprar
construir	*inconstruir
deferir	indeferir
descansar	*indescansar
determinar	indeterminar
dispor	indispor
existir	inexistir
fazer	*infazer
fecundar	infecundar

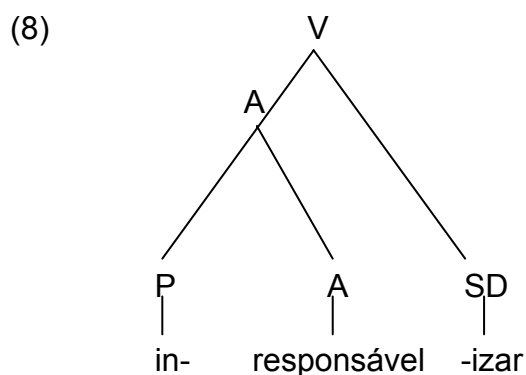
fertilizar	infertilizar
habilitar	inabilitar
legalizar	ilegalizar
materializar	imaterializar
mobilizar	imobilizar
montar	*imontar
possibilitar	impossibilitar
pronunciar	impronunciar
provar	*improvar
remover	*irremover
responsabilizar	irresponsabilizar
submergir	*insubmergir
utilizar	inutilizar
validar	invalidar
vender	*invender
viabilizar	inviabilizar
violar	*inviolar

2. 3. 3. 2. 1. 4 Sub-categorização da base verbal

Analisando as formações verbais com *in-* observa-se que:

a) Algumas formas verbais com *in-* (*incapacitar, irresponsabilizar, inutilizar, ilegalizar, imobilizar, inviabilizar* etc.), como os substantivos que aceitam este prefixo, têm também uma forma adjetiva correspondente (*incapaz, ilegal, irresponsável, imóvel, inútil, inviável*), o que sugere que as formações verbais em questão são obtidas via sufixação a partir de adjetivos já prefixados por *in-*, como exemplificado em

(8):



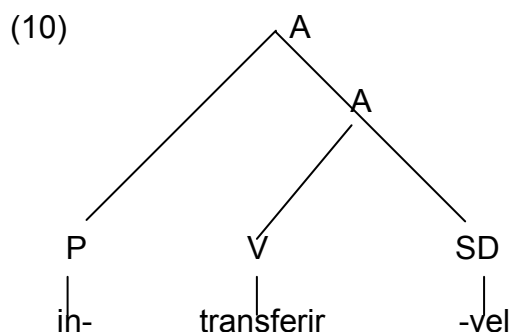
b) *In-* une-se a poucos verbos primitivos: *dispor, existir, deferir, pronunciar, determinar* e, assim como as formações substantivas derivadas formadas a partir de substantivos primitivos (*inação, inatenção, indisciplina e incoerção*), constituem casos esporádicos na língua. A adição de *in-* a bases verbais, portanto, não pode ser considerada como um processo produtivo em português.

c) O prefixo *in-* não se une a bases verbais como **inatacar, *irremover, *intransferir, *insubmergir, inviolar* etc., mas une-se aos adjetivos deverbais correspondentes sufixados com *-vel*, como podemos observar em (9):

- (9) a. **inatacar* – inatacável
b. **irremover* - irremovível
c. **intransferir* – intransferível
d. **insubmergir* - insubmergível
e. **inviolar* – inviolável

A agramaticalidade de **inatacar, *irremover, *intransferir, *insubmergir* e **inviolar*, e a existência das formas adjetivas correspondentes, confirmam, como vemos em (10) abaixo, a nossa hipótese sobre a estrutura interna da construção

dessas formas adjetivas:



A impossibilidade de formar verbos com o prefixo *in-* (**insubmergir*, **inconstruir*, **intransferir*) e a possibilidade de prefixar os adjetivos correspondentes sufixados em *-vel* - sufixo de aspecto imperfectivo- (*insubmergível*, *inconstruível*, *intransferível*), reforçam ainda a idéia de que os prefixos fazem seleção morfológica e semântica das bases a que se unem.

Longo (1980) chama a atenção para o fato de que, quando se une a verbos, o sentido negativo de *in-* prende-se à base adjetival, ou seja, o escopo da negação recai sobre a forma adjetival básica e não sobre a formação verbal como um todo, pois *ilegalizar* é “tornar ilegal”, *informalizar* é “tornar informal” etc. Este fato, segundo a autora, ocorre com todos os verbos prefixados com *in-*: os sufixados com *-izar*, assim como com outros verbos de base adjetiva, como *infecundar*, *incapacitar*, *inabilitar* etc.

O produto da aplicação da RFP de *in-* a uma base verbal é um verbo derivado, que denota “tornar X”, em que X representa o adjetivo que serviu de base à formação verbal.

A formalização da RFP de *in-* a uma base verbal está colocada em (11):

$$(11) \underset{A}{[X]} \rightarrow [\underset{P}{in-} \underset{A}{[[X]} \underset{V}{SD}] \underset{V}{}]$$

2. 3. 3. 2. 2 Condições de produção: restrições

2. 3. 3. 2. 2. 1 Restrições morfológicas e sintáticas:

a) *In-* não se adjunge a substantivos primitivos, abstratos, concretos, coletivos (*cardume, folclore*) e compostos (**invale-transporte, *inseguro-desemprego, *insocial-democrata, *irrisco-país, *imilitar-industrial*). Une-se somente a substantivos deadjetivais formados por derivação sufixal em *-dade, -ez/-eza, -ência, -ista, -mento e -ção*. Foram encontradas somente quatro construções que fogem a esta restrição: *inação, inatenção, indisciplina e incoerção*, que se constituem casos esporádicos na língua.

b) *In-* não se combina com adjetivos em *-ico* : **irrítmico, *inanêmico, *impsicológico, *imparanóico*.

c) O formativo *in-* não se adjunge a verbos que não sejam deadjetivais: *responsabilizar/irresponsabilizar; utilizar/inutilizar; viabilizar/inviabilizar* etc. Foram encontradas apenas cinco derivações com *in-* a partir de bases verbais primitivas: *indeferir, indispor, inexistir, indeterminar e impronunciar*.

2. 3. 3. 2. 2. 3 Bloqueio heterônimo

In- não se adiciona a adjetivos que já tenham o seu par antônimo no léxico da língua. **Imbeleza* é bloqueada pelo par antônimo *feiúra*, assim como **irriqueza* não se realiza devido à forma antônima *pobreza*, ou **inalto/baixo, *irrápido/lento* etc.

Ocorre o fenômeno de bloqueio também com as formas **inviolento, *insevero*

ou **inamoroso*. A estas bases adjetivas seria adicionado o operador “não”: *não violento, não severo, não amoroso*.

2. 3. 3. 3 Considerações finais

In- tem como base primeira de suas formações um adjetivo primitivo qualitativo, que é a forma básica com a qual este formativo se combina e que serve de base para as formações substantivas e verbais. É, portanto, um prefixo essencialmente adjetival. A base adjetiva exprime, mais freqüentemente, um aspecto estativo.

Às formações substantivas é acrescentado regularmente o sentido “privação ou falta de”, enquanto que o significado “negação” é acrescentado regularmente às bases adjetivas. Nas formações verbais, o escopo da negação recai sobre o adjetivo que serviu de base à formação verbal.

O estudo do comportamento do prefixo *in-* revelou que este morfema derivacional apresenta regularidade e sistematicidade em seu processo de formação de palavras; serve para produzir palavras em série e impõe restrições morfológicas, sintáticas e semânticas às bases a que se une.

As características da RFP de *in-* “privação, falta de” com base nominal estão representadas abaixo: em (12a) explicitamos as suas condições de produtividade e em (12b) são colocadas as restrições impostas por esse prefixo às novas formações:

A. *In-* “privação, falta de”

(12a) Condições de produtividade:

Base morfo-sintática: + substantivo deadjetival

Base semântica: + substantivo estativo abstrato formado de adjetivos

Produto: substantivo derivado que denota “privação ou falta de X”

(12b) Condições de produção: restrições à base:

1. Restrições morfológicas e sintáticas:

- substantivos primitivos

- adjetivos em *-ico*

- verbos

Em (13a) abaixo, explicitamos as condições de produtividade da RFP de *in-* “negação” com base nominal e verbal; em (13b) são colocadas as restrições impostas por esse prefixo às novas formações:

B. *In-* “negação”

(13a) Condições de produtividade:

Base morfo-sintática: + adjetivos primitivos

+ adjetivos deverbais em *-ado* ou *-vel*

+ adjetivos denominais

+ verbos de adjetivais de aspecto imperfectivo

Produto: a) adjetivo derivado que nega o significado da base primitiva

b) verbo derivado que denota “tornar X”, em que X é o adjetivo que serviu de base à formação

(13b) Condições de produção: restrições à base:

1. Restrições morfológicas:
 - bases adjetivas em *-ico*
2. Restrições sintáticas:
 - substantivos primitivos
 - verbos primitivos
3. Bloqueio heterônimo:
 - adjetivos que já tenham a forma antônima no léxico.

2. 3. 3. 4 *In-* “movimento para dentro”

As gramáticas consultadas apontam a possibilidade de o prefixo *in-* indicar também “movimento para dentro”.

Segundo Rocha (1999), existem na língua afixos homófonos, assim como há diversas palavras que têm a mesma estrutura fonológica e sentidos diferentes, como *manga* “fruta” e *manga* “parte da blusa ou camisa”. Para o autor, em *jabuticabal* e *mortal*, por exemplo, temos dois sufixos *-al*: ambos têm a mesma seqüência fonológica, mas apresentam funções distintas, pois em *jabuticabal* o sufixo *-al* forma um substantivo com a idéia de “coleção”, “aglomeração” e, em *imortal*, cria um adjetivo que exprime a idéia de “relação”, “pertinência”.

Da mesma maneira, o prefixo *in-* de *insatisfeito* “não-satisfeito” e o de *inserir* “introduzir”, que as gramáticas consultadas tratam como um único prefixo com sentidos diferentes, são, na verdade, dois prefixos distintos que apresentam identidade de forma, mas significações diferentes.

In- “movimento para dentro” adjunge-se essencialmente a bases presas, formando verbos (*imersgir, imigrar*), substantivos (*impressão, implosão*) e adjetivos (*infestado, interno*). Apesar de *in-* estar adicionado a uma base sem significado (*-merg, -migr-, -press-, -plos—fest- e -tern-*), é possível ao falante analisar, segundo Basílio (1980), o prefixo em questão, baseando-se na oposição entre formas, como se pode observar em (14):

(14) *In-* com bases presas, formando verbos:

imersgir / emersgir / submersgir

imigrar / emigrar

importar / aportar / exportar / reportar

incluir / excluir / concluir

incutir / discutir

induzir / conduzir / reduzir

ingressar / regressar

inspirar / expirar / respirar

interiorizar / exteriorizar

invadir / evadir

Todas essas formas verbais com *in-* têm a forma substantiva correspondente: *imersão, imigração, importação, inclusão, indução, ingresso, inspiração, interiorização e invasão*.

Nas formações derivadas com bases presas, não encontramos, entretanto, nenhum traço comum que permitisse formalizar uma regra para a formação de palavras a partir de *in-* “movimento para dentro”. Para Rocha (1999, p.162), no

português atual, “não se formam novos vocábulos com a anexação de prefixos a bases presas” como *merg*, *-migr-*, *-port-*, *-cut-*, *-duz-*, *-gress-*, *-pir-*, *-vad-* etc.

Consideramos, portanto, que *in-* “movimento para dentro” não constitui um processo regular e sistemático de formação de palavras e, por se adicionar somente a bases presas, não constitui um processo produtivo de formação de palavras por derivação em português.

2.3.4 PREFIXO RE-

2.3.4.1 Introdução

As gramáticas de Cunha e Cintra (1985), Rocha Lima (1998) e Faraco (2000) classificam *re-* como um prefixo latino, que apresenta a possibilidade de indicar “repetição” (*refazer*) e “movimento para trás” (*refluir*). Para Bechara (2001), *re-* denota ainda “reciprocidade” (*ressaudar*) e “intensidade” (*ressaltar, ressentir*).

Iniciaremos o estudo desse formativo analisando-o na interpretação como “repetição”, já que observamos que nesta acepção a adição de *re-* a uma base verbal constitui um processo utilizado produtivamente na formação de novas palavras na língua portuguesa. *Re-* com o sentido de “movimento para trás” será analisado posteriormente.

Para fazer este estudo, adotaremos o mesmo procedimento utilizado nas análises de *anti-*, *des-* e *in-*: observaremos o comportamento de *re-* através das bases com que se combina. Após este levantamento, analisaremos as regularidades que se depreendem das palavras prefixadas listadas e as restrições impostas pelo prefixo à formação efetiva de novas palavras.

2.3.4.2 *Re-* “repetição”

2.3.4.2.1 Condições de produtividade

2.3.4.2.1.1 Categorização da base

Para analisar o comportamento de *re-* e estabelecer as bases a que se adjunge, listamos vinte bases substantivas, vinte bases adjetivas e cento e trinta bases verbais, todas existentes no léxico e coletadas tanto no *Dicionário Aurélio*

(1999) como em jornais e revistas.

(1) *Re-* com base substantiva:

A	B
amor	*reamor
aparecimento	reaparecimento
árvore	*reárvore
boiada	*reboiada
casa	*recasa
edição	reedição
estruturação	reestruturação
girassol	*regirassol
habilitação	reabilitação
IBOPE	*re-IBOPE
João	*re-João
lua	*relua
menino	*remenino
ódio	*reódio
pé-de-moleque	*repé-de-moleque
profeta	*reprofeta
serviço	*resserviço
sol	*ressol
unha	*reunha
utilização	reutilização

Verifica-se que o prefixo *re-* não categoriza bases substantivas primitivas, pois não se combina com qualquer tipo de substantivo primitivo. O formativo em questão adiciona-se somente a bases substantivas deverbais: *aparecimento/reaparecimento*, *edição / reedição*, *estruturação / reestruturação*, *habilitação / reabilitação*, *utilização / reutilização* etc. A estrutura interna destas formações nominais será analisada em 2.3.4.2.1.3.

Passemos então à análise de *re-* com base adjetiva:

(2) *Re-* com base adjetiva:

A	B
alto	*realto
aparelhado	reaparelhado
azul	*reazul
batido	rebatido
bonitão	*rebonitão
brasileiro	*rebrasileiro
definido	redefinido
eficiente	*reeficiente
gordo	*regordo
gostoso	*regostoso
hábil	*reábil
habilitado	reabilitado
inteligente	*reinteligente
magro	*remagro

nocivo	*renocivo
pequeno	*repequeno
social-democrata	*ressocial-democrata
sofrível	*ressofrível
útil	*reútil
utilizado	reutilizado

Verifica-se que as bases adjetivas primitivas também não estão entre as categorias lexicais selecionadas pelo prefixo *re-*, pois este formativo não se adiciona a nenhum tipo de adjetivo primitivo; entretanto, adiciona-se a bases adjetivas deverbiais: *aparelhado/reaparelhado*, *batido/rebatido*, *definido/redefinido*, *habilitado/reabilitado*, *utilizado/reutilizado*. A estrutura interna destas formações será analisada em 2.3.4.2.1.3.

Passemos agora ao estudo de *re-* com base verbal:

(2) *Re-* com base verbal:

A	B
abastecer	reabastecer
abrir	reabrir
acabar	*reacabar
acelerar	reacelerar
acender	reacender
acomodar	reacomodar
admitir	readmitir
afirmar	reafirmar

agrupar	reagrupar
ajustar	reajustar
aparecer	reaparecer
aparelhar	reaparelhar
aplicar	reaplicar
aquecer	reaquecer
animar	reanimar
assentar	reassentar
assumir	reassumir
atar	reatar
ativar	reativar
avivar	reavivar
baixar	rebaixar
benzer	rebenzer
bordar	rebordar
cair	recair
capturar	recapturar
carregar	recarregar
casar	recasar
classificar	reclassificar
chover	*rechover
cobrir	recobrir
colocar	recolocar
comer	*recomer
começar	recomeçar

compor	recompor
comprar	recomprar
conduzir	reconduzir
confortar	reconfortar
conquistar	reconquistar
considerar	reconsiderar
constituir	reconstituir
construir	reconstruir
contar	recontar
conter	*reconter
contrapor	*recontrapor
convocar	reconvocar
criar	recriar
definir	redefinir
deitar	*redeitar
democratizar	redemocratizar
descobrir	redescobrir
desenhar	redesenhar
desfazer	*redesfazer
desmaiar	*redesmaiar
desmerecer	*redesmerecer
dever	*redever
dimensionar	redimensionar
direcionar	redirecionar
dispor	*redispor

distribuir	redistribuir
dizer	redizer
educar	reeducar
elaborar	reelaborar
eleger	reeleger
embarcar	reembarcar
embolsar	reembolsar
endossar	reendossar
enlaçar	reenlaçar
entrar	reentrar
entrepôr	*reentrepôr
escrever	reescrever
estabelecer	reestabelecer
estar	*reestar
estruturar	reestruturar
falar	*refalar
falecer	*refalecer
fazer	refazer
ficar	*reficar
formular	reformular
fundir	refundir
gostar	*regostar
gritar	*regritar
habilitar	reabilitar
haver	reaver

imprimir	reimprimir
iniciar	reiniciar
instalar	reinstalar
interessar	*reinteressar
inventar	reinventar
jurar	*rejurar
lançar	relançar
ler	reler
levantar	*relevantar
mastigar	*remastigar
matar	*rematar
mexer	remexer
modelar	remodelar
montar	remontar
morar	*remorar
morrer	*remorrer
nadar	*renadar
nascer	renascer
nevar	*renevar
parecer	*reparecer
olhar	*reolhar
passar	repassar
poder	*repoder
pôr	repor
prometer	*reprometer

responder	*rerresponder
roer	*erroer
roubar	*rerroubar
ruir	*rerruir
saber	*ressaber
ser	*resser
sobrepor	*ressobrepor
sorrir	*ressorrir
sossegar	*ressossegar
surgir	ressurgir
suicidar-se	*ressuicidar-se
temer	*retemer
tocar	retocar
tomar	retomar
tornar-se	*retornar-se
trovejar	*retrovejar
unir	reunir
utilizar	reutilizar
valorizar	revalorizar
ver	rever
vestir	revestir
viver	reviver

Verifica-se que o prefixo *re-* é bastante produtivo quando adicionado a verbos, e já vimos que não se combina com nenhuma base primitiva substantiva ou adjetiva.

Podemos então fazer a primeira generalização: a categoria lexical a que *re-* se adiciona é somente a base verbal. É, portanto, um prefixo eminentemente verbal, isto é, seleciona rigidamente a categoria da base à qual se adjunge.

Observa-se, por outro lado, que esse prefixo não se adjunge a toda e qualquer base verbal, o que requer que se delimite o tipo de base através de suas subcategorias sintáticas e semânticas.

2.3.4.2.1.2 Sub-categorização sintática e semântica da base verbal:

Com o sentido de repetição, o prefixo *re-* adiciona-se a bases verbais que admitam ou sejam compatíveis com a possibilidade de repetir ou refazer a ação realizada, como em *reacender, reativar, recriar, repor, rever, recompor, reembolsar, revalorizar* etc. Com este sentido, possui uma grande produtividade na língua portuguesa.

A RFP de *re-* “repetição” a uma base verbal tem como produto um verbo derivado que denota “retomada de X”, em que X é o verbo primitivo. Esta regra está formalizada em (4):

$$(4) \begin{matrix} [X] \\ V \end{matrix} \rightarrow \begin{matrix} [re- \\ P \end{matrix} \begin{matrix} [X] \\ V \end{matrix} \begin{matrix}] \\ V \end{matrix}$$

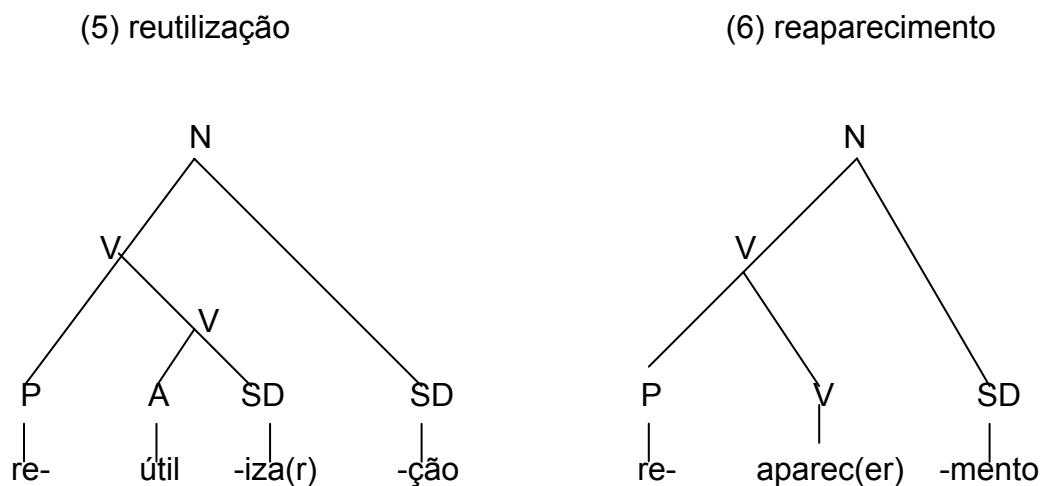
2.3.4.2.1.3 Sub-categorização das formações nominais com *re-*:

Vimos que o prefixo *re-* se adiciona unicamente a bases verbais e impõe restrição categorial às bases substantivas e adjetivas. Este comportamento de *re-* vem demonstrar que formações substantivas como *reedição, reestruturação, reeducação, reabilitação*; e adjetivas, como *reabilitado, rebatido*, por exemplo, partem de bases

verbais, ou seja, são deverbais.

A formação substantiva *reutilização*, por exemplo, parte primeiramente do adjetivo *útil*, ao qual é adicionado o sufixo *-izar* formador de verbos, formando *utilizar*, em seguida, é adicionado o prefixo *re-*, que acrescenta a idéia de repetição ao verbo formando *reutilizar* e, por último, o sufixo *-ção* formador de substantivos, formando *reutilização*. Em *reaparecimento*, a formação parte do verbo *aparecer*, ao qual é acrescentado o prefixo *re-* formando *reaparecer* e, após, é adicionado o sufixo *-mento*, formador de substantivos, formando *reaparecimento*. Já as formações adjetivas como *reutilizado* e *reabilitado*, por exemplo, são os participípios dos verbos prefixados correspondentes. Na formação adjetiva *reabilitado*, a formação parte do verbo *habilitar*, ao qual é adicionado o prefixo *re-* formando *reabilitar* e, por último, adiciona-se o sufixo *-ado* formador de participípios.

A estrutura interna das formações nominais pode ser representada como nos diagramas em (5) e (6):



2. 3. 4. 2. 2 Condições de produção: restrições

Nesta seção, analisaremos as restrições impostas pelo prefixo *re-* à existência real de uma nova palavra.

2.3.4.2.2.1 Restrições morfológicas e sintáticas

O prefixo *re-* não se adjunge a bases substantivas ou adjetivas. Este formativo, como vimos, é eminentemente verbal, pois sub-categoriza um verbo como base.

2.3.4.2.2.2 Restrições semânticas

a) *Re-* não se adjunge a verbos estativos, como *conter*, *contrapor*, *desmerecer*, *dispor*, *entrepôr*, *estar*, *ficar*, *parecer*, *poder*, *dever*, *gostar*, *interessar*, *morar*, *saber*, *sobrepôr*, *sossegar*, *temer* e *tornar-se*.

A idéia predominante do formativo *re-* é dinâmica, na medida que este indica a repetição do processo expresso pelo verbo; portanto, há uma incompatibilidade entre a função desse prefixo e a noção estática que deriva das bases verbais, que indicam situações genéricas, constantes, que duram ou que perduram no tempo, e que não indicam processo ou ação verbal.

b) *Re-* não se adiciona a verbos perfectivos télicos, como *acabar*, *deitar*, *desfazer*, *desmaiar*, *falecer*, *levantar*, *matar*, *morrer*, *suicidar-se*, pois estes verbos têm em sua carga semântica a noção de acontecimento permansivo e pontual, isto é, a ação que expressam denota um processo concluso e permanente em seus efeitos, portanto, incompatível com a idéia de “repetição” acrescentada pelo prefixo.

A razão de *re-* adjungir-se aos verbos *nascer* e *viver*, formando *renascer* e *reviver*, deve-se ao fato de estes verbos indicarem o início e não o fim de um processo; portanto, não há incompatibilidade entre a noção que deriva dessas bases

verbais e a idéia “repetição” acrescentada pelo prefixo.

c) O prefixo *re-* não se adjunge a verbos performativos, ou seja, a verbos que significam a menção de impor um certo comportamento no momento de fala, como *jurar* e *prometer*. Estes verbos exprimem também situações pontuais, que se tornam incompatíveis com a idéia de “repetição”.

d) A verbos atélicos como *comer, gritar, mastigar, nadar, olhar, sorrir, chover, nevar, trovejar*, a adição do prefixo *re-* não fornece resultados gramaticais, pois essas bases verbais indicam situações que não tendem a um fim necessário, o que justifica a não-aceitação da idéia de “repetição” acrescentada pelo prefixo.

2. 3. 4. 2. 2. 3 Restrições fonológicas

Re- não se adiciona a bases verbais primitivas iniciadas por *r-*, como *responder, roer, roubar, ruir*, ou a formações já prefixadas com o morfema *re-*: *reassumir, reconfortar, redistribuir, reeleger* etc. Embora seja possível responder novamente a uma pergunta, assumir novamente um cargo, ou distribuir novamente um produto, formações como **rerresponder, *erreassumir, *erredistribuir* etc., são rejeitadas devido a restrições fonológicas, embora tenham também influído razões morfológicas, pois evita-se a repetição de morfema idêntico na palavra, no caso, *r-* ou *re-* (cf. SANDMANN, 1991, p. 62).

2. 3. 4. 3 Considerações finais

A RFP de *re-* “repetição”, quanto às condições de produtividade, aplica-se unicamente a bases verbais que admitam a possibilidade de uma retomada da ação verbal, e tem como resultado um verbo que denota “ação refeita”. *Re-* é, portanto, um prefixo eminentemente verbal.

O estudo do comportamento do prefixo *re-* revelou que este morfema derivacional apresenta regularidade e sistematicidade em seu processo de formação de palavras, serve para produzir palavras em série, adiciona um sentido bastante preciso às bases a que se une e impõe restrições sintáticas, semânticas e fonológicas às bases.

As características da RFP de *re-* com base verbal estão resumidas abaixo: em (7a) explicitamos as condições de produtividade e em (7b) são colocadas as restrições impostas por esse prefixo às novas formações:

A. *Re-* “repetição”

(7a) Condições de produtividade:

Base sintática: + verbo

Base semântica: + verbo que permita a retomada da ação verbal

Produto: verbo derivado que denota ação refeita.

(7b) Condições de produção: restrições quanto à base:

1. Restrições sintáticas:

- bases substantivas e adjetivas

2. Restrições semânticas:

- verbos que não permitam a retomada da ação verbal (verbos estativos, perfectivos télicos, performativos e atélicos)

3. Restrições fonológicas

- bases verbais iniciadas por *r-*

2. 3. 4. 4 *Re-* “movimento para trás”

Assim como ocorre com o prefixo negativo *in-* (*incompleto, infidelidade*), que tem o seu homófono *in-* “movimento para dentro” (*inserir, incluir*), há também na língua os prefixos homófonos *re-* “repetição” (*recontar*) e *re-* “movimento para trás” (*retirar*).

Em *recontar* e *retirar*, portanto, não há um único prefixo com dois sentidos, mas dois prefixos que apresentam identidade fonológica, porém significações tão diferentes que se justifica pensar que de fato estamos frente a dois itens distintos.

Os exemplos nas gramáticas de formas derivadas pela adição de *re-* indicador de “movimento para trás” são palavras formadas com bases livres, como *retirar* ou *refluir*, e palavras formadas com bases presas, como *reduzir, aduzir, conduzir* e *induzir*. Nessas formações derivadas, tanto com bases livres como com bases presas, não encontramos nenhum traço comum que permitisse formalizar uma regra para a formação de palavras a partir de *re-* “movimento para trás”.

Para Basílio (1980), como já vimos no estudo do prefixo *in-* “movimento para dentro”, há possibilidade de se identificar o prefixo em questão baseando-se na oposição entre formas, assim como é possível reconhecer as bases presas *-gred-* / *-gress-* / *-trair* / *-duz-* baseando-se no fato de que estas seqüências se repetem em outras construções da língua, como exemplificado em (8):

- (8) a. *regredir* / *agredir* / *progredir* / *transgredir*
- b. *regressar* / *ingressar*
- c. *retrair* / *atrair* / *extrair* / *subtrair*
- d. *reduzir* / *aduzir* / *conduzir* / *induzir*

Já Freitas (1981) não considera que palavras como *regredir/agredir/progredir* ou *regressar/ingressar* possam ser consideradas palavras derivadas por prefixação, pois as formas *-gred-* e *-gress-* são desprovidas de significado para o falante no estágio atual da língua e formações com bases presas, portanto, segundo o teórico, devem ser consideradas primitivas.

As formações com *re-* “movimento para trás”, ao contrário das formações com o prefixo *re-* “repetição” que é facilmente destacável da base verbal e claramente insere o sentido de “repetição”, “de novo”, só podem ter este sentido atribuído, segundo Cavalcanti (1980, p.47), quando estiverem inseridas em um contexto, pois não há redundâncias existentes no léxico que permitam ao falante do português depreender a forma *re-* “movimento para trás”. Em *reportar*, por exemplo, segundo a autora (p.51), não é precisa a especificação semântica do prefixo *re-* e a idéia de “movimento para trás” (fornecida pelos dicionários) deriva do todo da forma ou fica a cargo de outros elementos da sentença e não do prefixo em si. Para Cavalcanti (p.238), o não reconhecimento e a não aceitação de certas formas como prefixadas indica que “o processo que tais formas ilustram não tende a ser usado produtivamente na criação de novas palavras”.

Consideramos, portanto, que *re-* “movimento para trás” , assim como ocorre com *in-* “movimento para dentro”, não constitui um processo produtivo de formação de palavras em português atual.

2.3.5 PREFIXO SOBRE-

2.3.5.1 Introdução

Nas gramáticas de Bechara (2001), Cunha e Cintra (1985) e Rocha Lima (1998), *sobre-* aparece listado como um prefixo latino, com o sentido de “posição superior”, “excesso”. Tem a forma *super-/supra-* nas formações eruditas (*superpor*, *superfície*, *supracitado*) e realiza-se como *sobre-* nas formações vernáculas: *sobrestar*, *sobrepôr*, *sobrecarga*, *sobreviver*.

Para Faraco (2000), atualmente, *sobre-* mantém o sentido de “posição em cima”, “excesso”, como em *sobrepôr*, *sobrecarga*; já *super-*, quando combinado com substantivos, indica “grande”: *supermercado*, *superliquidação* e, com adjetivos, intensifica o significado da base, como em *superlindo*, *superfácil*, *superdifícil*.

O prefixo *sobre-* nem sempre é reconhecido por gramáticos e estudiosos da língua portuguesa como elemento prefixal, formador de palavras derivadas, devido ao fato de atuar na língua como forma livre e como forma presa. Entretanto, como já comentamos em 1.4.6, trata-se de palavras homônimas, pois *sobre-* (prefixo) e *sobre* (preposição) têm funções diferentes.

Por reconhecer que são dois elementos distintos, o *Dicionário Aurélio* (1999) apresenta duas entradas separadas para *sobre*: uma como preposição (grafada *sobre*) que é, portanto, uma forma livre e, outra, como prefixo latino (logo, uma forma presa), equivalente a *super-* (grafado *sobre-*). O registro no dicionário de dois verbetes separados mostra que *sobre* e *sobre-* são entendidos como vocábulos distintos quanto à função que exercem; apenas apresentam a mesma seqüência de fonemas.

As preposições, como já vimos, são conectivos, pois têm como função

relacionar um termo a outro, e funcionam sempre como formas livres, como em (1) e (2):

- (1) O pacote está sobre a cômoda.
- (2) Ele não quis falar sobre o novo emprego.

Já os prefixos são formas presas, têm como função adicionar um novo sentido à palavra-base e servem para formações em série, como exemplificado em (3):

- (3) a. vida / sobrevida
- b. pôr / sobrepor
- c. coxa / sobrecoxa
- d. comum / sobrecomum
- e. exceder / sobreexceder
- f. exaltar / sobreexaltar

Sobre e *sobre-*, portanto, são elementos homófonos, isto é, têm a mesma seqüência fonética, mas, ainda que tenham algum parentesco de sentido, são distintos quanto à função que exercem.

Neste trabalho, vamos nos ocupar apenas do prefixo *sobre-*. Não abordaremos o estudo de *super-* porque, como Faraco (2000) já observou, no estágio atual da língua este prefixo atua como fornecedor da idéia de “intensidade”, independentemente do tipo de base morfológica com que se combina, além de aparentemente não impor quaisquer restrições às bases: *superaquecer*, *supergordo*,

supercomplicado, superdrogaria etc.

Em seu estudo de palavras formadas por derivação, Ching (1973, p. 38) também inclui *sobre-* entre os prefixos de intensidade, pois além de exprimir “acima de”, este formativo tem, segundo o autor, ainda um caráter superlativo, já que também traduz a idéia de abundância ou excesso.

Passemos então ao estudo do prefixo *sobre-* através da análise das bases com que se combina e da observação de quais sentidos este formativo acrescenta às bases: se de “acima de” ou “excesso”.

2. 3. 5. 2 Condições de produtividade

2. 3. 5. 2. 1 Categorização da base

Para fazer o estudo do comportamento de *sobre-* e verificar se há sistematicidade e regularidade em seu processo de formação de palavras, listamos trinta e seis bases substantivas, trinta bases adjetivas e trinta bases verbais, coletadas, em sua grande maioria, no *Dicionário Aurélio* (1999).

Vejamos o comportamento de *sobre-* com base substantiva:

(1) *Sobre-* com base substantiva:

A	B
abundância	sobreabundância
animal	*sobreakimal
aquecimento	sobreakuecimento
aviso	sobreaviso

beleza	*sobrebeleza
cama	sobrecama
canário	*sobrecanário
capa	sobrecapa
carga	sobrecarga
carta	sobrecarta
casaca	sobrecasaca
comunismo	*sobrecomunismo
cenho	sobrecenho
costura	sobrecostura
coxa	sobrecoxa
emissão	sobreemissão
estadia	sobreestadia
faturamento	sobrefaturamento
governo	sobregoverno
guarda-chuva	*sobreguarda-chuva
irmã	*sobreirmã
loja	sobreloja
lotação	sobrelotação
nome	sobrenome
parente	*sobreparente
pessoa	*sobrepessoa
prova	sobreprova
riqueza	*sobre-riqueza
salto	sobressalto

sapateiro	*sobre-sapateiro
sensatez	*sobre-sensatez
socialismo	*sobre-socialismo
taxa	sobretaxa
valorização	sobrevalorização
vida	sobrevida
viuvez	*sobreviuvez

2. 3. 5. 2. 2 Sub-categorização da base substantiva

a) *Sobre-* adiciona-se a substantivos concretos que tenham o traço [-animado], acrescentando-lhes o sentido de “posição acima”, “acima de”: *sobrecama, sobrecapa, sobrecarta, sobrecenho, sobreloja, sobretoalha, sobreprova* etc.

b) Une-se ainda a substantivos abstratos: a) *sobrevida*; b) *sobreabundância* (deadjetival em *-ância*); c) *sobrefaturamento, sobrevalorização, sobreestadia* (deverbais derivados em *mento, -ção* e *-ada*) ; d) *sobreaviso, sobrecarga, sobretaxa* (formados por derivação sufixal zero). A estas bases, *sobre-* acrescenta o sentido de “excesso”, “adicional”, “suplementar”.

A aplicação da RFP do prefixo *sobre-* a uma base substantiva concreta tem como produto um substantivo concreto que denota “acima de X”, em que X é o substantivo concreto. Já a aplicação da RFP deste prefixo a uma base substantiva abstrata tem como produto um substantivo abstrato que denota “excesso de X”, em que X é o substantivo abstrato.

A RFP de *sobre-* com base substantiva está formalizada em (2), em que X representa o substantivo concreto ou abstrato:

$$(2) \underset{S}{[X]} \rightarrow [\underset{P}{\text{sobre-}} \underset{S}{[X]} \underset{S}{}]$$

As restrições impostas por *sobre-* às novas formações serão analisadas em

2.3.5.3.

Passemos agora à análise de *sobre-* com base adjetiva:

(3) *Sobre-* com base adjetiva

A	B
abundante	sobreabundante
achado	*sobreachado
aguado	sobreaguado
agudo	sobreagudo
americano	*sobreamericano
baixo	*sobrebaixo
aquecido	sobreaquecido
carregado	sobrecarregado
cheio	sobrecheio
comum	sobrecomum
deitado	*sobredeitado
dito	sobredito
divino	sobredivino
eminente	sobreeminente
estimado	sobreestimado
excelente	sobreexcelente

excitante	sobreexcitante
exaltado	sobreexaltado
faturado	sobrefaturado
feio	sobrefeio (?)
humano	sobre-humano
inteligente	sobreinteligente (?)
inteligível	sobreinteligível
natural	sobrenatural
pequeno	*sobrepequeno
possante	sobrepossante (?)
pujante	sobrepujante
sensato	sobre-sensato (?)
valorizado	sobrevalorizado
vazio	*sobrevazio

2. 3. 5. 2. 3 Sub-categorização da base adjetiva

O prefixo *sobre-* une-se:

a) A bases adjetivas participiais ou deverbais que admitam ser intensificadas ou que sejam passíveis de intensificação, como *sobreaguado*, *sobrecarregado*, *sobreabundante*, *sobreexcitante* etc. Essas bases adjetivas participiais e deverbais designam processos ou sensações; daí o porquê de a adjunção do prefixo *sobre-* com o sentido de “excesso”, “adicional”, “suplementar” a esses itens lexicais ser possível.

b) *Sobre-* une-se ainda a adjetivos primitivos que admitam ser intensificados, imprimindo-lhes a idéia de “excesso”, “adicional”, “suplementar”: *sobreaguado*, *sobrecheio*, *sobrecomum*, *sobredivino*, *sobreeminente*, *sobrenatural*, *sobrepujante*. As

formações marcadas com o sinal (?) – *sobrefeito* (?), *sobreinteligente* (?), *sobre-sensato* (?) e *sobrepossante* (?) - não estão dicionarizadas, mas são formações perfeitamente aceitáveis.

A aplicação da RFP com *sobre-* a uma base adjetiva tem como produto um adjetivo que denota “X em excesso”, em que X é a base adjetiva. A formalização dessa regra está exemplificada em (4):

$$(4) \underset{A}{[X]} \rightarrow [\text{sobre-} \underset{P}{[X]} \underset{A}{A}]$$

Analisaremos as restrições impostas por *sobre-* às bases adjetivas em 2.3.5.3.

Vejamos agora o comportamento de *sobre-* com base verbal:

(5) *Sobre-* com base verbal

A	B
abundar	sobreabundar
aquecer	sobreaquecer
cantar	*sobrecantar
carregar	sobrecarregar
desaparecer	*sobredesaparecer
desmaiar	*sobredesmaiar
dourar	sobredourar
elevar	sobrelevar
embarcar	*sobreembarcar

entardecer	*sobrentardecer
erguer	sobreerguer
estimar	sobreestimar
exaltar	sobreexaltar
exceder	sobreexceder
excitar	sobreexcitar
faturar	sobrefaturar
lotar	sobrelotar
nascer	*sobrenascer
olhar	sobreolhar
pairar	sobrepairar
parar	*sobreparar
parecer	sobreparecer
partilhar	sobrepartilhar
pôr	sobrepor
sair	sobressair
saltar	sobressaltar
valorizar	sobrevalorizar
vir	sobrevir
viver	sobreviver
voar	sobrevoar

2. 3. 5. 2. 4 Sub-categorização da base verbal

Verifica-se que *sobre-* se combina com:

a) Verbos que admitam ser intensificados, como *sobreaquecer*, *sobrecarregar*,

sobreerguer, sobrefaturar, sobreexceder, sobreexcitar, sobreexaltar, sobreabundar, sobreestimar, sobrelotar, sobredourar, sobrevalorizar, sobrepartilhar. A essas bases verbais *sobre-* acrescenta o sentido de “excesso”, “adicional”, “suplementar”.

b) Verbos que tenham em seu conteúdo semântico a noção de ‘localização espacial’, como *sobrepairar, sobrepor, sobrelevar, sobrevoar.* A estas bases verbais, *sobre-* imprime o sentido de “acima” ou “posição acima”.

c) Observa-se que nas formações *sobressair, sobressaltar, sobrevir e sobreviver* há uma relação frouxa entre prefixo + verbo, pois aqui não podemos identificar claramente o sentido que o prefixo *sobre-* adiciona às bases, já que *sobressaltar* significa “surpreender”, “assustar-se”; *sobressair* tem o sentido de “salientar”; *sovrevir* significa “ocorrer depois de outra coisa” e *sobreviver* significa “continuar a viver”.

A aplicação da RFP do prefixo *sobre-* a uma base verbal tem como produto um verbo derivado que denota: a) “X em excesso”; ou b) “X acima de”, em que X representa a base verbal. Esta regra está formalizada em (6):

$$(6) \begin{matrix} [X] \\ V \end{matrix} \rightarrow \begin{matrix} \text{sobre-} \\ P \end{matrix} \begin{matrix} [X] \\ V \end{matrix} \begin{matrix}] \\ V \end{matrix}$$

2. 3. 5. 3 Condições de produção: restrições

2. 3. 5. 3. 1. Restrições morfológicas e semânticas:

Sobre- não se adiciona a bases substantivas, adjetivas ou verbais que não sejam passíveis de intensificação ou que não admitam ser intensificadas, como:

a) Bases substantivas que tenham o traço [+animado]: **sobreakimal*, **sobreakanário*, **sobreakirmã*, **sobreakparente*, **sobreakpessoa*, **sobreaksapateiro* etc.

a) Bases substantivas derivadas em *-ismo*, que indiquem doutrinas ou maneiras de pensar: **sobreakcomunismo*, **sobreaksocialismo*.

d) Bases substantivas ou adjetivas que indiquem estados: **sobreakviuvez*, **sobreakpequeno*, **sobreakdeitado*, **sobreakvazio*; ou bases verbais que indiquem estados ou acontecimentos pontuais: **sobreakparecer*, **sobreakparar*, **sobreakdesaparecer*, **sobreakembarcar*, **sobreakdesmaiar*, **sobreaknascer*, **sobreakmorrer* etc.

2.3.5.4 Considerações finais

Sobreak- une-se a bases substantivas concretas com o traço [-animado] acrescentando-lhes o sentido de “acima de”, “posição acima”. Às bases substantivas abstratas adiciona o sentido de “excesso”, “adicional”, “complementar”.

Ao unir-se a bases adjetivas, *sobreak-* acrescenta o sentido de “excesso”, “adicional”, “suplementar”. Observa-se que, quando se une a bases adjetivas, o prefixo em questão tem um sentido bastante preciso.

Às bases verbais dinâmicas ou que indicam ação, o prefixo acrescenta o sentido de “excesso”, “adicional”, “suplementar”. A verbos que tenham em seu conteúdo semântico a noção de localização espacial, *sobreak-* adiciona o sentido de “acima”, “posição acima”.

Em (7a) representamos as características da RFP do prefixo *sobreak-* “posição acima”, “acima de”, explicitando as suas condições de produtividade e em (7b) são colocadas as restrições impostas por esse prefixo às novas formações:

A. *Sobre-* “posição acima”, “acima de”

(7a) Condições de produtividade:

Base morfo-sintática: + substantivo concreto [-animado]

+ verbo

Base semântica: + nome passível de localização espacial

+ verbo passível de localização espacial

Produto: nome derivado que denota “acima de X”

verbo derivado que denota “X acima de”

(7b) Condições de produção: restrições quanto à base:

Restrições morfológicas e semânticas:

- bases substantivas com o traço [+animado]

- bases substantivas ou adjetivas que indiquem estado

- bases verbais que indiquem estado ou acontecimentos pontuais

- bases substantivas, adjetivas ou verbais que não denotem localização

As características da RFP com *sobre-* “excesso”, “adicional”, “suplementar” estão representadas abaixo: em (8a) explicitamos as suas condições de produtividade e em (8b) são colocadas as restrições impostas por esse prefixo às novas formações:

B. *Sobre-* “excesso”, “adicional”, “suplementar”

(8a) Condições de produtividade:

Base morfo-sintática: + substantivos abstratos

+ adjetivos primitivos

+ adjetivos participiais e deverbais

+ verbos

Base semântica: + nome passível de intensificação

+ verbo passível de intensificação

Produto: a) nome derivado que denota “excesso de” + o significado da base

b) verbo derivado que denota “intensificação”, “excesso de” + o significado da base

(8b) Condições de produção: restrições quanto à base:

Restrições morfológicas e semânticas:

- bases substantivas, adjetivas ou verbais que não admitam ser intensificadas

Levando-se em conta, entretanto, a dificuldade para se encontrarem palavras prefixadas com *sobre-* em revistas e jornais, e o fato de ser necessário coletar quase todas as palavras que aparecem listadas em (1), (3) e (5) no dicionário, consideramos que a formação de palavras derivadas com o prefixo *sobre-*, pelo menos com o sentido de “excesso”, não seja um processo produtivo na estágio atual da língua. Observa-se que, tanto em jornais e revistas como na fala coloquial, o significado de “excesso, intensificação” está sendo veiculado pela forma *super*, que se combina com bases nominais de todo e qualquer conteúdo semântico: *supercasa*, *super-homem*,

supercardume, superborboleta, supergirassol, superlegal, superinteligente etc. Com bases verbais que admitam ser intensificadas, o sentido de “excesso”, “adicional”, “suplementar” igualmente é veiculado por *super-*: *superavaliar, superestimar, superfaturar* etc.

Consideramos, entretanto, que *sobre-* atue como elemento prefixal, pois tem um comportamento regular e previsível, adiciona recorrentemente os mesmos significados às formações das quais faz parte e impõe restrições morfológicas, sintáticas e semânticas às bases a que se une.

2. 4 RESUMO

Neste capítulo, após abordar o quadro teórico – a Hipótese Lexicalista e a Teoria Lexical – no qual o estudo dos prefixos *anti-*, *des-*, *in-*, *re-* e *sobre-* se insere, analisamos o comportamento desses formativos quando combinados com diferentes classes de bases morfológicas – substantivas, adjetivas e verbais -, a fim de verificar se esses elementos apresentam um comportamento sistemático em seu processo de formação de palavras, como, também, coletar informações que auxiliassem no estabelecimento de padrões gerais para a formação de palavras formadas por derivação prefixal.

Através da análise das características morfológicas das bases com que se combinam, pudemos perceber as regularidades subjacentes e formalizar as características das regras de formação de palavras com esses prefixos, e, igualmente, estabelecer as restrições que impõem para se unirem às bases.

Os resultados das análises mostraram que os prefixos impõem restrições

morfológicas, fonológicas, sintáticas e semânticas às bases com que se combinam. Mostraram também que há uma sistematicidade subjacente no processo de formação de palavras por prefixação, quer em relação aos significados dos prefixos em questão, quer em relação às características morfo-semânticas das bases com que se combinam.

Ao estudar o prefixo *anti-*, vimos que este formativo se une a bases substantivas adicionando-lhes o sentido de “oposição”, “contrário a”. Une-se também a bases adjetivas deverbais em *-nte* que admitam ser prevenidas ou evitadas, acrescentando-lhes o sentido de “oposição”, “prevenção”. Observamos também que as bases substantivas prefixadas com *anti-* costumam mudar de classe gramatical e passam a atuar como adjetivos, como em *forração anti-ruído, dispositivo antifurto* etc., revelando um comportamento atípico para um prefixo. *Anti-* não se adiciona a bases verbais – é, portanto, um prefixo eminentemente nominal - e a bases adjetivas primitivas que já tiverem seus pares antônimos no léxico ou a bases adjetivas deverbais em *-ado* ou *-vel*.

Na análise do prefixo negativo *des-*, vimos que o verbo é a forma básica com que este formativo se combina e que é ele a origem das formações substantivas e adjetivas. *Des-* une-se a substantivos deverbais acrescentando-lhes o sentido de “contrário de” e a substantivos abstratos adicionando-lhes o sentido de “ausência ou falta de”. Às bases adjetivas primitivas *des-* adiciona o sentido de “negação”; às bases adjetivas participiais e deverbais em *-nte* adiciona o sentido de “contrário de”; às bases adjetivas deverbais e denominais acrescenta o sentido de “negação” ou “contrário de”. Vimos também que *des-* é altamente produtivo quando se une a bases verbais que permitam que a ação ou estado seja desfeito. A essas bases verbais *des-* adiciona o sentido de “ação contrária”. Esse formativo não se combina com: a)

substantivos concretos; b) substantivos deadjetivais; c) adjetivos deverbais sufixados em *-vel*; d) adjetivos terminados em *-esco* ou *-al*; e) adjetivos que já tenham sua forma antônima no léxico; f) verbos que não permitam a reversibilidade da ação ou situação.

Na análise do prefixo *in-* foi observado primeiramente o comportamento deste prefixo com o sentido de “negação”. Verificou-se que *in-* é um prefixo essencialmente adjetival: une-se a adjetivos primitivos qualitativos, deverbais participiais e denominais adicionando-lhes o sentido de negação propriamente dito. Une-se ainda a substantivos e a verbos deadjetivais. *In-* não se combina com : a) substantivos e verbos primitivos; b) bases adjetivas em *-ico*; c) adjetivos que já tenham suas formas antônimas no léxico. No estudo do prefixo homófono *in-* “movimento para dentro”, verificou-se que este formativo só se adiciona a bases presas e não é produtivo no português brasileiro atual.

No estudo do prefixo *re-*, abordamos o comportamento dos dois prefixos homófonos: *re-* “repetição”, que só se une a bases livres e é altamente produtivo na língua e *re-* “movimento para trás”, que só atua com bases presas. Ambos os prefixos só se associam a verbos. *Re-* “repetição” só se une a bases verbais que permitam a retomada da ação verbal, portanto, não se combina com verbos estativos, perfectivos télicos, atélicos e performativos. Também não se adiciona a bases verbais iniciadas por *r-*.

Por último, foi analisado o prefixo *sobre-*. Após uma rápida abordagem da forma homônima *sobre* (preposição), analisamos as bases com que o formativo *sobre-* se combina e concluímos que este prefixo se adiciona a substantivos, adjetivos e verbos que sejam passíveis de intensificação ou que admitam ser localizados no espaço. Durante o trabalho de coleta de palavras prefixadas com *sobre-*, constatou-se

que este prefixo não é muito produtivo no estágio atual da língua, pois são raras as formações prefixadas com este formativo em jornais e revistas.

CONCLUSÃO

Este estudo analisou o comportamento dos prefixos *anti-*, *des-*, *in-*, *re-* e *sobre-*, com o intuito de obter informações que auxiliassem no estabelecimento de padrões gerais para o processo de formação de palavras por derivação prefixal. A partir do estudo da distinção entre composição e derivação, procurou-se responder às questões que nortearam este estudo, colocadas no início deste trabalho. Dividiu-se a pesquisa, então, em dois capítulos.

No primeiro capítulo, estudamos a distinção entre os dois principais mecanismos de formação de palavras na língua portuguesa: a composição e a derivação. Procurou-se responder às questões: a) a prefixação é um caso de composição ou de derivação?; b) como estabelecer a diferença entre prefixos e bases presas?; c) como estabelecer a relação entre prefixos com identidade de forma mas que não levam a resultados que permitem identificar uma certa unidade de significado?

Os resultados do estudo da distinção entre os dois principais processos de formação de palavras mostraram que a derivação e a composição são mecanismos distintos de formação de palavras.

O processo de composição tem como função fundamental a nomeação, ou seja, quando recorremos a este processo de formação de palavras, acionamos a engrenagem de criação lexical responsável pela nomeação de seres, objetos, fatos, ações etc. Este processo refere-se, portanto, a noções particulares ou individuais.

Se a função do processo de composição é a nomeação, este mecanismo forma, por conseguinte, nomes substantivos e, em menor número, nomes adjetivos. Os verbos que compõem palavras compostas são nomes substantivos: *pisca-pisca*,

bate-boca, corre-corre, leva-e-traz, bate-e-volta-, porta-copos, porta-bandeira, guarda-roupa, guarda-volume etc.

No processo de composição, os elementos formativos não são selecionados categorialmente: uma nova palavra é sempre possível de ser criada, a fim de atender à necessidade de nomeação de novos objetos, substâncias, fatos, ações etc. Nas palavras compostas, os elementos primitivos perdem a significação própria em benefício de um conceito único, novo e específico.

Estudamos também nessa seção a composição com base livre e com base presa, que não se revela muito produtiva, a não ser para nomear invenções ou objetos referentes às novas tecnologias.

Já o processo de formação de palavras por derivação prefixal obedece a noções de caráter comum e geral. Quando recorremos ao processo de derivação, acionamos o mecanismo de criação lexical responsável pela formação de outra palavra semanticamente relacionada com a palavra-base ou originária.

Com base em autores de diferentes orientações teóricas, relacionamos as características da prefixação e estabelecemos a definição para um elemento prefixal: o prefixo é uma forma presa; não é uma base, ou seja, não é uma palavra; adiciona idéias gerais e serve para formações em série. Por este critério, constatamos que, atualmente, formas como *agro-*, *eco-*, *aero-*, *auto-*, *bi-* atuam como verdadeiros prefixos, pois adicionam a mesma idéia às bases a que se unem e, recorrentemente, adicionam a mesma idéia a outras bases, fugindo, portanto, do comportamento comum de bases presas, que regularmente formam palavras compostas que costumam perder seu significado individual e passam a ter um significado global. Essas formas, que apresentam um acentuado grau de independência têm, entretanto, menor rendimento que os verdadeiros prefixos.

No segundo capítulo, procuramos responder à pergunta: d) como estabelecer as características das bases com que os prefixos se combinam? Para isso, analisamos o comportamento dos prefixos acima mencionados quando combinados com diferentes classes de bases morfológicas – substantivas, adjetivas e verbais, a fim de verificar se esses elementos formativos apresentam um comportamento sistemático em seu processo de formação de palavras.

Os resultados das análises revelaram que: a) o processo de formação de palavras por prefixação apresenta regularidade e sistematicidade em seu processo de formação; b) ao contrário da composição, a prefixação impõe restrições sintáticas, morfológicas e semânticas às bases a que une; c) as propriedades semânticas dos prefixos interagem com as propriedades semânticas aspectuais das bases, proibindo certas combinações e realizando outras; d) em termos de estrutura, os prefixos acrescentam às bases com que se combinam um significado bastante preciso.

Após este levantamento, podemos extrair as seguintes conclusões:

- a) o prefixo é uma forma presa;
- b) coloca-se à esquerda de uma base;
- c) apresenta uma identidade fonética, uma identidade semântica e uma identidade funcional;
- d) tem um comportamento previsível, regular e sistemático;
- e) tem uma função predeterminada;
- f) adiciona às bases idéias comuns e gerais;
- g) acrescenta recorrentemente a mesma idéia às bases a que se une;
- h) serve para produções em série;
- i) impõe restrições morfológicas, sintáticas, semânticas e fonológicas às bases a que se une.

Os resultados das análises evidenciaram também que há uma sistematicidade subjacente ao processo de formação de palavras por prefixação, quer em relação aos significados dos prefixos em questão, quer em relação às características morfo-semânticas das bases com que se combinam. A combinação de elementos prefixais com as bases está sujeita não só à seleção sintática, como, também, à seleção semântica.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, N. M. de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 42 ed., São Paulo: Saraiva, 1998.

ALVES, I. M. "Prefixos negativos no português falado". In: ILARI, R. (org.). **Gramática do português falado**: níveis de análise lingüística. Campinas: UNICAMP, 1993a. v. 2. p. 99-109.

_____. "Formações prefixais no português falado". In: CASTILHO, A.T. **Gramática do português falado**: as abordagens. Campinas: UNICAMP, 1993b. v. 3 p. 383-398.

_____. **Neologismo: criação lexical**. 2 ed., São Paulo: Ática, 1994.

ARONOFF, M. **Word formation in generative grammar**. Cambridge: The MIT Press, 1976.

BASÍLIO, M. **Estruturas lexicais do português**: uma abordagem gerativa. Petrópolis: Vozes, 1980.

_____, et alii. "Prefixos: a controvérsia derivação/composição". In: **CADERNOS DE LINGÜÍSTICA E LÍNGUA PORTUGUESA**. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 1989. v. 1. p. 3-13.

_____. "O estudo da morfologia no português falado: condições de produtividade e condições de produção". In: CASTILHO, A.T. **Gramática do português falado**: as abordagens. Campinas, 1993. v. 3. p. 364-372.

_____. **Teoria lexical**. 5 ed., São Paulo: Ática, 1998.

BASTOS, L.C. "Os prefixos negativos *a-* e *anti-*". In: **CADERNOS DE LINGÜÍSTICA E LÍNGUA PORTUGUESA**. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 1989. v.1. p.14-27.

BECHARA. E. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed., Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral II**. Campinas: Pontes, 1989.

BIDERMAN, M.T.C. **Teoria lingüística**: teoria lexical e computacional. 2 ed., São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BLOOMFIELD, L. **Language**. Chicago: The University of Chicago Press, 1933.

CABRAL, L.S. **Introdução à lingüística**. Porto Alegre: Globo, 1974.

CAMARA JR, J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 33 ed., Petrópolis: Vozes, 1970.

CAMARA JR, J. M. **Problemas de lingüística descritiva**. 19 ed., Petrópolis: Vozes, 1971.

_____. **Princípios de lingüística geral**. 4 ed., Rio de Janeiro: Acadêmica, 1972.

_____. **História e estrutura da língua portuguesa**. 2 ed., Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

_____. **Dicionário de lingüística e gramática**. 21 ed., Petrópolis: Vozes, 1977.

CARONE, F. B. **Morfossintaxe**. 9 ed., São Paulo: Ática, 2001.

CARVALHO, N. **O que é neologismo**. 2 ed., São Paulo: Brasiliense, 1987.

CAVALCANTI, R. F. **Um estudo sobre alguns prefixos de origem latina numa abordagem gerativa**. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 1980. Dissertação de Mestrado.

CHING, L. "Sobre a formação de palavras com prefixos em português actual". In: **CENTRO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS**. Lisboa, 1973. p. 1-102.

CHOMSKY, N. **Aspectos da teoria da sintaxe**. 2 ed., Coimbra: Armênio Amado, 1978.

_____. "Remarks on nominalization". In: JACOBS, R.; ROSENBAUM, P. **Readings in English transformational grammar**. Waltham, Massachusetts: Ginn & Co., 1970. p.184-221.

COLLAÇO, A.C. **A direcionalidade dos processos de formação de palavras por derivação**. Florianópolis: UFSC, 1992. Dissertação de Mestrado.

COSTA, I.B. "Processos morfofonológicos na morfologia derivacional". In: ILARI, R. (org.). **Gramática do português falado: níveis de análise lingüística**. Campinas: UNICAMP, 1993. v.2. p.135-147.

COSTA, S.B.B. **O aspecto em português**. 2 ed., São Paulo: Contexto, 1997.

COUTINHO, I.L. **Pontos de gramática histórica**. 7 ed., Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CUNHA, A.G. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. 2 ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

CUNHA, C. **Gramática do português contemporâneo**. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1978.

_____; CINTRA, L.L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2 ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DECAT, M.B.N. et alii. **Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

DI SCIULLO, A.M. Prefixed-verbs and adjunct identification. In: **Projections and interface conditions: essays on modularity**. Oxford: University Press, 1997.

DUARTE, P.M.T. **Classes e categorias em português**. Fortaleza: EUFC, 2000.

_____. **Elementos para uma morfologia do português: em torno da noção de radical**. Fortaleza: EUFC, 2001.

DUBOIS, J. et alii. **Dicionário de lingüística**. 15 ed., São Paulo: Cultrix, 1991.

ELSON, B.; PICKETT, V. **Introdução à morfologia e à sintaxe: tentativa e experimento**. 2 ed., Petrópolis: Vozes, 1978.

FARACO, C. A. **Gramática: fonética e fonologia, morfologia, sintaxe, estilística**. 19 ed., São Paulo: Ática, 2000.

FERREIRA, M.A.S.C. **Estrutura e formação de palavras: teoria e prática**. São Paulo: Atual, 1988. 71p.

FERREIRA, A.B.H. **Novo Aurélio século XXI**. 3 ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FIGUEIREDO SILVA, M.C.; MIOTO, C. **Considerações sobre a prefixação**. Florianópolis: UFSC, 2003. (Manuscrito)

FREITAS, H. R. **Princípios de morfologia: visão sincrônica da derivação em português**. 2 ed., Rio de Janeiro: Presença, 1981.

GAMARSKI, L. "Condições de estruturação sintático-semântica da nominalização em contextos situacionais específicos". In: CASTILHO, A.T. **Gramática do português falado: as abordagens**. Campinas: UNICAMP, 1993. v.3. p. 373-382.

GUILLÉN, V. "Prefixos hiper- e ultra-: um estudo sobre a produtividade lexical". **CADERNOS DE LINGÜÍSTICA E LÍNGUA PORTUGUESA**. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 1989. v.1. p. 43-62..

HECKLER, E. et alii. **Estrutura das palavras: famílias, morfologia, análise, origem**. São Leopoldo: UNISINOS, 1994.

ILARI, R. **A expressão do tempo em português**. São Paulo: Contexto: EDUC, 1997.

_____; GERALDI, J.W. **Semântica**. 7 ed., São Paulo: Ática, 1995.

KATAMBA, F. **Morphology**. Houndmills: The Macmillan Press, 1993.

KEHDI, V. **Formação de palavras em português**. São Paulo: Ática, 1992.

- KEHDI, V. **Morfemas do português**. 5 ed., São Paulo: Ática, 1999.
- LANGACKER, R.W. Estrutura da linguagem. In: **A linguagem e sua estrutura: alguns conceitos lingüísticos fundamentais**. Petrópolis: Vozes, 1980.
- LAROCA, M.N.C. **Manual de morfologia do português**. Campinas: Pontes; Juiz de Fora: UFJF, 1994.
- LONGO, L.S.C. **A negação morfológica em português**. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 1980. (Manuscrito)
- LUFT, C. **Moderna gramática brasileira**. Porto Alegre: Globo, 1976.
- _____. **Grande manual de ortografia Globo**. 2 ed., São Paulo: Globo, 2002.
- LYONS, J. **Introdução à lingüística teórica**. São Paulo: Editora Nacional, 1979.
- MACAMBIRA, J.R. **Português estrutural**. 2 ed., São Paulo: Pioneira, 1978.
- _____. **A estrutura morfo-sintática do português: aplicação do estruturalismo lingüístico**. São Paulo: Pioneira, 2001.
- MARQUES, M.H.D. **Iniciação à semântica**. 4 ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- MATTHEWS, P. H. **Morphology**. 2nd ed. Cambridge: Cambridge Universal Press, 1991.
- MONTEIRO, J.L. **Morfologia portuguesa**. 4 ed., Campinas: Pontes, 2002.
- NEVES, M.H.M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2000.
- POTTIER, B. et alii. **Estruturas lingüísticas do português**. 3 ed., São Paulo: Difel, 1975.
- ROCHA, L.C.A. **Estruturas morfológicas do português**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- ROCHA LIMA, C.H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 35 ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- ROSA, M.C. **Introdução à morfologia**. São Paulo: Contexto, 2000.
- RUWET, N. **Introdução à gramática gerativa**. 2 ed., São Paulo: Perspectiva, 2001.
- SAID ALI, M. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 8 ed. rev. e atual. São Paulo: Melhoramentos, 2001.
- SANDMANN, A.J. "O que é um composto". In: **D.E.L.T.A.** São Paulo: EDUC, 1990, n.1. v.6. p. 01-18.

SANDMANN, A.J. **Competência lexical**: produtividade, restrições e bloqueio. Curitiba: UFPR, 1991.

_____. "A composição no português falado". In: CASTILHO, A.T. **Gramática do português falado**: as abordagens. Campinas: UNICAMP, 1993. v.3 p. 398-404.

_____. **Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo**. 2 ed., Curitiba: UFPR, 1996.

_____. **Morfologia geral**. 3 ed., São Paulo: Contexto, 1997a.

_____. **Morfologia lexical**. 2 ed., São Paulo: Contexto, 1997b.

SILVA, C. **Gramática transformacional**: uma visão global. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

SILVA, L.A. **O nome e seus determinantes**: teoria e prática. São Paulo: Atual, 1989.

SILVA, M.C. P.S.; KOCH, I.G.. **Linguística aplicada ao português**: morfologia. 12ed., São Paulo: Cortez, 2001.

SPENCER, A. **Morphological theory**: an introduction to word structure in generative grammar. Oxford: Blackwell, 1991.

_____; ZWICKY, A. Derivation. In: **The handbook of morphology**. Oxford: Blackwell, 1998.

STEFFEN, E.A. **A gramática gerativa-transformacional e o ensino da língua portuguesa**. Santa Maria: Edições UFSM, 1987.

TONDO, N.V. **Uma teoria integrada da comunicação linguística**: introdução à gramática transformacional. Porto Alegre: Sulina, 1973. 291p.

TRAVAGLIA, L.C. **O aspecto verbal no português**: a categoria e sua expressão. 3 ed., Uberlândia: EDUFU, 1994.

ZANOTTO, N. **Estrutura mórfica da língua portuguesa**. 4 ed., Caxias do Sul: EDUCS, 2001.